

JULIA APARECIDA LINARI

**PROGRAMA PRÉ-APOSENTADORIA:
O RECOMEÇO DE UMA NOVA VIDA —
CRISE OU OPORTUNIDADE?
O CASO CESP**

**MESTRADO — PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM
GERONTOLOGIA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2004

JULIA APARECIDA LINARI

**PROGRAMA PRÉ-APOSENTADORIA:
O RECOMEÇO DE UMA NOVA VIDA —
CRISE OU OPORTUNIDADE?
O CASO CESP**

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para a
obtenção do título de Mestre em
Gerontologia, sob a orientação da Prof^a
Dr^a Elisabeth Frohlich Mercadante.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2004

BANCA EXAMINADORA

DEDICATÓRIA

*Aos meus avós,
raízes profundas da maravilhosa família que me deram.*

*Aos meus pais,
por me ensinarem a valorizar cada momento da vida.*

*Aos meus filhos,
por tudo que eles representam em minha vida.*

*E a Deus,
por ser tão generoso comigo, me brindando com suas bênçãos, com
essas pessoas fantásticas, com seu amor e dedicação, sempre iluminando o
meu caminho, oferecendo-me sabedoria e determinação para a realização
deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não poderia ter sido escrito sem a inspiração e o apoio de muitos homens e mulheres notáveis mencionados em suas páginas, e de muitos outros que não chegam a ser citados. A todos gostaria de expressar minha mais profunda gratidão;

À Prof^a Dr^a Elisabeth Frohlich Mercadante, minha orientadora, por ter acreditado em meu projeto, pelo carinho, pela extrema paciência e atenção.

À Prof^a Dr^a Suzana Aparecida Rocha Medeiros, com seu exemplo de vida, pela sua contribuição nas aulas e no exame de qualificação.

À Prof^a Dr^a Beltrina Pereira Corte, pela sua contribuição no projeto, nas aulas e pelo olhar crítico no exame de qualificação, os quais enriqueceram minhas reflexões.

À Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul, pelo recebimento de parte das horas-pesquisa, sem as quais este trabalho não poderia ser concluído.

A todos os docentes e à secretária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, pelo inestimável incentivo e apoio contribuindo assim, para a realização desta pesquisa.

A todos que me concederam seus depoimentos, cuja contribuição foi fundamental e com os quais divido a autoria deste trabalho.

Aos amigos e às amigas cujas experiências, compartilhadas comigo, resultaram em valiosas contribuições, pelo apoio constante, pelo incentivo do amor e da amizade. Não fosse por estas pessoas, eu não teria tido o ânimo de enfrentar mais este desafio;

A Frank Roy Cintra Ferreira, pelas preciosas observações durante a revisão do texto, dando um toque especial neste trabalho.

E aos meus filhos, pelo amor, pelo entusiasmo, pelo companheirismo, pela calma e pela ajuda em agüentar as minhas crises e as panes do computador, sem o que este sonho não se tornaria realidade.

RESUMO

No imaginário da sociedade moderna, o trabalho é exaltado e tem caráter de obrigação moral. A aposentadoria e o afastamento do trabalho pode representar uma ruptura identitária, implicando uma reorganização do projeto de vida. Esse processo acarreta profundas mudanças no cotidiano das pessoas; por isso, é necessário preparar-se para essa nova fase da vida, planejando-a. O estudo que deu origem a este texto teve como objetivo analisar, por meio de depoimentos, as transformações ocorridas na vida dos aposentados que passaram pelo Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp: observar o rebatimento na vida dos aposentados, se houve transformação no novo ciclo de vida e finalmente se este Programa realmente minimizou, neste grupo, o impacto provocado pela passagem do estágio de trabalho para a aposentadoria. Foram estudadas transcrições de entrevistas gravadas com depoimentos de oito aposentados que passaram pelo Programa de Preparação Pré-Aposentadoria CESP.

Palavras-chave: trabalho; aposentadoria; velhice

ABSTRACT

In modern society imaginary, labor is exalted and has a moral obligation character. Retirement and being out of work may represent an identity rupture that implies life project reorganization. This process brings deep changes in one's day-to-day; so, he or she must get ready for and plan that new life phase. This study's aim is to analyze, in the transcriptions of recorded interviews with eight retired people that went through Cesp's Pre-Retirement Preparation Program of Companhia Energética de São Paulo, the transformations in their life: to observe the effect of that Program on their life, if there were changes in their new cycle of life, and finally if that Program really minimized, in that group, the impact of going from work to retirement.

Keywords: labor; retirement; old age

SUMÁRIO

Abreviaturas usuais, VII

Introdução, 1

Capítulo 1 Previdência, Aposentadoria e Programa Cesp, 8

Capítulo 2 Entrevistas e Entrevistados, 22

Capítulo 3 Cenário Atual da Previdência, 75

Considerações Finais, 86

Bibliografia, 96

Anexos, 101

ABREVIATURAS USUAIS

AAFC – Associação dos Aposentados da Fundação CESP

CESP – Centrais Elétricas do Estado de São Paulo (até 1977)

CESP – Companhia Energética de São Paulo (após 1977)

CPF – Cadastro de Pessoas Físicas

CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social

FUNCESP – Fundação CESP

INPS – Instituto Nacional de Previdência Social

PIPA - Programa integrado de preparação para a aposentadoria

PIS – Programa de Integração Social

PPA – Programa de preparação para aposentadoria

SMR – Salário Mínimo de Referência

Introdução

O tema do envelhecimento seduziu-me quando comecei a atuar como representante credenciada junto à previdência pública. A empresa em que trabalhava tinha convênio de benefícios com o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Os funcionários não precisavam comparecer ao posto do INPS: entregavam-me os documentos necessários, eu realizava a contagem de tempo de serviço e, a partir daí, iniciava o processo de orientação quanto aos documentos necessários para receber o benefício. Recolhia os documentos, preenchia os formulários, dava entrada no processo e o acompanhava até que saísse a aposentadoria e o funcionário recebesse o primeiro pagamento.

Desde então, comecei a participar de seminários sobre programas pré-aposentadoria — posso citar o XXVIII Programa de Reflexão sobre a Aposentadoria, promovido pela Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL), de 21 a 26 de março de 1993, na cidade de Ibitinga; o Simpósio Nacional de Programas de Reflexão sobre a Aposentadoria (Simpra), promovido pela CPFL de 16 a 19 de agosto de 1993, em Campinas; e o Seminário Uma Nova Visão sobre A Previdência Social "Reformada", promovido pela LTr Editora, em março de 1999, em São Paulo — e também a me interessar pelo que dizia respeito a esta etapa da vida. Sensibilizada pelo aumento da população idosa no Brasil e principalmente pelo tempo maior em que as pessoas dessa faixa viverão suas vidas como aposentadas, penso ser necessário refletir sobre o assunto e sobre aqueles programas.

Ao longo de nossa existência, somos submetidos a um processo educativo e adquirimos papéis voltados para o trabalho. No entanto, com o decorrer do tempo, perdemos aos poucos a autonomia social, em especial com o advento da aposentadoria. A partir desse momento, as pessoas geralmente se sentem limitadas na formulação de novos projetos de vida, porque não foram preparadas ou estimuladas a descobrir ou investir em novos papéis. Acredito que esse é um contexto que, no limiar de um novo

século, exige novas ações voltadas para esse grupo populacional. Na maioria dos casos com que tive contato durante minha trajetória de vida, pude constatar que envelhecer é um processo extremamente difícil e desagradável.

À semelhança do que ocorre em outros países, a população brasileira está "envelhecendo" rapidamente. Dados estatísticos da Organização Mundial de Saúde (OMS), fornecidos pelo Instituto de Gerontologia da Universidade Cândido Mendes, revelam que, entre 1950 e 2025, enquanto a população total aumentará cinco vezes, a população de idosos no Brasil crescerá 16 vezes, chegando a 32 milhões de pessoas. Com isto, passaremos a ocupar, no fim daquele período, o sexto lugar entre as nações com maior número de habitantes maiores de 60 anos de idade (cf. www.candidomendes..../body_instituto_de_gerontologia.htm).

Outros dados, levantados por uma pesquisa realizada em 11 países pelo recém-inaugurado Instituto Sodexho para o Desenvolvimento da Qualidade de Vida no Cotidiano, indicam que o Brasil deverá ostentar, até 2025, a segunda maior taxa de crescimento da população com mais de 65 anos nos países analisados, perdendo apenas para os Estados Unidos. O envelhecimento da população brasileira foi acompanhado pelo prolongamento da expectativa de vida, de 66,7 anos para 84 anos. Segundo Plínio de Oliveira, diretor geral da Sodexho Brasil, o número de pessoas com mais de 80 anos deverá triplicar no país, passando de 1,3 milhão para 4,5 milhões nesse mesmo período (cf. www.estado.estadao.com.br/edicao/pano/99/.../ger863.htm).

Estes números constituem um ponto de partida que não pode ser ignorado quando se reflete sobre o envelhecimento e sobre o número de anos cada vez maior que as pessoas idosas viverão como aposentadas. Seja qual for a história e o recorte social destes milhões de homens e mulheres, é impossível não reconhecer sua presença, sua visibilidade no tecido social, mesmo excluídos do mercado de trabalho.

Por isso, a discussão sobre *aposentadoria* e *cidadania* no pós-trabalho põe em relação dois conceitos que devem ser explicitados, mesmo que não os esgotemos nos limites desta pesquisa. São termos histórica e socialmente construídos e não podem ser definidos de maneira abstrata. Ambos, de fato, estão relacionados com o desenvolvimento da sociedade capitalista e, mais

precisamente, com a ampliação da categoria de trabalhadores assalariados como forma dominante de relação social. É necessário, nesta reflexão, analisar uma relação fundamental: a saída do trabalhador do mundo da produção/idade cronológica e o início de outra etapa de sua vida, como aposentado, talvez mais longa do que as anteriores.

Quanto à aposentadoria, pode-se dizer que é um direito do trabalhador, duramente conquistado e mantido, mas é um direito pelo qual ele muitas vezes paga um preço muito alto. Uma de suas conseqüências mais dramáticas é, ou pode ser, não só a exclusão do indivíduo do mundo da produção, no qual é reconhecido, mas também sua colocação em uma espécie de limbo social, onde passa a viver como um fantasma, um ser que está aí, mas ninguém enxerga.

Quanto à categoria velhice, "comentar a dimensão simbólica da Terceira Idade é observar que essa é uma construção social, não forçosamente determinada pela idade das artérias ou cronológica" (Magalhães, 1989, p. 52). A categoria do ser idoso constitui-se sobre uma base física, *biodemográfica*, que interage com a sociedade e o indivíduo em todas as suas dimensões (econômica, social, cultural, política, jurídica, psíquica e ideológica). A conceituação de velhice é subjetiva: há quem se considera idoso com 40 anos de idade, e há os que não se sentem velhos aos 80 anos. Salgado (1980, p. 13) arrola uma série de critérios para conceituar a velhice. Ele parte do envelhecimento biológico, do decréscimo funcional do organismo humano, e passa pelo envelhecimento psicológico; aborda também o envelhecimento social, resultante da valorização excessiva da força da produção do homem, de seu valor de ser social na proporção do que seja capaz de produzir.

Observa-se no dia-a-dia do trabalho que o sonho dos assalariados consiste em se livrar da servidão ao trabalho para se tornar senhores de suas vidas — ou seja, senhores do seu tempo livre. Todavia, ao alcançar dito sonho, perdem-no. Ou, pior, pode se revelar um pesadelo ou uma dependência tão ou mais insuportável do que a anterior, constituída pelo relógio de ponto e pelas repetitivas tarefas cotidianas. Por que isso acontece? Porque, ao contrário do que nos é incutido desde cedo até o fim de nossa existência, não é o trabalho que dá sentido à vida. É uma dimensão

necessária e fundamental, contudo insuficiente, em especial no caso das atividades alienadas e alienantes da sociedade industrial. Não é outra a razão por que se almeja tanto pelos feriados, pelos fins de semana, pelas férias e pela aposentadoria, embora não se saiba o que fazer com o tempo livre.

Friedrich von Schiller, dramaturgo e poeta alemão do século XVIII, percebeu muito bem que as transformações sociais e de valores trazidos pelo capitalismo criavam uma nova espécie de homem, mais produtivo, mais eficiente — e, ao mesmo tempo, incapaz de dominar sua própria existência, reduzido a ser uma parte apenas mecanicamente ligada à totalidade social.

Sofreram separação violenta o Estado e a Igreja, as leis e os costumes; o gozo foi separado do trabalho, o meio da felicidade, o esforço da recompensa. Eternamente acorrentado a uma pequena partícula do todo o homem só pode formar-se enquanto partícula; ouvindo eternamente o mesmo ruído monótono da roda que ele aciona, o homem não desenvolve a harmonia de seu ser, e, em lugar de desdobrar em sua natureza a humanidade, tornou-se mera cópia de sua ocupação, de sua ciência (Schiller, 1991, p. X).¹

No caso do aposentado, todavia, a situação pode ser ainda mais dramática. Destituído do trabalho que dava "sentido" à sua vida, talvez não lhe reste nem ser a cópia dessa ocupação. Acredita-se também que a preparação pré-aposentadoria deve ser encarada como processo de educação contínua, não apenas como programa de treinamento estanque e isolado.

Essas reflexões não devem ser evitadas, sobretudo quando se deseja outra maneira de viver a aposentadoria, com suficiente garantia de condições de vida materialmente decentes. Conscientes das conseqüências existenciais, sociais, políticas e econômicas decorrentes do processo de envelhecimento populacional brasileiro, tendo acompanhado estudos paralelos desde 1980, e dada a relevância do tema, órgãos como o Centro de Referência do Envelhecimento (CRE) já vêm desenvolvendo programas de assessoria para as empresas que acreditam no potencial de seus

¹ O original alemão foi escrito entre 1794 e 1795.

colaboradores e querem contribuir para o bem-estar da comunidade (cf. www.gerontologia.com.br).

Feitas estas considerações, procurei nesta pesquisa avaliar a eficácia desses programas, tendo em vista a ausência de projetos sociais, além da necessidade de novos campos de trabalho. Na tentativa de contribuir socialmente com algumas reflexões, escolhi como tema a pré-aposentadoria e, especificamente, o Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp, da Companhia Energética de São Paulo (Cesp). Procurei verificar se de fato tais programas respondem às demandas e aos desafios que se levantam com o envelhecimento de nossa população. Nessas condições, um dos objetivos deste estudo é estabelecer, por meio da tomada de depoimentos, as transformações na existência dos aposentados que passaram pelo Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp, os rebatimentos deste no seu novo ciclo de vida e se este programa de fato minimizou o impacto provocado pela passagem do mundo de trabalho para a aposentadoria.

Para atingir os objetivos propostos, delinearam-se certos procedimentos metodológicos. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas e depoimentos gravados com oito pessoas aposentadas que passaram pelo programa de pré-aposentadoria da Cesp. A partir de seus testemunhos, procurou-se determinar qual o rebatimento dessa experiência na vida deles, se houve alguma transformação no seu novo ciclo de vida e se aquele programa realmente minimizou, neste grupo, o impacto provocado pela passagem da condição de trabalhador para a de aposentado.

Na concretização desta metodologia, foram seguidos alguns passos. Em primeiro lugar, efetuaram-se levantamentos de dados sobre o programa em questão, mediante entrevista com seu organizador. A seguir, para localizar os aposentados e colher seus depoimentos, foram feitos contatos com os setores de recursos humanos da Cesp, em São Paulo, e da Associação dos Aposentados da Cesp, de São Paulo, de Ilha Solteira e da Regional de Bauru.

Para coleta de dados do informante e do programa, foi utilizado o formulário "Ficha de Identificação do Informante" (ver Anexos). Também se recorreu aos formulários "Diário de Campo" (ver Anexos), para recuperar

posteriormente o que não ficou explícito na entrevista — como os silêncios, os "ahn-han", que embora não sejam palavras devem ser valorizados —, e "Autorização para Realizar Entrevistas" (ver Anexos), em que se explica o método de trabalho com gravador para o registro das entrevistas. Foi realizado um pré-teste, no qual se pôde observar que o roteiro inicial deveria ser alterado em alguns pontos para a concretização dos objetivos.

As entrevistas foram gravadas segundo um roteiro em que a pesquisadora solicitava aos entrevistados — obtida sua indispensável permissão — que falassem sobre a passagem pelo programa, sobre o que faziam antes da aposentaria, quanto tempo havia que estavam aposentados, em que medida houvera alguma transformação no seu ciclo de vida depois da participação no programa, etc. Indagou-se se o primeiro contato da empresa de comunicação sobre a participação no Programa de Preparação Pré-Aposentadoria CESP com o aposentado poderia ter sido diferente, tendo em vista ser uma fase de transição para a qual as pessoas não se encontram normalmente preparadas, e se este achava que já era um perfil dele ou se todas as informações fornecidas no Programa de Preparação Pré-Aposentadoria CESP contribuíram para viver esse ciclo de vida como aposentado, aproveitando o tempo livre, de forma tranqüila e criativa. Perguntou-se se acreditava que o Programa havia reduzido o impacto provocado pela passagem da situação de trabalho para aposentadoria e se tinha alguma expectativa antes de ir participar do programa. Para o entrevistado, o que significava ser velho? Qual a relação entre ser velho e ser aposentado? Mesmo com a preparação obtida no programa, o que sentira no dia em que se aposentou? Com o tempo já passado, como se sentia? Houvera alteração da sua rotina doméstica? Para encerrar a entrevista, solicitava-se que o entrevistado deixasse suas opiniões e sugestões (uma "dica") a quem fosse se aposentar.

Diante da impossibilidade de ouvir os milhares de aposentados que participaram do Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp, utilizamos uma amostra constituída por entrevistados de São Paulo, de Ilha Solteira e da Regional de Bauru. O maior número de entrevistados é de Ilha Solteira, devido às facilidades que tivemos em contatá-los.

A pesquisa bibliográfica voltou-se para o tema propriamente dito e temas afins. Recorreu-se também a pesquisas anteriores sobre temas semelhantes. Os instrumentos técnicos utilizados para as entrevistas foram subsidiados por Queiroz (1983).

Quanto à organização do texto da presente dissertação — que não pretende mais do que contribuir com o debate sobre o tema, sem obviamente exauri-lo —, o primeiro capítulo aborda questões referentes a previdência social, informações da época sobre a situação da aposentadoria por tempo de serviço e da aposentadoria especial, como contribuía os empregados e as empresas e o que se propunha. Resgata também aspectos referentes ao Programa Preparação Pré-Aposentadoria Cesp, no caso do módulo I, que valoriza o trabalhador e mostra uma visão integrada do homem, e do módulo II, que prepara a empresa para a manutenção tecnológica. No segundo capítulo, estão depoimentos sobre o Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp e análises interpretativas dos dados colhidos quanto à pesquisa e aos resultados apresentados. No terceiro capítulo, examinam-se informações do cenário atual da previdência social, que são comparadas com as da época em que nossos entrevistados se aposentaram, além de dados sobre o envelhecimento.

Nas considerações finais deste estudo, faço algumas reflexões, a partir dos referenciais teóricos analisados, da pesquisa, da entrevista realizada e de minha própria experiência pessoal e profissional.

Previdência, Aposentadoria e Programa Cesp

Neste primeiro capítulo, vou discutir questões referentes à previdência social, à aposentadoria por tempo de serviço e à aposentadoria especial, além de aspectos do Programa Preparação Pré-Aposentadoria Cesp.

Quando se estudam assuntos referentes a programas de preparação pré-aposentadoria, é preciso refletir sobre categorias tais como trabalho e aposentadoria. Também cabe analisar o cenário da previdência social em determinada época e determinar em quais critérios que enquadravam empresa e empregados.

A necessidade de o aposentado sentir-se "num porto seguro" faz com que a família assuma grande significado na sua vida. O seu bem-estar depende das boas relações familiares. Por outro lado, o medo do aposentado quanto à dependência econômica, com a falta de políticas sociais que lhe garantam um envelhecimento tranquilo, traz angústia e, com esta, o sentimento de ser um encargo para a família. Nessas circunstâncias, pode-se dizer que o cidadão aposentado exerce plenamente sua cidadania quando esbarra na questão econômica. Por isso, entendemos importante desenvolver aqui observações relativas à previdência social — um direito do trabalhador e de todos os segurados e seus dependentes, que se beneficiam da legislação correspondente.

Abrangendo quase todos os riscos a que se expõe o trabalhador em atividade, a previdência social tem por objetivo amparar o cidadão com a prevenção de eventos de características coletivas normalmente previsíveis, tais como nascimento, doença, acidente, velhice ou morte, e garantir a seus segurados um conjunto de benefícios que possibilitam, a eles e a suas famílias, condições mínimas de sobrevivência nos momentos de infortúnio ou quando perdem definitivamente a capacidade de trabalho.

A história da previdência social em geral pode ser dividida em várias etapas. Ainda que a França e a Inglaterra sejam consideradas nações

iniciadoras da previdência social — a *Poor Law*, "Lei dos Pobres", surgiu na Inglaterra em 1601 —, foi na Alemanha, em 1883, que se criou um verdadeiro sistema de *seguro social* organizado pelo Estado sob a inspiração de Bismarck (cf. Paixão, 1993).

No Brasil, as formas de *montepio* são, entre nós, as manifestações mais antigas de previdência social. Dessa fase embrionária de assistência são também as Santas Casas e as Sociedades Benéficas. Já no Império, no orçamento votado para o ano de 1889, foi autorizada pelo governo a criação de uma "caixa de socorro" para o pessoal de cada uma das estradas de ferro estatais. Em 1919, implantou-se a Lei do Acidente do Trabalho. Foi em 1923, com a Lei Eloi Chaves, que se implantou efetivamente em nosso País a previdência social. Com aquele ato legislativo foram criadas as "caixas de aposentadorias e pensões" para os empregados das empresas ferroviárias. Esta lei foi ampliada em 1925, e seu regime estendeu-se aos portuários e marítimos. A intensificação do sistema de previdência social deveu-se, sobretudo, à criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, em fins de 1930. O segundo grande marco na evolução de nossa previdência surgiu em 1931, com a reformulação da legislação anterior (cf. Paixão, 1993).

A partir de 1933, outra fase se iniciou, com a criação de grandes instituições como o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos (IAPM) em 1933, o Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes (IAPC) e o Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários (IAPB) em 1934, o Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários (IAPI) em 1936, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (Iapetc) em 1938 e o Instituto dos Serviços Sociais (ISS), em 1945 (cf. Paixão, 1993).

Em 1953, de 183 caixas de aposentadorias e pensões formou-se a Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários e Empregados em Serviço Público (Capfesp). E o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários e Empregados em Serviços Públicos (Iapfesp) foi criado em 1960 (cf. Paixão, 1993).

Foi o Decreto-Lei nº 72/1966 que aglutinou os seis institutos num só órgão, o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Em 1977, foi

instituído o Sistema Nacional de Previdência Social (Sinpas). Resultado da fusão do INPS e do Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (Iapas), surgiu o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), em 1990 (cf. Paixão, 1993).

As finalidades do INSS são proceder à arrecadação, à fiscalização e à cobrança das contribuições sociais e demais receitas destinadas à previdência social; gerir os recursos do Fundo de Previdência e Assistência Social (FPAS), conceder e manter benefícios e serviços previdenciários e executar atividades e programas relacionados com emprego, apoio ao trabalhador desempregado, identificação profissional, segurança e saúde do trabalhador (cf. Paixão, 1993).

Segundo as informações sobre o plano de custeio e benefícios da previdência social fornecidas pelo setor de benefícios previdenciários da Cesp aos funcionários da empresa, em novembro de 1988 — quando os entrevistados por esta pesquisa estavam praticamente às vésperas da aposentadoria —, a contribuição previdenciária obedecia a um teto de 20 salários mínimos (10% sobre CZ\$ 409.520,00) e o salário de benefício (a aposentadoria) não superava 95% do maior valor teto da previdência, fixado na época em CZ\$ 311.800,00, valor que correspondia a 15,2 salários mínimos. Isto significava que, ao se aposentar, ninguém ganharia mais do que CZ\$ 296.210,00, ou 14,4 salários mínimos, mesmo que tivesse contribuído pelo teto de 20 salários mínimos por mais de 36 meses (como no cálculo da aposentadoria há um teto e não se corrigem monetariamente os 12 últimos salários de contribuição, mas apenas os 24 anteriores, na prática a maior aposentadoria não chegava nem nos 14,4 salários mínimos). Para ter direito à aposentadoria integral, o homem precisava comprovar 35 anos de trabalho e a mulher, 30 anos. Havia também as aposentadorias proporcionais, aos 30 e 25 anos, e as especiais, aos 25, 20 e 15 anos

A contribuição dos assalariados para a previdência era calculada diretamente sobre o ordenado bruto (ver Tabela, a seguir).

Havia um limite de 20 salários mínimos de referência (SMR) para a base de cálculo, ou seja, o máximo de desconto eram 10% sobre 20 SMR. Em novembro de 1988, o teto era de CZ\$ 40.952,00.

Tabela
Faixa salarial e alíquota de contribuição previdenciária
Novembro de 1988

Faixa salarial		Alíquota (em %)
Em SMR	Em CZ\$	
1 a 3	20.476,00 a 61.428,00	8,50
3 a 5	61.428,01 a 102.380,00	8,75
5 a 10	102.381,01 a 204.760,00	9,00
10 a 15	204.760,01 a 307.140,00	9,50
15 a 20	307.140,01 a 409.520,00	10,00

Fonte: Ministério da Previdência Social

Notas: SMR = Salário Mínimo de Referência (CZ\$ 20.476,00 em novembro de 1988).

Na reforma e nas várias propostas sugeridas pela previdência na primeira versão de anteprojeto de lei referente ao Plano de Custeio e Benefícios da Previdência Social, fixava-se um limite de 15 salários mínimos. Na segunda versão, o limite proposto era de 10 mínimos, como acontecia até 1973.

Como o SMR era reajustado todo mês acima da inflação, muitos salários, reajustados por sua vez em 21,39%, segundo o fator de atualização monetária — a Unidade de Referência de Preços (URP) —, estavam caindo para alíquotas mais baixas. Em compensação, quem recebia acima de 20 SMR contribuía com um valor cada vez mais alto: em outubro de 1988, pagara CZ\$ 31.512,00; em novembro de 1988, CZ\$ 40.952,00, um salto de praticamente 30%.

As empresas pagavam 10% sobre toda a folha salarial, isto é, a alíquota era única e não havia o limite de 20 SMR. Na segunda versão do já citado anteprojeto de lei, encaminhado ao Congresso em 5 de abril de 1989, está em branco a indicação de quanto às empresas passariam a pagar a mais no futuro. Na primeira versão do anteprojeto, propunha-se que a alíquota sobre a folha de salários passasse de 10% para 17,6%, com adicional de 2,5% no caso das instituições de mercado financeiro. Além disso, as empresas públicas e privadas que realizavam venda de mercadoria ou prestação de serviços, bem como as instituições financeiras, recolhiam 1% sobre a receita bruta. As demais empresas e as instituições financeiras pagariam 2,5% sobre o lucro líquido apurado em balanço.

Quando foi para o Congresso, aquele anteprojeto tornou-se a Lei nº 7.787, de 30 de junho de 1989, que dispunha sobre alterações na legislação de custeio da Previdência Social, e dava outras providências (cf. *DOU* de 3 de julho de 1989), levantou muita polêmica. À época, especialistas em legislação previdenciária afirmaram que, para continuar viável, a previdência fatalmente teria que adotar o limite de idade e se concentraria no atendimento das camadas mais pobres da população (cf. Carvalho, 1988).

A aposentadoria é um direito de todo cidadão filiado ao Regime Geral de Previdência Social, cumprida a carência exigida na previdência social, nas suas diversas categorias: por idade, por tempo de serviço, por invalidez e aposentadoria especial (cf. www.previdenciasocial.gov.br). A seguir, detalhes sobre duas dessas categorias (cf. www.previdenciasocial.gov.br), as que mais se aplicam aos trabalhadores da Cesp.

Aposentadoria por tempo de serviço

Tem direito à aposentadoria por tempo de serviço o segurado com 30 ou mais anos de serviço em atividade abrangida pela previdência social, desde que tenha uma carência de 60 contribuições mensais. O tempo de serviço é contado data a data, desde o início até o desligamento de atividade abrangida pela previdência social, descontados os períodos legalmente estabelecidos como de suspensão do contrato de trabalho, de interrupção de exercício e de desligamento da atividade.

São contados como tempo de serviço:

- o período de atividade abrangida pela previdência social;
- o período de contribuição em dobro;
- o período em que o segurado recebeu benefício por incapacidade entre os períodos de atividade;
- o tempo de serviço militar;
- o tempo em que a segurada recebeu salário-maternidade;
- o tempo de serviço público federal, estadual ou municipal, inclusive o prestado em autarquia ou a sociedade de economia mista ou fundação.

O início da aposentadoria do segurado que se encontrava empregado segundo a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) será na data do

desligamento do emprego, se requerida até 180 dias após o desligamento, e na data da entrada do requerimento, se requerida após 180 dias do desligamento. Os demais segurados, na data da entrada do requerimento.

Em novembro de 1988, o valor da aposentadoria era de 80% do salário de benefício, mais 3% desse salário por ano completo de atividade abrangida pela previdência social, até o limite de 95%. Para as seguradas, era de 95% do salário de benefício. O salário de benefício é o valor básico utilizado para o cálculo da renda mensal dos benefícios de prestação continuada, não podendo este ser inferior ao valor do salário mínimo mensal da localidade de trabalho do segurado, na data de início do benefício, nem superior a 20 vezes a maior unidade salarial do País (o SMR).

Os documentos necessários para requerer aposentadoria por tempo de serviço eram o requerimento em formulário próprio do INPS, todas as carteiras de trabalho e previdência social, a relação dos salários de contribuição, com os salários sobre os quais o segurado tinha contribuído nos 48 meses anteriores, guias de recolhimento e carnês e documentos comprobatórios de todo o tempo de serviço.

O procedimento interno do setor de benefícios previdenciários da Cesp era o seguinte (cf. Virches & Pereira, s/d):

- contagem de tempo de serviço;
- xerox CPF;
- preenchimento do requerimento;
- junção de relação dos salários de contribuição (últimos 36 meses);
- encaminhamento ao INPS no prazo de 10 dias;
- documentação fica retida no INPS (só retorna a última CTPS);
- o INPS expede carta à CESP autorizando o desligamento;
- a CESP comunica o empregado, e este tem 60 dias de prazo para desligar-se, concretizando-se assim o início da aposentadoria.

O procedimento do empregado era (cf. Virches & Pereira, s/d):

- enviar carta à sua chefia, solicitando o desligamento para aposentadoria;
- a carta segue para o Departamento de Recursos Humanos, com o "de acordo" da chefia;

- enviar carta ao Departamento de Recursos Humanos, marcando a data para desligamento (prazo, 60 dias);

- carta de solicitação de desligamento vai para o INPS, e a partir desse momento o empregado está desligado da Cesp.

Quanto ao início do pagamento do benefício (cf. Virches & Pereira, s/d):

- o INPS demora mais ou menos de 60 a 90 dias para começar a pagar o benefício;

- o Departamento de Recursos Humanos fará o acompanhamento até a data da saída do benefício;

- o INPS expede carta de concessão, juntamente com o carnê de benefício, a Carta de Dependentes, para sacar o saldo do – Programa de Integração Social (PIS) — só se retira o PIS uma vez por ano em datas agendadas pela Caixa Econômica Federal ou na aposentadoria; na morte do segurado a família o recebe;

- após a expedição da carta de concessão do INPS, o Departamento de Recursos Humanos comunica ao empregado para retirar o carnê de benefício e a Carta de Dependentes com autorização de início de pagamento do benefício em agência do INPS mais próxima da sua residência;

- o empregado deverá enviar um xerox da carta de dependentes (PIS) para a Fundação Cesp, para controle interno.

Estes itens eram os procedimentos internos do setor de benefícios previdenciários da Cesp. Estamos falando de novembro de 1988, época em que meus entrevistados se aposentaram. Naquele período, ocorreram medidas de "estabilização econômica" que tiveram amplo impacto nas atividades econômico-financeiras do país, como a implantação da URP, que atualmente já estão extintas. As condições da Cesp daquela época hoje já mudaram muito. No terceiro capítulo deste texto, trato do sistema atual.

Aposentadoria especial

É devida ao segurado que tenha trabalhado em serviços determinados por lei como penosos, insalubres ou perigosos, durante pelo menos 15, 20 ou 25 anos, conforme a atividade. Para algumas atividades,

também determinadas em lei, exige-se, além desse tempo de serviço, que o segurado tenha a idade mínima de 50 anos (cf. Virches & Pereira, s/d).

A carência é de 60 contribuições mensais. O valor é de 70% do salário de benefício, mais 1% desse salário por ano completo de atividade abrangida pela previdência social, até o máximo de 95%. Se o segurado não completou o tempo mínimo em atividades perigosas insalubres ou penosas, mas comprova também tempo em atividades comuns, em alguns casos é aplicada conversão para a soma dos tempos (cf. Virches & Pereira, s/d)

Os trabalhadores da classe média, caso não estejam empregados em grandes empresas que tenham seus próprios sistemas de complementação de aposentadorias, pagarão caro para conseguir uma velhice mais tranqüila. A previdência, como lembraram especialistas em legislação Previdenciária, é uma via de duas mãos que exige muito equilíbrio entre receita (contribuintes) e despesa (aposentados). Do contrário, advertiam, o Brasil poderia virar um grande Uruguai (cf. Carvalho, 1988). Os aposentados da Cesp não se deparavam com a redução do salário após a aposentadoria: além do benefício da previdência social, contavam previdência complementar que lhes garantia remuneração igual se estivesse ativo.

Aposentar-se pode ser a melhor fase da vida de qualquer cidadão. Não há mais tanta responsabilidade com horário, pode-se desfrutar do tempo disponível da melhor maneira possível — embora a sociedade encare a aposentadoria como uma fase decadente, na qual nada se produz.

Contudo, a situação dos aposentados é um dos graves problemas sociais que afligem a sociedade brasileira. A aposentadoria acarreta profundas mudanças no cotidiano das pessoas. Por isso, é necessário preparar-se para essa fase da vida, planejando-a. O processo da aposentadoria é traumático também para as empresas, pois acarreta uma descontinuidade da cultura tecnológica. Portanto, a aposentadoria é importante para a empresa e para o empregado.

Segundo o manual interno da Diretoria de Gestão Empresarial (DGE) e da Gerência de Recursos Humanos (GHIR) da Cesp, preparar-se para a aposentadoria significa, para o empregado (e seu eventual cônjuge):

- pensar, trocar idéias a respeito do que tem sido a vida no trabalho e do que será depois;
- obter informações e conhecimentos que ajudem a reduzir a ansiedade e dêem uma noção realista da vida de aposentadoria;
- desfazer-se de preconceitos sobre a terceira idade com esclarecimentos sobre a conservação da saúde, os aspectos psicológicos do envelhecimento, nutrição adequada e exercício físico;
- empenhar-se por melhor qualidade de vida para os aposentados e as pessoas da terceira idade.

Para a empresa, ainda segundo o mesmo manual, a aposentadoria de seus empregados significa:

- incorporar a seu patrimônio tecnológico o *know-how* dos trabalhadores experientes que se retiram;
- efetuar um planejamento estratégico de modo a assegurar a disponibilidade de recursos humanos para garantir a consecução das metas da empresa;
- incentivar a integração entre os funcionários veteranos e os novos, promovendo um clima de segurança e motivação, o que incrementa a produtividade da empresa.

O manual interno da DGE e da GHIR da Cesp informa que a Companhia Energética de São Paulo, em 1988, através da Diretoria de Gestão Empresarial e da Fundação Cesp, implantou o Programa de Preparação Pré-Aposentadoria (PPA), com o objetivo de promover a valorização dos seus recursos humanos, dando segurança ao trabalhador veterano, motivando o empregado mais novo e despertando as chefias para a importância do repasse da experiência e *know-how* acumulados. Isso possibilita à empresa manter o mesmo padrão de excelência, bem como a preservação de sua memória tecnológica e social.

Por compreender que a aposentadoria está vinculada a mudanças de valores e atitudes, o PPA desenvolve laboratórios de vivências, nos quais esses processos são experienciados, resgatando-se emoções para que o indivíduo elabore sua saída da empresa, bem como despertando-se motivação para novos projetos de vida. Uma das atividades do PPA é o

Seminário de Preparação Pré-Aposentadoria, que tem duração de cinco dias e é realizado em uma das pousadas da Cesp, em que o empregado poderia:

- expressar livremente e partilhar com colegas na mesma situação, suas preocupações, suas experiências e os seus sonhos;
- conhecer seus direitos previdenciários;
- informar-se sobre os benefícios da Fundação Cesp;
- orientar-se sobre o processo de envelhecimento e as práticas para manter-se saudável;
- prevenir-se das dificuldades;
- abrir-se para novas realizações;
- fazer novos amigos;
- aprender a aproveitar o seu tempo livre;
- reaprender a ser livre, a viver com alegria e ter coragem de mudar.

Para planejar sua futura condição de aposentado, o funcionário era convidado pessoalmente pelo setor de Serviço Social da Cesp para participar do PPA e recebia esclarecimentos quanto ao objetivo do programa: refletir sobre o momento da aposentadoria. Depois, o gerente de Recursos Humanos enviava correspondência para informar que a Cesp, em conjunto com a Fundação Cesp, desenvolveria um programa de preparação relativo à fase de transição para a aposentadoria. De início, seria realizado seminário dirigido aos empregados que estivessem mais próximos do direito de receber este benefício e seu respectivo cônjuge. Esta correspondência reiterava o convite anterior e salientava a importância da participação no seminário, que durava cinco dias e acontecia na pousada da Cesp, que dispunha de espaço de lazer (quadra poliesportiva e sauna); tendo em vista as atividades programadas e o clima do local, sugeria-se levar roupas apropriadas para atividades físico-desportivas. Era enviado um memorando interno para o departamento ao qual pertencia o funcionário, comunicando ao seu superior imediato que o Departamento de Recursos Humanos iria realizar o seminário de preparação pré-aposentadoria e que esperava contar com a participação daquele trabalhador; informava-se também que o seminário fazia parte do projeto constante do plano de metas da Diretoria de Gestão Empresarial.

A programação desenvolvia-se por etapas. No primeiro dia, domingo, as atividades de abertura iniciavam-se às 19:00h, com a apresentação do presidente da Cesp.

É muito comum a idéia do aposentado como sendo alguém que, depois de contribuir com seu trabalho para a evolução econômica da sociedade, tem direito a um merecido repouso. Assim, não é de admirar que muitas pessoas nessa fase acabem aceitando esse papel que lhes é atribuído, transformando seus anos de aposentadoria num período de inatividade. Assim começa o problema. Particularmente no caso dos empregados do setor energético, em via de regra se aposentam cedo, quando o corpo e a mente têm ainda grande capacidade de desenvolvimento. Tanto é assim, que as estatísticas comprovam um elevado índice de problemas familiares, de saúde, de comportamento, entre outros, decorrentes de uma transição do trabalho ativo para a aposentadoria sem uma preparação adequada. Todo sucesso em uma nova fase da vida depende da forma como cada um se prepara para ela. A CESP, através do seu Programa de Preparação pré-aposentadoria, não visa estimular a efetivação da mesma, e sim proporcionar uma reflexão crítica sobre o problema, alertar e esclarecer aos seus empregados para a necessidade de um planejamento do pós-trabalho. Como consequência do desenvolvimento do nosso programa visamos uma mudança gradativa na cultura da Empresa, no sentido de valorizar e prestigiar os empregados com maior tempo de atividade profissional (Sérgio Sampaio Lafranchi, presidente da Cesp, no manual interno da Diretoria de Gestão Empresarial e da Gerência de Recursos Humanos da Cesp).

Às 20:00h, era servido um coquetel e às 20:30h, o jantar.

No segundo dia, segunda-feira, às 7:00h, começava a atividade denominada "O corpo em movimento", que se repetiria durante toda a semana. O café era às 8:00h. Às 9:00h, uma professora de Filosofia da Associação Palas Athena dirigia a atividade "A vivência da solidão: uma trilha para o autoconhecimento". Às 10:30h, o chefe do setor de Relações trabalhistas da Cesp falava sobre aspectos das relações trabalhistas e previdenciárias. Às 12:00h, havia o almoço. Às 14:00h, tinha início o "Laboratório de Vivências", com a presença de uma assistente social e um assistente técnico. Às 19:00h era servido o jantar e, em seguida, a programação era livre, com opções a escolher.

Na terça-feira, o "Laboratório de Vivências" ocorria às 9:00h e, às 12:00h, o chefe do setor de Benefícios Previdenciários da Cesp falava sobre a previdência social e privada. Na quarta, às 9:00h, o médico do trabalho da Cesp palestrava sobre aspectos da saúde; às 10:30h, um especialista técnico da Cesp tratava do tema "economia e prazer"; às 14:00h, o "Laboratório de Vivências" trazia uma professora de biodança, psicóloga e sua auxiliar. Na quinta, o "Laboratório de Vivências" voltava a acontecer às 9:00h, com a assistente social e o assistente técnico; às 14:00h, o responsável pelo Serviço Social informava sobre os benefícios da Fundação Cesp; às 16:00h, o chefe do Setor de Benefícios Assistenciais da Cesp apresentava o Plano Especial de Saúde; neste dia, após o jantar, havia uma confraternização. Na sexta, às 9:00h, havia depoimentos de membros da Associação dos Aposentados da Fundação Cesp e encerramento, com representantes do Departamento de Recursos Humanos da Cesp e da Fundação: depois do almoço, às 14:00h, os participantes do seminários começavam a retornar a suas cidades de origem.

No "Laboratório de Vivências", eram utilizados textos como "Eu sei, mas não devia", de Marina Colassanti, e "A velha dama indigna", de Bertolt Brecht. Eram realizadas dinâmicas, como "O amanhã: a linha imaginária", e vivenciadas músicas, como "Eduardo e Mônica", de Renato Russo. No planejamento familiar, eram fornecidas tabelas: "A receita da família", "As despesas fixas", "Quanto sobra para o dia-a-dia", "O dia-a-dia, uma tabela para casais que tratam de dinheiro sem brigar" e "As melhores coisas do mundo são de graça", entre outras.

O médico do trabalho, por sua vez, fornecia a apostila "Aposentadoria com saúde: vamos conquistá-la", sobre a importância da idade crítica, envelhecimento saudável e as doenças degenerativas da velhice, teorias do envelhecimento, prevenção de doenças e envelhecimento sadio, a importância do exercício físico, alimentação, poluição do ar, higiene mental.

Na atividade "O corpo em movimento", o professor de educação física fornecia uma apostila com um programa de atividades, orientações sobre individualidade, intensidade, duração, frequência e regularidade de exercícios, além de uma tabela para cálculo da zona pessoal de treinamento.

Os responsáveis pela previdência social e complementar distribuíam uma apostila com os principais conceitos, os tipos de benefícios e a relação de documentos necessários para os processos de complementação e para adesão à Associação dos Aposentados da Fundação Cesp.

O setor de Serviço Social da Cesp desenvolvia um trabalho de orientação e conscientização quanto ao atendimento de associados ativos e aposentados frente a situações de saúde, familiares, econômicas e previdenciária. Responsável pelos benefícios da Fundação Cesp, fornecia uma apostila com todos os benefícios do associado aposentado e seus dependentes.

De acordo com o seu manual interno do Setor de Treinamento e Desenvolvimento (PHSD) e da Gerência da Divisão de Políticas e Sistemas de Recursos Humanos (GHIR), a Cesp também desenvolveu o Programa Integrado de Preparação para a Aposentadoria (Pipa), em que se destaca o papel da empresa no sentido da sua manutenção tecnológica. A questão da manutenção tecnológica na empresa vinha sendo discutida ao longo dos anos e era apontada em vários estudos como um dos fatores críticos de ameaça ao desempenho organizacional em termos de competitividade no mercado, considerando a grande evasão por aposentadorias, a falta de renovação dos quadros de pessoal e a conseqüente dificuldade em manter processos sempre atualizados. No desenvolvimento de uma proposta de trabalho para suprir tal deficiência, emergiu o tema da disseminação de técnicas, sistemas e metodologias de trabalho implementadas em várias áreas da empresa por empregados ao longo de suas carreiras profissionais, funcionários na condição de pré-aposentados e em vias de desligamento da Cesp.

Segundo o mesmo manual, o Pipa abrangia todos os empregados da Cesp. Só faria jus ao recebimento do "Prêmio por Aposentadoria" aquele que participasse do módulo de repasse de tecnologia, segundo critérios de contagem de tempo e serviço na empresa e efetivamente realizar tal programa junto à sua área de lotação, com a aprovação das respectivas chefias e apoio metodológico da área de Recursos Humanos. O objetivo geral era assegurar a continuidade do desempenho organizacional e do desenvolvimento tecnológico, traduzido pelo conjunto de planos e projetos de trabalhos, estudos e pesquisas relacionadas às diversas tecnologias, sistemáticas que envolvem a

especificação das normas, processos e metodologia para cada produto, serviço ou atividades executadas nas unidades de negócios, nas diversas áreas e/ou nos postos de trabalho na empresa.

Entrevistas e Entrevistados

Este capítulo aborda o tema central desta dissertação, apresentando o estudo de oito casos e as análises interpretativas dos dados coletados, quanto à pesquisa e seus resultados. Iniciamos com trechos da entrevista realizada com o organizador do Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp e finalizamos com depoimentos da diretoria da Associação dos Aposentados da Fundação Cesp, fazendo uma análise crítica em relação a um passado saudoso e um futuro sem resposta.

A entrevista que fizemos com este depoente indica um sujeito ativo, organizador do Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp. Formou-se em engenharia e arquitetura por gostar dessas profissões e atuou durante seis anos na carreira diplomática. É um uma pessoa apaixonante, de uma sensibilidade indescritível. Viajou por vários países e residiu em Londres, no Líbano e no Golfo Pérsico. Passou por momentos difíceis, mas considera que foi um espetáculo, que aprendeu muito com todas essas experiências. Na época, a comunicação era complicada, e ele sentia muita falta de sua família; então, resolveu retornar para o Brasil. Logo em seguida, foi trabalhar como diplomata na chefia do Cerimonial do governo do estado de São Paulo, na gestão Franco Montoro. Entrou no setor energético para criação do Departamento de Comunicação Social da Cesp e começou a fazer um trabalho de RH. Baseado na sua história de vida, na sua vivência, resolveu que deveria ampliar seus conhecimentos, pois estaria coordenando o Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp, e foi fazer o curso de Gerontologia Social, no Instituto Sedes Sapientiae. A seguir, trechos de sua entrevista.

— *Eu coordenei esse programa, coordenava turmas desse programa. A empresa na qual eu trabalhava foi uma das precursoras no setor elétrico paulista a implantar um programa de preparação pré-aposentadoria. O nome desse programa era PPA, Programa de*

Preparação Pré-Aposentadoria. Tinha um tratamento logístico muito simpático, muito agradável. Tinha uma equipe de criação na empresa. Então tudo era assim, pastas, folhetos explicativos. Era o envelope onde fosse feito o convite. A nossa abordagem primeira, antes de enviar o convite, era passar a mão no telefone, fazer um contato coloquial com a pessoa: "Olha, você está com tantos anos de trabalho, e daqui a algum tempo é interessante que você comece a planejar a sua aposentadoria." A gente informava que não havia nenhuma obrigação em se aposentar, isso a gente deixava bem claro e enfatizava muito. Nosso contato era para que a pessoa ficasse alerta, fosse dado um "start" (E.S.E.).²

Nosso entrevistado, em outro momento de seu depoimento, explica que, com muito cuidado, alertava os funcionários de que a aposentadoria era um momento de transição muito importante para a vida do indivíduo e de sua família. Explicava também que, se bem planejada, seria muito tranquilo encarar esta nova fase da vida.

— Nós não estamos aqui tratando da sua expulsão da empresa. Não está sendo impingida a você a aposentadoria, mas sim efetivamente que você esteja preparado para, quando escolher o seu momento, você saiba identificar esse momento, que é muito importante para que você dê um passo definitivo, porque você sai oficialmente dos quadros da empresa e deixa o seu sobrenome empresarial, principalmente dentro do setor elétrico e mais especificamente dentro da Cesp. Era assim: a pessoa vivia em função da empresa, tudo era a empresa; muitas pessoas, os barrageiros, quando construíram as barragens, sua casa era montada pela empresa, até o berço dos filhos, tudo dentro da empresa tinha a "chapinha" Cesp número tal; então, muita gente cresceu com o sobrenome Cesp. A gente sabe do amor que você tem e começa a

² Ver datas das entrevistas nos Anexos.

fazer o seu balanço de vida durante esse período e, puxa!, já estou atingindo a minha aposentadoria, preciso ver qual é a hora, qual é o momento em que eu devo sair, mas devo observar que será um passo definitivo. A Cesp passará a fazer parte das memórias do meu passado. Então, quando chegar o dia da aposentadoria, em que você decidir se aposentar, como será vivenciar este momento (E.S.E.).

Este mesmo entrevistado orientava sobre os problemas que ocorriam com as pessoas que não planejavam o seu desligamento da empresa. Mostrava o que apontavam as pesquisas e que, portanto, era necessário que comesçassem a pensar como iriam ocupar o tempo livre.

— Todas as pesquisas apontam que uma pessoa sem o preparo ideal para enfrentar uma aposentadoria, dois anos após, se não tiver preparo, vem a falecer ou ficar doente, ter doenças graves. Isto é comprovado cientificamente, porque muitas pessoas a gente sabe, está neste dia-a-dia. A gente reclama: eu não tenho hora, não sei o quê, não sei o que lá, mas, quando a gente fica de férias trinta dias, não é um horror se você não viaja? Por mais que você se mantenha em atividade, chega uma hora em que você passa tudo, você fica assim, "opa!, já está na hora de voltar", mas, quando você se aposentar, passada a lua-de-mel, a coisa fica meio complicada. Então, tudo isso a gente tentava abordar com os colegas sobre o envelhecer, questões de vida, de morte, de família, da volta para casa, do reencontro com o cônjuge. Isso era uma coisa muito importante (E.S.E.).

Ele também orientava sobre os conflitos que poderiam ocorrer no lar, tendo em vista que ele, o aposentado, iria começar a ocupar um espaço que até então era só de sua companheira.

— Um outro dado também de uma pesquisa científica era que muitas separações ocorriam já na idade madura, em função do marido viver extremamente longe do lar durante trinta anos e, de

repente, volta para casa e começa a ocupar determinados espaços que antigamente eram vagos (E.S.E.).

De fato, o entrevistado falava muito sobre o objetivo do Programa, que também era proporcionar uma reflexão crítica do casal, desfazer mitos sobre o envelhecimento e despertar motivação para que os funcionários planejassem novos projetos de vida, a partir da aposentadoria. Que realmente se preparassem e decidissem juntos qual o momento ideal para a aposentadoria. A idéia era que o casal resgatasse sua história de vida, desde que haviam se conhecido, como viveram todo esse tempo e como poderiam viver depois da aposentadoria. O entrevistado conta um pouco sobre alguns casais que passaram pelo Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp.

— Nós tivemos casais que se separaram, casais que recasaram ali mesmo, foi uma coisa. É uma história muito rica que nós temos. Foi uma maravilha: a gente viu o reencontro dos casais sobre todos os aspectos, filosóficos, de ideais de vida, de construção e reconstrução da família, de resgatar a época do namoro, de lembrar como foi o casamento (E.S.E.).

O entrevistado recorda essa fase com muito carinho, momentos de muito crescimento, de muita troca, onde todos saiam ganhando, principalmente ele, que ouvia todas as histórias e com muita sensibilidade as transformava para o benefício de todos.

— Se você soubesse como a minha cabeça é povoada de histórias... Você não acredita, porque foi um dos programas, acho que um dos momentos mais ricos que tive na minha vida, de troca com essas pessoas. O curso de gerontologia foi bárbaro, me capacitou para isso, mas certamente o que conta mais é a sensibilidade. O exercício da tua sensibilidade, de você poder conversar com essas pessoas e transmitir a elas a vontade, despertar nelas a vontade de falar, a disponibilidade de se abrir e a disponibilidade da pessoa se

auto-resgatar e o casal se auto-resgatar junto. Isso era um exercício muito rico (E.S.E.).

O entrevistado é musicista, ou seja, um apreciador de música, tem paixão pela música. Por meio da música, ele conseguia sensibilizar, tocar fundo em quase todas as pessoas, combinando sons de modo que agradavam o ouvido dos participantes do Programa. Eram utilizados todos os estilos, música popular brasileira, axé, quadrilhas sulistas, frevo, música clássica, entre outras. A aceitação era fantástica. A música é uma arte, e através dela os participantes se expressavam artisticamente de forma integral, adquiriam autoconhecimento, diminuía o estresse, melhoravam a integração com os demais participantes do Programa. As técnicas utilizadas eram capazes de controlar o ritmo respiratório e cardíaco, estimular a memória e a percepção.

— Eu falo muito através da música. Eu acho uma linguagem muito objetiva. Apesar de a música ser subjetiva, ela toca você, ela usa de outros canais extra-sensoriais que eu não sei te dizer. Eu tocava desde marcha de núpcias até baião. Eles passavam conforme o grau de cultura das pessoas envolvidas. Eu tinha engenheiros, diretores da minha empresa, tinha ascensoristas, porteiros, garçons. Nós tínhamos por objetivo não elitizar; na verdade, era misturar tudo, porque a gente estava tratando de ser humano, de coração para coração (E.S.E.).

Na entrevista que realizei, contei ao entrevistado que uma outra entrevistada comentou que levava um choque ao participar pela primeira vez do Programa e falou também de uma dinâmica que tinha uma linha imaginária que o grupo tinha que atravessar: significava a passagem do tempo de trabalho para o tempo da aposentadoria; convidaram-na a atravessar aquela linha, e ela não conseguiu. Solicitei que o entrevistado falasse um pouco mais sobre esta dinâmica.

— Quando faltavam cinco anos, eles faziam o curso, a gente convidava para que eles fossem conosco fazer uma reflexão, para planejar o futuro, para quando eles achassem o momento ideal, se aposentassem. Quando faltavam dois anos, a gente chamava para uma reciclagem e a linha imaginária era dentro do laboratório de vivência. Dentro do meu laboratório de vivência eu estabelecia essa linha imaginária. Eu falava cinco e meia, final do expediente, último dia de trabalho, e daí? Como é que vai ser? Muita gente não conseguia atravessar. Era difícil, você trava na situação. É muito complicado. Era um momento muito complicado de você conseguir, porque estávamos todos ali. Falar cinco e meia, final do expediente, era complicado, muito complicado, tinha gente que não conseguia mesmo. Porque qual era o objetivo desse momento, e esse era um dos momentos mais importantes do laboratório de vivência, porque a gente tentava trazer para aquele momento um fato que pudesse acontecer ou que pelas leis naturais iria acontecer no dia que ele se decidisse se aposentar. Então trazer aquele momento para que o indivíduo fizesse uma reflexão de como ele estaria preparado ou não para enfrentar aquilo (E.S.E.).

Perguntei ao entrevistado qual a atitude do participante do Programa após ficar chocado com este momento, o que desenvolvia a partir daí, como as pessoas agiam e se alterava seu comportamento.

— E aí que eu posso te falar que era como tudo começava. A gente terminava praticamente ali, mas era ali que tudo começava. A partir do momento em que ele se permitiu, depois de todo o trabalho que você viesse a fazer, certo, durante o período que eles estivessem ali com você, você teria que fazer com que eles ficassem sensibilizados o suficiente pra que eles dentro de si tivessem condições de se expor na frente dos colegas, das colegas e dos cônjuges desses colegas. Você entendeu? Então era um preparo psico-sócio-afetivo-profissional para que ele atingisse o momento e conseguisse se permitir a vivenciar algo que ele iria passar um dia (E.S.E.).

O entrevistado comentou também sobre as pessoas que não passaram pelo Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp, os que na época não aceitaram participar e sobre os quais, posteriormente, ele teve notícias.

— Olha, tivemos notícias de algumas pessoas. Eu soube de uma que, logo depois que se aposentou, teve diversos problemas de saúde. Era cuidado pela esposa, tinha um casal de filhos e tinha um relacionamento difícil com esses filhos. A esposa veio a falecer, e ele foi para um asilo. Sabe? Uma pessoa de difícil trato. Soube de uma que faleceu no dia em que se aposentou, não agüentou. Teve uma pessoa que, foi engraçadíssimo, acho que ele entrou em férias, tinha licença-prêmio (na época tinha), juntou tudo e passou dois meses fora. Enquanto esteve de férias, tudo bem, sumiu da empresa. Daí, na licença-prêmio, já começava a aparecer. Eu falei: poxa, você mora do outro lado da cidade, tem banco lá, pede para transferir, fica mais fácil. Ah, não, assim eu tenho o que fazer. Entendi que aquilo já era o primeiro sinal. Daí, ele voltou da licença-prêmio no final do mês. Já estaria para assinar o desligamento: recebeu o ultimo demonstrativo de pagamento, e não veio folha de presença, não precisava mais. Você não imagina o que aconteceu! Este homem descambou no meio dos colegas. Dizia: pelo amor de Deus, me deixa ficar, eu não vou conseguir (E.S.E.).

Solicitei ao nosso entrevistado que falasse um pouco sobre a velhice e a sua relação com a aposentadoria. Perguntei se os indivíduos que participaram do Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp estabeleciam ou não uma relação mais direta da aposentadoria com a velhice. O entrevistado refletiu da seguinte forma:

— A velhice é definitiva, por mais recursos que se use evidentemente, para que se prorrogue a nossa saúde, a nossa qualidade de vida, a nossa juventude; eu confesso que esse era o exemplo de reflexão que a gente fazia. Olha, a aposentadoria chega com a velhice, sim, e é definitiva. Isso é fato. Não se iluda: você não é

mais jovem, você hoje é um jovem velho — eu falava assim: velho júnior, sênior e máster; você ainda é um velho júnior, daí não tem por onde correr, não é mesmo? Segura a onda. Quando você for máster, aí é melhor ainda, você viu ontem a Derci Gonçalves completando 96 anos na televisão, eu achei o máximo ela dizendo que está sentindo que sua energia está se esvaindo, esta indo embora; é por isso que ela quer estar com as pessoas, porque renova suas energias (E.S.E.).

A partir dessa reflexão mais geral, o entrevistado explica como vê sua própria aposentadoria, como imagina a chegada de seu próprio momento. Acha que não terá problemas. Afirma que ter trabalhado intensamente no Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp contribuiu muito para isso.

— Eu acho que eu trabalhei esse tempo o meu próprio envelhecer, porque, quando você fala para o outro, você está falando antes para si. Então, eu tenho certeza que isso foi um momento em que eu refleti e me preparava para minha velhice, me preparava para o meu próprio envelhecer. Eu acho que só quando você consegue ter isso para você é que você consegue sensibilizar o outro, para que ele faça uma reflexão, porque ele já está num estágio mais avançado que você (E.S.E.).

O entrevistado, a partir dessa avaliação, faz uma reflexão sobre a velhice em geral, a sua própria e a dos outros.

— A velhice é um estado. Porque a gente não se sente velho em momento algum. Você só se dá conta quando você se olha no espelho e diz assim: opa, caíram mais fios de cabelo, eles estão mais brancos, estou um pouquinho mais gordo; só assim, porque a cabeça, a mente não envelhece mesmo. Pelo menos pra mim. Eu me dou conta que estou mais velho quando eu me olho no espelho: se bobear, eu nem me conheço. Eu me sinto assim um jovem com muito mais experiência, quando, na realidade, você está mais velho fisicamente também, mas nada me impede que me mantenha mais

jovem também. Que a partir do momento que a minha cabeça está pensando jovem, automaticamente vou refletir isso na minha forma de ser, no olhar, na pele — enfim, na maneira de falar, de me expressar, de conviver harmoniosamente com outras pessoas. Não que não fique de mau humor; lógico, qualquer um explode, mas eu não quero ser um velho isolado, não é característica do ser humano. Viver isso, dizem que a velhice impõe. Não é isso, é você que se auto-impõe. Você é isolado na medida em que você se auto-isola, isso é um ponto muito importante. Sei que está cheio de velho asilado, mas o que é que ele fez também, e é isso que a gente precisa ver. Eu estou falando que existem questões econômicas muito complicadas, que essas pessoas depositam os seus velhos dentro dos asilos que não têm a menor condição de nenhum ser humano habitar, esquecem-nos lá e somem, não sei como funciona isso. Eu estou falando de uma realidade, a minha, a sua, de pessoas que têm um mínimo de condição para viver, porque, se você de fato for um velhinho legal, boa companhia, boa-praça, se você cultivar suas amizades, cultivar sua família, cultivar bons sentimentos, preservar e cultivar sua saúde, com certeza sua velhice vai ser sempre legal (E.S.E.).

Quando fala da história das pessoas, o entrevistado enche-se de emoção e comenta o quanto é importante cada um ter sua própria história.

— A história de vida de cada um é sempre muito interessante. William Shakespeare já dizia isso: "A história de um homem é sempre admirável." É uma coisa muito importante, a sua história de vida deve ser bonita, a história de vida da minha secretária, que colabora comigo, é muito importante. Então, cada um tem um processo. O meu foi meio espalhado assim, teve tentáculos em outros continentes (E.S.E.).

Nesse momento da entrevista, o entrevistado explica que uma das suas formações é em arquitetura, mas esclarece que gosta mesmo é da arquitetura de pessoas.

— *Acho que você ajuda a melhorar a fazer isso ou aquilo mesmo que seja na vida do outro, mas você faz simplesmente pra si mesmo. Fazer a arquitetura das pessoas, acho que é trabalhar com a obra da criação, tentar melhorar, tentar fazer com que esse teu parceiro nessa vida melhore sempre. Que seja planejar o seu futuro, que seja planejar a sua vida, dentro dos campos afetivos, intelectual, social, sexual, conjugal, enfim eu acho que essa somatória faz com que você ajude a jornada das pessoas, e ajudando o outro realmente você está melhorando a sua própria vida (E.S.E.).*

O entrevistado, mais adiante, fala sobre o que diria para alguém que vai se aposentar.

— *Olha, primeiro eu acho que tem que fazer um exercício fundamental de introspecção. Entrar em si, de que forma você se auto-induzirá a fazer isso. Com certeza, vai descobrir alguma pequena chave que fará com que você faça uma introspecção para que faça o seu balanço, para saber os prós e contras de uma aposentadoria, os prós e contras do seu sentimento com relação a tudo, dos sentimentos com a relação à vida afetiva, a vida profissional, a vida familiar, a vida social. Eu acho que qual é o grau de sentimentos que você tem por essas coisas. E o que é que você vai ganhar, o que é que você vai perder, mas fundamentalmente eu acho, não minimizando as questões materiais, mas enaltecendo as questões de sentimento, as questões de afetividade (E.S.E.).*

O entrevistado encerra a entrevista, falando sobre um filme de Fred Zinnemann, *Julia*, um drama produzido em 1977, nos EUA.

— *Tem um filme que assisti, e você me lembra muito um pedaço dele, pelo teu cabelo, a Jane Fonda trabalhou no filme inteiro e a Vanessa Redgrave apareceu uns cinco minutos, num filme de duas horas, e ganhou o Oscar de melhor atriz. Procure ver esse filme,*

chama-se Julia, é fantástico, assista. Você tem o olhar da Vanessa Redgrave (E.S.E.).

É nesta parte do estudo que consideramos ter chegado à sua parte fundamental. "Ouvir": ouvir, um instrumento essencial. Ouvir de verdade é um trabalho difícil, exige antes de tudo que estejamos disponíveis. Implica escutar o modo como as coisas estão sendo ditas, o tom usado, as expressões, os gestos empregados. E mais: ouvir inclui o esforço de perceber o não dito, o que apenas é sugerido, o que está oculto. Ouvimos com nossos ouvidos, mas escutamos também com nossos olhos e coração. Nosso objetivo, durante todo o processo da pesquisa, foi ouvir, aprender, escutar e apreender.

Não tive nenhum problema durante o processo de pesquisa. Agendei os contatos com muita facilidade e fui bem recebida por todos. A análise das entrevistas foi desenvolvida com base na metodologia de análise qualitativa.

No que se refere às pesquisas qualitativas,

é indispensável ter presente que, muito mais do que descrever um objeto, buscam conhecer trajetórias de vida, experiências sociais dos sujeitos, o que exige uma grande disponibilidade do pesquisador e um real interesse em vivenciar a experiência da pesquisa (Martinelli, org., 1999, p. 25).

As oito entrevistas foram gravadas e tomaram, em média, uma hora de gravação. A seguir, apresentamos o roteiro utilizado na pesquisa, com questões abertas, que nortearam as nossas entrevistas.

- Fale um pouco sobre o Programa: quando você o fez?
- O que você fazia antes de se aposentar? Tempo de aposentadoria.
- Em que medida houve alguma transformação no seu ciclo de vida depois que participou do Programa?
- Você acha que poderia ser diferente seu primeiro contato com o Programa de Aposentadoria?
- Você acha que já era um perfil seu ser uma pessoa ativa, ou todas essas informações contribuíram para isso?

- Você acredita que o Programa minimizou o impacto provocado na passagem do trabalho para aposentadoria?
- Você acha que se preparar para a vida pós-trabalho tem de vir desde cedo na vida de uma pessoa ?
- Você tinha alguma expectativa antes de ir participar do Programa?
- O que significa ser velho para você?
- Você acha que ser velho e ser aposentado significam a mesma coisa?
- Mesmo com a preparação para a aposentadoria, o que você sentiu no dia em que se aposentou?
- Como você se sentia depois que se aposentou? Fale um pouco sobre isso. Alterou-se a rotina na sua casa depois da aposentadoria?
- O que você diria para alguém que vai se aposentar?

Os oito entrevistados responderam que o Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp atingiu o seu objetivo de preparar o funcionário e a família para o pós-trabalho. Falaram da importância dessa preparação, pois sinaliza a forma como a empresa lida com seu potencial humano.

A primeira entrevistada (B.V.), na data da entrevista, estava com 58 anos de idade e aposentada havia 11 anos. Participou pela primeira vez do Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp em 1986. Trabalhava no setor de ações, atendimento ao público; orgulha-se de esse ter sido considerado o melhor atendimento do Brasil. Comenta que, se a expectativa de vida está aumentando e se ela, que tem 58 anos, viver mais vinte, serão 78, o que fazer. Como viver durante esse período?

— *O Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp deveria ter em todas empresas. Comentei com uma amiga que se aposentou e, quando ela soube, ficou impressionadíssima, porque na empresa dela não tinha. Eu elogiei muito o Programa. Infelizmente, só as [empresas] governamentais têm dinheiro para isso. A Cesp fazia durante cinco dias, quatro de trabalho efetivo, saía na segunda-feira, levavam o casal, marido e mulher — porque, quando se aposenta,*

não se aposenta a companhia, os conflitos. Voltávamos na sexta-feira. Nós íamos para uma das pousadas da empresa, e o trabalho era todo dirigido, e se falava das 240 horas da gente que ia ficar disponível, além da parte médica. Então era muito interessante (B.V.).

O segundo entrevistado (J.B.C.F.), na data da entrevista, estava com 61 anos de idade e aposentado havia nove anos. Fez o primeiro Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp em 1992. Trabalhou como motorista e controlador de transporte.

— Olha: eu não lembro muitas coisas sobre esse Programa, mas ele se chamava Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp, e, na época, eu não sabia o que era isso. Eu fiz: falavam sobre como a pessoa vai viver o dia-a-dia da aposentadoria. Convidaram para ficar uma semana lá na pousada, com a esposa. Tinha uma assistente social para fazer a preparação. Para mim foi bom e relaxou. Mesmo morando aqui, você tinha que ficar lá na pousada, não podia sair de lá. [...] Era uma espécie de palestra preparando a pessoa, se ia continuar trabalhando ou se ia ficar parado. [...] Foi muito gostoso. Muitas vezes, a pessoa tem uma cabeça, e, quando se aposenta é completamente diferente, mas as lembranças são muito boas, deu para aprender bastante (J.B.C.F.).

O terceiro entrevistado (G.A.C.), na data da entrevista, estava com 57 anos de idade, aposentado havia 12 anos. Fez o primeiro Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp em 1990. Trabalhava como analista de sistemas.

— Eu achei válido, porque lá dava o curso, pois os colegas eram ligados muito à Cesp, tinham até apelido — Chicozinho —, porque só ficava lá, e quando se aposentava, separava o casal, porque em casa ele era um estorvo, brigava com as filhas, com a esposa. A idéia social da Cesp era essa. Preparava o pessoal para entender que era uma nova vida, ele tem que renovar. [...] Achei que

foi válido. Inclusive algumas oficinas que eu me sentia meio malandro, porque o final eu já sabia, que tinha feito nos encontros de casais, é lógico que a gente segurava, ficava quieto, as outras pessoas não sabiam, fui meio cúmplice nas coisas (G.A.C.).

O quarto entrevistado (J.P.P.), na data da entrevista, estava com 59 anos de idade e aposentado havia 13 anos. Fez o primeiro Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp em 1989 e trabalhava como operador de usina.

— Foi muito interessante para quem ia se aposentar, muito embora as pessoas que já estavam ocupando o seu tempo, enquanto trabalho pago na empresa, que lhe dá o pão de cada dia, e tendo ocupações extras para lhe preencher todo o tempo. O Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp talvez não seja necessário, como foi o meu caso que eu não tinha tempo pra ficar em casa. [...] Enfim, o PPA, pra quem vive somente na sua casa e no trabalho que lhe dá o pão de cada dia, é necessário, porque realmente a aposentadoria mexe muito com a cabeça da pessoa [...] porque homem dentro de casa tem que ter algo de útil para fazer e não ficar no ócio. E, fora de casa, se ele não criar um hábito sadio, [se apenas] ficar sentado no banco vendo o ônibus passar de manhã, de tarde e à noite, ou se ele ficar no bar, tomando uma biritinha, também não vai [dar certo], porque não são hábitos sadios (J.P.P.).

O quinto entrevistado (S.G.F.), na data da entrevista com 64 anos de idade e aposentado havia 11 anos, fez o primeiro Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp em 1990. Era assistente técnico civil.

— O PPA, na realidade, procurou antecipar e orientar ao mesmo tempo o que uma pessoa depois de aposentado poderia fazer, tanto em casa, como nas comunidades, sempre participando efetivamente na cidade na qual está localizado. O PPA foi muito bom, só que faltou explicar muita coisa, para a turma se preparar melhor

ainda. Exatamente o problema familiar, de família para família: há uma mudança; tem famílias que vêm mal estruturadas, e isso causa um problema muito grande na aposentadoria; mas naquelas que são bem estruturadas, todo mundo se entende. [...] O diálogo é a coisa mais importante que acontece dentro da família (S.G.F.).

O sexto entrevistado (R.B.), na data da entrevista, estava com 57 anos de idade e aposentara-se havia oito anos. Fez o primeiro Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp em 1993 e trabalhara como instrutor de treinamento.

— O programa teve como objetivo preparar, dar uma visão futura e ao mesmo tempo auxiliar alguns e até mesmo todos a se desligarem da empresa e enfrentar, fora de lá, uma nova vida. Os promotores da minha época levavam muito em consideração, porque a Cesp tornou-se mãe desses filhos, que éramos nós. Então, necessário era preparar esses "pintainhos" para sair pelo mundo, viver uma nova vida. [...] Percebemos também ali a necessidade de outras amizades, deixando aquelas que certamente ficariam "para trás" [...] Percebi que uma das dirigentes tinha a tendência de transportar a gente a um campo emocional, que foi o que me chocou. [...] E a gente observava que existia uma certa tendência, dispensável até, de fazer essa amarração com a empresa, como se ela fosse a última coisa da vida. Nossa! Vai sair da Cesp, e agora o que vai acontecer? [...] Ao contrário, deveria ser uma festa, preparar realmente para virarmos as folhas — nós estamos lendo um livro, é necessário a gente aprender, se não gera uma expectativa doentia, mas desenvolver na gente um desejo de querer saber o que tem na folha seguinte. [...] Aquele livro ou aquela folha foi lida, as experiências ficaram, vamos ler outra página, é nova experiência. Temos que aprender a tirar da vida a essência, para que, quando se for ler a próxima página, haja algo a acrescentar, nunca ficar nesta dependência. [...] Acho que durante o desenvolvimento do PPA foi muito bom, muito agradável, gostoso. Foi uma vivência com um grupo

de pessoas heterogêneas com as mesmas expectativas; então, foi uma coisa gostosa. Achei muito bom. Pena que não houve continuidade, porque os tempos são outros. Nós tivemos ali todas essas coisas, até achei que não ia lembrar, mas acabei lembrando (R.B.).

O sétimo entrevistado (W.F.C.), na data da entrevista, estava com 60 anos e aposentara-se havia dez anos. Fez o primeiro Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp em 1989. Trabalhava de início como praticante de eletricitista; no final da carreira, já ocupava o cargo de gerente.

— O PPA é próprio para orientar. Nesses vários anos em que a gente trabalhou na empresa, só viveu para a empresa, vestiu a camisa da empresa, e lá eles dão todas as orientações, desde monetária até conviver socialmente. Acho que isto aí deu uma posição para entreter bastante depois da aposentadoria. Foram três, quatro etapas, e eu fiz uns cinco anos antes, mas deu uma preparação boa pra gente e para família. Como tratar a família, como depois da aposentadoria vestir o pijama e ficar dentro de casa. Foi uma orientação muito boa que nós tivemos, e a maioria acho que aplicou isso aí. Foi bem orientado como fazer as aplicações financeiras, ensinou todos os macetes, os mais esclarecidos até sabiam como aplicar. Valeu muito. A empresa usou o lado humano, preocupada com as pessoas que se dedicaram tanto tempo. A empresa está de parabéns, porque, depois de tantos anos, a pessoa sair dali sem saber o que fazer... Com o PPA, não aconteceu isso (W.F.C.).

O oitavo entrevistado (M.C.), na data da entrevista, tinha 59 anos de idade e estava aposentado havia 14 anos. Fez o primeiro Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp em 1987. Trabalhava como motorista especializado.

— O PPA foi muito bom, foi excelente, nos ensinou como a gente se prepararia para a aposentadoria. A aposentadoria, a gente pensa uma coisa, mas na realidade seria outra. Ficamos muito satisfeitos com a nossa preparação. [...] Na semana, nós tivemos debate de vários assuntos, tivemos brincadeiras, enfim, várias coisas

alternadas — aliás, até a piscina estava aberta se alguém quisesse. Fiz em outubro ou novembro de 1987. Fiquei trabalhando mais um ano e depois fui me aposentar (M.C.).

Os entrevistados comentam sobre o Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp e em que medida houve alguma transformação nos seus ciclos de vida depois que participaram do Programa. A primeira entrevistada (B.V.), no início, levou um choque e acredita que o Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp a alertou da necessidade de se preparar.

— Olha, no primeiro evento a que eu fui, nós tínhamos um rapaz que começou a falar de como seria a vida. Eu não me via aposentada. Fiz porque fui convidada, mas não fui achando que ia me aposentar e não me aposentei, fui me aposentar depois do segundo, que eu fiz dois anos depois. [...] O programa me alertou, no primeiro momento. No segundo momento, participei ativamente. Preparei-me dessa forma, vindo trabalhar na Associação, conhecendo os Programas, mas na primeira reunião do Programa fiquei muito chocada: trabalhei vinte e poucos anos na empresa, via todo mundo passando, conhecia todo mundo, e nós éramos jovens, a empresa era jovem, os diretores eram jovens, tinham 38, 40 anos (B.V.).

O segundo entrevistado (J.B.C.F.) comenta que mudou muito o seu ciclo de vida depois que participou do Programa. Como a maioria dos homens, anteriormente exercia uma relação de dominação; depois, conseguiu manter uma relação de reciprocidade com a esposa.

— Mudou muito. Põe a cabeça da gente no lugar, porque às vezes a gente faz alguma coisa e fala que a mulher não está certa. Acho que tirou todas aquelas dúvidas que a gente tinha. O homem quer dominar todas as coisas, aí melhorou muito (J.B.C.F.).

O terceiro entrevistado (G.A.C.) relata que, no Programa, aprendeu que depois de aposentado, quando ficasse mais tempo em casa, não poderia interferir no trabalho doméstico, que até então pertencia a sua esposa, e que ele iria apenas auxiliá-la.

— *Eu achei o Programa válido. Algumas coisas foram bem colocadas: a idéia de que se você não está mais trabalhando e fica mais tempo em casa, naquele dia-a-dia, a mulher está acostumada a fazer aquilo. Acho que a preparação valeu, porque você toma mais cuidado, você não fica lá atrapalhando. Você estava acostumado, chegava, almoçava e ia embora; à noite, não ficava em casa, e chega e se aposenta, não é que atrapalha, nesse ponto era bem colocado (G.A.C.).*

O quarto entrevistado (J.P.P.) observa que para ele não houve grande alteração, mas o Programa seria muito bom para os que não exerciam nenhuma ocupação sadia depois de aposentados e se entregavam a hábitos indesejáveis.

— *Para mim, não houve muita alteração, porque já tinha o meu tempo todo ocupado — aliás, me faltava tempo, assim como hoje ainda me falta tempo. [...] Mas a pessoa que não tem ocupação do seu tempo, quando vai se aposentar, realmente precisa de um curso. E esse curso, creio eu, não deve ser de um dia só ou uma semana só, deve ser uma reciclagem, e não só para aquele que vai se aposentar, mas para aquele que se aposentou e está vivendo uma vida de ociosidade, uma vida destrutiva no lar, destrutiva na sociedade, uma vida de marginalidade, de vícios, de jogos (J.P.P.).*

O quinto entrevistado (S.G.F.) acredita que se consegue enxergar, por meio do Programa, que o ciclo de vida após a aposentadoria sofre transformações, mas que estas ocorrem mesmo só no exercício do cotidiano.

— *O que aconteceu que você teve uma visão melhor daquilo que poderia acontecer, mas só tem esse visão quando se aposenta (S.G.F.).*

O sexto entrevistado (R.B.) nota que não sabe por que com ele não houve alterações, mas que grande parte das pessoas sofrem forte impacto ao perceber que suas vidas se transformaram.

— *Acho que houve uma seqüência no meu caso. Poderia até dizer que conheço pessoas que foram impactadas com isso. No meu caso, não, não sei por que razão (R.B.).*

O sétimo entrevistado (W.F.C.) observou que é necessário saber que haverá transformação, pois durante a vida produtiva não se consegue parar para refletir sobre o amanhã, daí a necessidade do Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp.

— *A gente começou a despertar para a mudança, porque antes a gente vivia a empresa. Saía de lá, vinha para casa, voltava para a empresa, e nunca tínhamos pensado como iria ser a aposentadoria. O PPA valorizou muito essas mudanças: foi muito importante, porque comecei a me adaptar e a encarar a realidade de que amanhã seria um aposentado. Essas orientações foram importantíssimas e encaminham a gente para isso (W.F.C.).*

O oitavo entrevistado (M.C.) confessa que o Programa alterou o seu ciclo de vida, pois viajava muito a trabalho e ficava afastado de seu lar e de seus familiares. Aprendeu como deveria proceder quando tivesse mais tempo para dedicar a sua família.

— *Mudou bastante. Este programa fala da convivência da família, e família é uma coisa muito boa. A gente só viajava, não tinha uma constante dentro de casa: nosso convívio era sexta à tarde, sábado e domingo; na segunda, já viajava novamente. Tanto é que praticamente não vi os meus filhos crescerem, vim depois de aposentado a conviver com meus filhos. Eles nos ensinam muito como a gente deve direcionar para dentro de casa, porque a gente*

está acostumada com determinada coisa, e em casa é outra. Então, por exemplo, a gente vê um pozinho em cima dos móveis e já quer criar atrito com a esposa; aquilo não está certo naquele local, e não é por aí. Ele nos ensinou muito como proceder dentro de casa (M.C.).

Dos oito entrevistados, sete declararam que o Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp havia minimizado o impacto da passagem do trabalho para a aposentadoria. Apenas um disse acreditar que isso ocorrera apenas em parte, pois o país não estaria preparado nem social, nem culturalmente para lidar com os aposentados.

— Eu acho. [O Programa] não deve servir para decidir se você está preparado para se aposentar. Deve te preparar mesmo quando você coloca o pé no chão, tem que falar de envelhecimento — acho que é a pior parte —, com todo cuidado, sabe, com todo cuidado, porque é muito difícil envelhecer (B.V.).

— Acho que sim, muito (J.B.C.F.).

— O Programa contribui, porque é uma mudança, aquele que só pensa no trabalho é um problema (G.A.C.).

— Acho que minimizou (J.P.P.).

— Em parte sim, não total. O grande problema nosso, vou mais longe do que isso: o Brasil não está preparado para mexer com aposentado. Aposentado é um diamante que o país tem, e eles o desconhecem. Eu acho que é o aposentado que pode resolver muitos problemas que o país tem. O aposentado tem uma experiência grande. Tem grandes pessoas no convívio da sociedade que podem dar grandes contribuições a esse país (S.G.F.).

— *Eu vou dizer que sim, embora para mim não tenha causado um impacto. Eu não notei esse impacto. Eu observei em algumas pessoas que houve; em mim particularmente não houve, foi assim bem natural. Pode até ser — volto a repetir —, esse Programa me levou a estender essa ponte que, em vez de ser uma depressão, um túnel, foi tudo muito natural. Digamos que o PPA me ajudou nisso (R.B.).*

— *Sim, contribuiu muito, minimizou bastante, nos norteou. Acho que foi bastante proveitoso, com as técnicas deles em relações humanas. Nós éramos mais profissionais do que relações humanas, então nessa parte foi muito importante (W.F.C.).*

— *Ele ajudou bastante, porque a vida é o seguinte: não é só para aposentadoria, a gente tem que se preparar para tudo, e a aposentadoria é uma coisa muito boa. Hoje em dia está ficando muito difícil de se aposentar, com tudo o que está acontecendo no nosso país, e ela valeu muito para gente, a gente fica contente de estar no lugar que estamos hoje (M.C.).*

As opiniões dos nossos entrevistados divergiram a respeito do primeiro contato de comunicação sobre a participação no Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp, deveria ter sido diferente. A primeira entrevistada (B.V.) ficou chocada: acredita que deveria ser diferente, mas não tem idéia de como deveria ser.

— *Olha, você sabe por que fiquei tão chocada: porque o ser humano não admite envelhecer, é muito difícil envelhecer, depois o físico é muito forte no sentimento da gente (B.V.).*

O segundo entrevistado (J.B.C.F.) considera que o primeiro contato foi ótimo e não deveria mudar.

— *Acho que não, foi muito bom. Na época, foi bem feito. A pessoa que veio fez uma palestra muito boa, inclusive com todos, fazia o relaxamento e deixava a pessoa bem à vontade (J.B.C.F.).*

O terceiro entrevistado (G.A.C.) comenta que o primeiro contato não foi bom, pois se sentiu como se estivesse a um passo da morte.

— *O contato era o seguinte: dava impressão — se você for analisar — que, ao ir ao PPA, você já estava descartado. Tinha aquele pessoal resistente, porque você nunca aceita que vai se aposentar. Quem é que aceita? Dá uma impressão que, depois de se aposentar, só o cemitério. A idéia que muitos tinham era essa, então nem queriam fazer o PPA: eu não quero me aposentar, pra que fazer? No meu caso, eu tinha três filhos para entrar na faculdade. Aliás, eles se formaram; só falta um. que vai se formar esse mês (G.A.C.).*

O quarto entrevistado (J.P.P.) opinou que o primeiro contato estava ótimo, mas o Programa deveria ter mais fases: os encontros deveriam continuar periodicamente até depois da aposentadoria, para reciclagem.

— *Acho que o programa em si não poderia ser feito de uma só vez. No mínimo duas vezes, uns três meses antes de se aposentar e uns três meses depois que se aposentou. Porque, para sentir o que aconteceu com tudo aquilo que ouvi antes de me aposentar, com todas as instruções que recebi do Programa e o que me serviu, pode ser que não serviu, sou suspeito para dizer que atingiu plenamente aquilo que se esperava. Porque pra mim não fez diferença a aposentadoria, hoje não me sinto aposentado, me sinto uma pessoa útil. [...] Uma coisa é você se aposentar, parar de trabalhar e não fazer mais nada e viver a ociosidade, viver só pra você. Se você consegue viver só para você e viver bem, já está bom. Outra coisa é você se aposentar e ter um monte de trabalho para fazer para a comunidade e*

saber que esse trabalho é gratuito, é espontâneo, não tem hora marcada, e você faz sempre e se sente feliz com isso (J.P.P.).

O quinto entrevistado (S.G.F.) acredita que o Programa poderia ser diferente e ampliado, porque faltaram subsídios para que se completasse, mas confessa que o último que fez já tinha sofrido alterações para melhor. É o único que menciona uma possível preparação para que os administradores da empresa pensassem uma forma melhor de recepcionar os funcionários aposentados.

— Ah!, poderia, faltaram muitos subsídios para que se completasse. Foi ótimo, mas faltou. O grande problema é a família, e a família não é só o aposentado se preparar, a esposa se preparar; os familiares têm que se preparar, de alguma forma, uma palestra. [...] Mas veja bem não adianta a companhia te dar tudo aquilo, enquanto você estava trabalhando, e quando você se aposenta, você não faz, você tem que continuar o que faz bem para você, você tem que caminhar; você tem que ter uma disciplina em todos os sentidos. O relaxamento da vida do aposentado causa vários problemas para a saúde — porque hoje você está aposentado, tem gente que procura não fazer nada e muito mais em relação à saúde. Tem que ter a visão de fazer as coisas preventivas que vai custar mais barato, em vez de deixar a ferida se inflamar: vou cuidar antes que inflame. A maioria dos aposentados não faz; tem uns que levam isso à risca, mas são poucos. Tem gente que bebe. Vamos diminuir isso, vamos parar de fumar: isso aí deveria ser feito lá no PPA, alertar para esses problemas, no sábado e no domingo você sai um pouquinho da linha, mas na segunda você volta a manejar. [...] Tinha que levar os presidentes da companhia e falar: olha, nós temos que preparar a companhia para receber os aposentados também. Hoje o aposentado é uma pessoa estranha. [...] Do primeiro PPA para o último, mudaram muitas coisas, houve uma evolução (S.G.F.).

O sexto entrevistado (R.B.) comentou que o primeiro contato foi muito bom, por ser pessoal e deixar livre a participação dos funcionários.

— *O primeiro contato foi pessoal. Todo ano, mês, sei lá, eles colocam no quadro, eu fui espontaneamente, o convite não foi feito só para mim, foi feito para todos os funcionários. Acho que assim estava bom. Julia, eu sou meio avesso a esses impactos, tanto é que falei para você que não achei muito interessante criar um ambiente de emoção. Acho que da maneira que foi feito foi bom, colocaram no quadro o convite do PPA, chegou espontâneo, as pessoas que não quiseram ir não foram. Eu fui porque quis, ninguém me obrigou, falou: se não for, vai acontecer isso ou aquilo. Nós perguntamos o que levar, e eles responderam: lá vocês vão ver. Criaram uma expectativa até que positiva. e você é lógico que cria dentro de si, dependendo dos seus hábitos, mais ou menos, ou fica pensando o dia inteiro o que será que vai acontecer lá, ou pensa dez minutos. Eu acho que da maneira que foi feito foi ótimo (R.B.).*

O sétimo entrevistado (W.F.C.) narra que os coordenadores do Programa são bem democráticos, e que em todos os momentos, desde o início, só participa quem se sentir a vontade.

— *Acho que eles fazem uma convocação. Não sei se é por análise de tempo, acho que não é todo mundo que participa, por etapas, acho que eles vão chamando aqueles que estão mais próximos. Quando me chamaram, fizeram uma carta de convocação me explicando, e perguntando se a gente gostaria de participar, porque o pessoal lá era muito democrático (W.F.C.).*

O oitavo entrevistado (M.C.) gostou muito de ter sido convidado a participar, mas afirma que não foram todos os funcionários que tiveram essa oportunidade.

— *Depende. Ela fazia um tipo de sorteio para convidar, enfim não foram todos que tiveram essa oportunidade. Fui convidado a participar desse programa, no qual eu me sinto muito feliz (M.C.).*

Quando questionados se acreditavam que já tinham um perfil ou se o Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp tinha contribuído para isso, responderam que já tinham — mas o Programa também contribuiu muito, pois, após passar muitos anos de trabalho, as pessoas acabam não sabendo mais "voar" sozinhas, tendo que receber um bom suporte da empresa para enfrentar essa mudança. No momento da decisão, esta tem de ser consciente.

— *Eu acho que é um perfil meu, muito forte na minha personalidade. Embora eu goste muito de cozinhar, às vezes no fim de semana eu cozinhava e trazia para cá; hoje já tenho um pouco de preguiça, já não tenho mais aquela disposição de ficar criando no fogão, porque saio daqui meio cansada, embora a gente vive de dieta, tenho aquela vitalidade, uso um salto muito alto, mas é lógico que o corpo fica mais cansado [...] O que é isso? É o corpo envelhecido. Esse Programa seria importante para levantar essas coisas, conscientizar. Você não vai morrer porque se aposentou, você pode fazer isso, é só querer, você é que vai conduzir sua vida como quer (B.V.).*

— *O programa contribuiu, porque minha intenção era montar alguma coisa para mim. Eu tinha bazar, tinha serralheria, mas na época vendi tudo, dava muito trabalho e não rendia muito. Recebi o convite do sindicato para trabalhar e estou até hoje (J.B.C.F.).*

— *Já estava me preparando, porque justamente não é que eu tenha uma vida religiosa intensa, mas eu e minha esposa procuramos sempre ser realistas. Calculava que em 91 ia me aposentar e que em 92 ia ser o primeiro vestibular do meu filho, que eu casei em 74, fiz uma poupança justamente em cima disso. Não estava tão preparado, é lógico. Lá no PPA tinha muita coisa para se aprender, mas não foi*

tanta surpresa. Mas teve um pessoal lá que saiu maravilhado, porque quem nunca viu... É lógico que eu aproveitei muito, o próprio convívio durante a semana foi ótimo.[...]A tônica do PPA também era essa, pra você se preparar que ia mudar. Você fica 25, 35 anos dentro da empresa, você tem que se preparar para mudar (G.A.C.).

— Acho que as duas coisas, embora possa dizer que eu aproveitei, sim. Gostei demais de ficar uma semana junto com o pessoal, trocar idéias. Mas eu acho que serviu pra mim, porque me alertou, porque, se eu fosse pensar uma besteira depois de aposentado, já não pensei mais, porque fui alertado. [...] O dia seguinte realmente é bravo, é muito psicológico. Não senti, mas conheço a experiência de muita gente que se aposentou com tantos planos por fazer — mas é aquela velha história: só vivia para o seu trabalho, para o seu ganha-pão; o dia em que se aposentou, ficou só em casa, ficou três meses e morreu. E não é por que tinha doença, não; foi o baque que sentiu, naquela mudança. Então, aposentadoria realmente é uma mudança de vida. Mexe muito com o psicológico da gente (J.P.P.).

— Sou uma pessoa que a única empresa em que trabalhei foi a Cesp: entrei com 22 anos. Como tinha Senai, tinha escola profissionalizante da rede ferroviária, contaram isso como tempo de serviço. Aposentei com 36 anos, 10 meses e 26 dias. Só trabalhei na Cesp (S.G.F.).

— As informações, as questões financeiras foram de suma importância, porque lá, durante a apresentação, o agente do INSS nos informou de coisas sobre as quais aqui no posto nós não tínhamos essas informações — não por maldade deles, por inexperiência da gente em não saber perguntar também, por muitas pessoas perguntando a mesma coisa; elas ficavam de saco cheio. Lá, não: ele sentou com a gente, fez os cálculos, esclareceu bastante, não resta a menor dúvida. Em relação ao relacionamento humano e a abertura que foi dada para gerar em nós a idéia que devemos nos

manter sempre ocupados, sempre ativos, sempre buscando alguma coisa para ocupar o tempo. Tudo isso foi bom (R.B.).

— A gente também na vida tem que estar preparado para tudo, não pode ficar naquele mundinho só da gente. Nós temos que nos preparar para viver socialmente. Então a gente já tinha um relacionamento maior, mas o PPA contribuiu, dando as informações técnicas de como fazer (W.F.C.).

— A gente também tem que ter nosso perfil próprio, mas não tenha dúvida que o programa valeu muito. Muitas coisas aprendemos, não só a gente como a mulher também aprendeu. Por exemplo, a gente fica mais à vontade, tem mais conversa, mais particularidade com a esposa. Nós ficamos mais abertos, livres um com o outro e para ter liberdade com as pessoas (M.C.).

O que significa ser velho? Esta é uma pergunta difícil de responder, e assim foi para os nossos oito entrevistados. Podemos afirmar que, quando questionados, tiveram a mesma reação. A idéia de velho disseminada na sociedade combina imagens determinadas por uma identidade negativa, depreciativa. Essa imagem constituída — de que velho não serve mais para nada — é acrescida de todos os estereótipos de "rabugentos", "chatos", "doentes", "depressivos", "morosos". Infelizmente, como um dos nossos entrevistados lembrou, o "velho" ainda é visto como "palavra pesada, feia, inútil". Em contraposição, temos a construção da identidade do jovem com expressões como "a beleza", "a força física", "a memória", "a capacidade produtiva". "Ser jovem" ou "ser velho" é um ponto de referência que nos divide cronologicamente em idades.

As qualidades atribuídas aos velhos, que vão definir o seu perfil identitário são estigmatizadoras e são uma produção ideológica da sociedade. Os velhos se conhecem e também partilham dessa ideologia que, entretanto, define o velho em geral, mas não se sentem incluídos no grande modelo ideológico. O partilhar da ideologia revela o fato lógico de que algum grupo de indivíduos preencha os

requisitos necessários para serem classificados como velhos. Dessa forma, se o “velho” não sou “eu”, o velho é o “outro”. As diferenças, as qualidades pessoais são, então, levantadas e apresentadas para definir uma identidade pessoal que se contrapõe à categoria genérica de velho (Mercadante, 1997, p. 27).

Assim, podemos entender por que as pessoas não aceitam e não se classificam como velhos. Antes que os entrevistados contem o que é para eles envelhecimento e como enxergam a sua velhice e a das outras pessoas, vou transcrever aqui um trecho do livro *A última grande lição: o sentido da vida*. O autor, Mitch Albom, reencontra seu velho professor Morrie Schwartz nos últimos meses da sua vida e lhe pergunta:

— Você nunca teve medo de envelhecer?

— Mitch, eu acolho o envelhecimento.

— Acolhe?

— É muito simples. À medida que se cresce, aprende-se mais. Se ficassemos parados nos vinte e dois anos, ficaríamos sempre ignorantes como quando tínhamos vinte e dois anos. Envelhecer não é só decair fisicamente. É crescer. É mais do que o fato negativo de que se vai morrer, é também o fato positivo de que se compreende que se vai morrer e que se pode viver melhor por causa disso.

— É — eu disse —, mas se envelhecer fosse tão valioso, porque as pessoas vivem dizendo "ah, se eu ainda fosse jovem...?" Nunca ouvimos ninguém dizer "quem me dera já ter sessenta e cinco".

Ele sorriu e acrescentou: — Sabe o que significa isso? Vidas insatisfeitas. Vidas sem realizações. Vidas que não encontraram um sentido. Quem encontra um sentido para a vida não deseja voltar atrás. Deseja ir em frente (Albom, 1998, p.117).

— *Eu ia ter que usar o chavão também, que a sabedoria é uma coisa que não se pode descartar. Você não precisa aceitar a todo o momento, mas tem que tirar proveito disso. Se não, vai ser um martírio. [...] Eu acho que todos os dias têm que ser felizes, não por obrigação, mas você tem que tirar proveito daquilo que completa mais um dia, e esse dia tem que ser bom para você. Você tem que tirar desse envelhecimento o que ele te serviu para alguma coisa. Se você passou pela vida e não te serviu para nada, só serviu para lamentar,*

ficar rabugenta, então o que adiantou? Você não aproveitou nada, nem para você, nem para os outros. Não tirou sabedoria. Você tem que envelhecer com dignidade, sim, se possível com um pouco de discrição, e ser feliz. Amar muito, que é muito bom, não importa se você amar um homem, uma mulher, um cachorro, tem que amar, ser feliz, do jeito que você conseguir. [...] A velhice não é boa, você inventa o amadurecimento, a sabedoria, mas tudo é subterfúgio para conviver com ela. A velhice é uma droga: a gente fica feia, tudo cai — vai dizer que isso é bom? —, ninguém te respeita. Acho que também é cultural. Hoje até dá: a cirurgia plástica ficou mais barata, tem alguns produtos que retardam um pouquinho, a medicina te estende o tempo de vida, então isso hoje é mais fácil e você tem um meio de comunicação que te joga tanta informação que só fica por fora se quiser. Envelhecer hoje está um pouco mais fácil (B.V.).

— Velho. Eu não me sinto velho, não. Eu tenho o dia-a-dia tranquilo, faço esportes, jogo futebol até hoje. Nós temos o clube aqui da Cesp, inclusive eu sou um dos diretores. Por enquanto, eu estou tranquilo (J.B.C.F.).

— Quando eu era jovem, o meu avô que era italiano, falava assim: que eu tinha que aproveitar, morrer enquanto era novo, porque tem essa opção; depois, quando ficar velho, você vai morrer mesmo. Eu pensava quando iria chegar na idade dele, e já cheguei. Se você faz o que tem para fazer, e faço, não me sinto (G.A.C.).

— Ser velho [sorri] é pensar negativo, é olhar o mundo com olhos negativos. Acho que a gente tem que rir todos os dias, trabalhar todos os dias, e quem faz isso jamais vai ser velho. Vai ser velho o dia que não prestar mais para nada, e principalmente a cabeça. Daí que eu falo pensar positivo. Nós temos aí amigos nossos que você não conversa com eles dez coisas sem que nove sejam negativas. Tem gente que é assim. Aí, eu me sinto mal, me sinto mal mesmo. Com essas pessoas,

procuro sair bem rápido do papo ou converso a realidade — e a realidade, ela é positiva e negativa ao mesmo tempo; você vai acima dos problemas e procura solução para eles, porque conversar negativo é muito fácil — meter o pau no governo, na inflação, nos baixos salários — , mas o que fazer para reverter essa situação? Isso é importante, e a pessoa que não faz isso só vive no negativo, e viver só no negativo é um pé na cova. Daí, é ser velho (J.P.P.).

— Ser velho, não digo, é palavra, é uma coisa assim, causa um impacto muito grande. O velho é a experiência que os novos teriam que ter, porque se os novos tivessem a experiência desses velhos, o país seria outro (S.G.F.).

— Velho, não sei se sou velho. Às vezes, observo o meu cabelo branco, mas o restante, não, não consigo me enxergar como velho. Se alguém consegue me enxergar como velho, problema dele, isso não me toca. Estou falando com cautela: a única coisa que observo em mim são os cabelos brancos. A atividade física para mim continua sendo a mesma coisa, se quiser correr, eu corro, se quiser carpir, vou carpir; procuro sempre fazer alguma coisa que tenha utilidade, caminho, sim, na Perimetral — essa eu considero a utilidade dela: a manutenção física, embora não tenha utilidade nenhuma, andar, andar. Mas sempre que posso, coloco uma enxada nas costas e vou carpir, porque, além da atividade física, estou fazendo alguma coisa que considero útil, estou construindo. Andar não adianta nada, a não ser que você pense assim: estou caminhando para meu fluxo sanguíneo, meu corpo se manterem em ordem. Então, com esse objetivo... Mas sempre que posso, faço uma atividade física construtiva (R.B.).

— Não, eu não sou velho. Velho, para mim — essa palavra é pesada —, velho para mim é uma palavra muito feia, é inútil, para mim não serve. Faz dez anos que eu estou aposentado, e posso dizer para você com toda certeza que estou mais ocupado agora do que

quando estava na empresa. Hoje encarei novos desafios, relacionamento muito maior, ampliei as minhas amizades, trabalhei com um amigo meu que tem imobiliária, o desafio de ser corretor; hoje já não faço mais, porque meus filhos já estão todos encaminhados, graças a Deus, e hoje tenho condições de viver mais filantropicamente. Graças a Deus, posso dizer que não tenho nada a pedir, só a agradecer. Então, vou contribuir com os outros: participo da diretoria, ajudo nas creches, faço parte de uma entidade, ajudo bastante. Faz dez anos que eu me aposentei e parece que foi ontem. Então, não me considero velho. Tenho disposição ainda como um novo, é como se ainda tivesse 40 anos (W.F.C.).

— Eu gosto de chamar as pessoas de "velho" por brincadeira. E, também, se me chamarem de velho, não faço questão, porque temos que entender que a velhice chega. Mas eu não me considero velho, me considero uma pessoa jovem, principalmente de espírito jovem. Tenho força para trabalhar; não trabalho porque agora quero viver um pouquinho mais com a minha esposa, passeando (M.C.).

A associação corrente entre velhice e aposentadoria remete a uma representação coletiva em que o idoso não mais é percebido como um agente de bens e serviços, mas, conseqüentemente, é marginalizado nos contextos sociais contemporâneos pautados pelo valor produtivo.

Em *A pessoa idosa não existe* (Messy, 1993, p. 37), o autor afirma que a velhice é o resultado da vida que se viveu ou da vida que se vive. Ficar velho, segundo ele, é se relacionar com a morte, e o velho, muitas vezes, sente-se culpado pela própria velhice, quando não é socialmente inculcado pelas mais diversas perdas.

No grupo pesquisado, há um traço peculiar: ninguém se vê como o modelo social do velho e do aposentado, ou como improdutivo. Todos declaram que se encontram cheios de vitalidade. Solicitei aos entrevistados que opinassem sobre se ser velho e ser aposentado significaria a mesma coisa.

— A aposentadoria deveria vir como um prêmio, mas às vezes vem como um castigo. [...] Quando você se aposenta, corre risco com a saúde, diminui o benefício — não adianta dizer que não, as despesas aumentam porque você adoece. Você envelhece, e hoje o arrimo da família é o aposentado, não é mais o filho que trabalha fora, porque não tem mais emprego. Essa realidade ficou ingrata (B.V.).

— É a mesma coisa. Apesar de a aposentadoria da Cesp ser muito boa... Vamos supor: se eu não fosse aposentado da Cesp, o que é que eu estaria fazendo hoje? Poderia estar em uma outra empresa, trabalhando ainda. Entrar na Cesp foi muito bom. Eu entrei em 67 e meu salário na época era de 145 cruzeiros por mês; eu falei: puxa, que salarinho! Vou enriquecer desta vez! Não enriqueci, não, mas foi muito bom (J.B.C.F.).

— Aí é que 'tá... Tenho que preencher um formulário que pergunta a profissão; nem penso: já coloco aposentado, e ainda sou professor. O duro é que ainda jogo uma bolinha. E a primeira vez foi duro. Você está se achando ainda jovem, lá pelos seus 45 anos. Peguei a bola, e os caras falaram: olha lá, o velhinho joga bem! Que situação... Não foi o "joga bem", foi o "velhinho" [sorri]. Começa com "tio", e depois com "velho"; daí a pouco, é com "avô". Você não tem que esquentar a cabeça com isso aí. Meu avô se preparou bem, não esquenta a cabeça, não, pra tudo tem seu tempo (G.A.C.).

— Pelo amor de Deus! [sorri] Aí é o fim da picada! Ser velho é o que eu disse, e ainda por cima ser aposentado, vai para o cemitério logo. Acho que não existe velhice para quem aproveita bem o seu tempo (J.P.P.).

— Não. Pode ser velho e aposentado e continuar fazendo coisas que o jovem faz, às vezes até com maior desempenho. "Velho": não gosto dessa palavra, porque para muita gente velho é aquela pessoa que não contribui com nada. No meu modo de pensar, é diferente, ele contribui com muita coisa. Então prefiro dar uma

riscada na palavra "velho", substituir por "experiência de vida". Aposentado é aquele que cumpriu com um tempo da sua vida em prol do trabalho e pensava que ia usufruir desse tempo parado, a ilusão de que ia se aposentar e não fazer mais nada. Então, acho que o aposentado deixa o serviço e entra no outro serviço (S.G.F.).

— Ser velho e aposentado, não sei, porque não sou velho e nem aposentado. Sei lá! (R.B.).

— Ser velho e ser aposentado, não. Aposentado também considero uma palavra muito feia. Aposentado não existe, sempre bati que aposentado é um mérito que tive, aposentado é quando pára, não faz mais nada. Não me considero aposentado (W.F.C.).

— Acredito que não. Para tudo tem uma consistente na vida: tem aquele aposentado que é velho, ou aquele velho que é aposentado, o que fica no banco do jardim, jogando seus carteados, o que vai para pescaria, o que não faz nada, esse é o tipo do velho. Eu também me enquadro aí: tenho minha parte, também gosto de pescaria, gosto de nadar. Por outro lado, tem aquele velho que não sai de casa: esse, sim, acredito que é o problema, ele é mais velho do que a própria velhice (M.C.).

Durante grande parte de nossas vidas, acreditamos que o trabalho é a razão do nosso existir. Colocamos o trabalho em primeiro lugar em nossas vidas. Deixamos às vezes a família em segundo plano e nós mesmos em último plano. O trabalho em nossa sociedade tem papel fundamental, por ser um fator tanto de socialização, como de aceitação social. Lembrar o passado, e principalmente um passado de trabalho, contribui para o aumento da integridade e da auto-estima.

Falar de sentimentos é bem complexo. Não conseguimos verbalizar o que sentimos, enchemo-nos de emoções e lembranças. Depois de tantos anos de trabalho, que nossos entrevistados relataram ter sido de atividades

intensas, de muita dedicação, de tantas recordações, deparam-se com o momento de se desligar e partir para o pós-trabalho.

Solicitados a se estender sobre como se sentiram no dia em que se aposentaram, mesmo tendo participado do Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp, seis entre oito entrevistados relataram que, apesar de terem se aposentado por um ato consciente, depois de terem se preparado para deixar a rotina do trabalho, o corte do vínculo com o trabalho foi muito difícil. A preparação não descartou a emoção na hora da saída. Houve quem se desfez em lágrimas. Acolhemos e aceitamos o choro. São reações legítimas e formas de expressar os sentimentos.

Assim, a transição não ocorreu tranquilamente. Logo após o desligamento, alguns apresentaram sintomas de estresse e de auto-estima diminuída. Todos nós sabemos, e é inegável, que o exercício pleno da cidadania só é possível e se inicia pelo trabalho, por garantir ao indivíduo a subsistência, por meio da geração de recursos. Em nosso meio, o trabalho é a mais importante forma de inserção social, pois em função do trabalho o homem assume a condição simultânea de produtor e consumidor.

A seguir, depoimentos de seis entrevistados que se emocionaram muito no dia do desligamento do trabalho.

— *Eu senti [emociona-se] que, quando a pessoa sai da empresa, ela perde o referencial, ela deixa de ser ela. [...] Eu me aposentei muito cedo, eu podia, tinha tempo para me aposentar. [...] Sou uma pessoa que não paro, que não consigo parar. Estou trabalhando na Associação desde antes de me aposentar. Vim depois desse Programa e fiquei como voluntária quase dez anos, prestando serviço, porque eu queria ser produtora, depois que me registraram (B.V).*

— *No dia que eu me aposentei, fiquei meio apavorado uma porção de dias, um mês, dois meses, meio apavorado. Desde pequeno meu pai tinha fazenda, sempre trabalhei em maquinário, depois trabalhei tantos anos na Cesp, trabalhei 33 anos. E, de repente, você pára. Você se sente meio apavorado uns dias. Tinha*

vezes que eu levantava com a calça na mão: estou perdendo a hora! Aí, minha mulher falava: você já está aposentado... Eu estava acostumado com aqueles funcionários da Cesp, viajando direto, vai para um canto, vai para outro, de repente parou. A gente tem vontade de voltar, e eu continuo com os funcionários da Cesp até hoje. Os funcionários da ativa e os aposentados vêm todo dia aqui no Sindicato; quando eles não vêm aqui, eu estou lá no portão da usina, entregando folhetim. Agora, tudo bem, mas antes eu sentia um vazio ruim. Quando acordava, não sabia o que fazer: ir para a rua, não dá; ficar dentro de casa, não dá... Hoje, não me sinto tranqüilo (J.B.C.F.).

— Ali, é o seguinte, a verdade é: se você pensar, quando você entra, é aquela alegria de entrar; eu passei no concurso em 68, foi uma alegria grande, que eu estava desempregado e já estava com 20 para 21 anos. E a hora que se aposenta, você sente o inverso: acabou, você sonha que perdeu o emprego e agora vai fazer o quê? Daí, como tinha outras atividades, passou, é meio traumatizante, por isso tem que preparar (G.A.C.).

— Ah! [emociona-se] A verdade é a seguinte: você trabalhava numa companhia, pegou os melhores momentos da companhia, você foi elogiado, fazia, trabalhava, saía da minha casa às 6 horas e não via os filhos crescerem, quem tomava conta deles era a mulher [...] Eu vivi intensamente esses 32 anos na companhia. Quando você sai, é uma paulada, porque hoje você está trabalhando, amanhã você não está mais, então tem uma série de amigos seus que você encontrava todos os dias, e essas pessoas você passa a encontrar esporadicamente, no final de semana, não tem aquele bate-papo do corredor, não tem aquele convívio com profissionais: isso aí machuca na hora que você sai. [...] A companhia devia preservar os profissionais experientes que tinha, só que não preservou, e, com isso, você interrompeu um ciclo [emociona-se]. [...] Agora, o ruim é quando você não tem nada para fazer. [...] Acho que a classe dos aposentados tem que ser valorizada,

tem que se aproveitar o aposentado, e não tenho medo nenhum de falar que o aposentado ainda vai ser procurado para desenvolver grandes projetos no país (S.G.F.).

— É, a gente sente. É uma convivência muito grande, 30 anos de empresa, é um relacionamento com os amigos, sadio, salutar, é muito emocionante, a gente sente, até uns 10, 12 dias para adaptar. Mas é o seguinte: apego também, tem tempo, tem momento, você não pode ficar sempre apegado às coisas que são passageiras, o trabalho, a aposentadoria. Eu passei, agora tenho que vivenciar outras realidades (W.F.C.).

— É o último dia, é uma experiência agradável até demais, mas despedir não é, não. Você já está percebendo que estou me sentindo como se estivesse no dia, e a emoção é grande [emociona-se]. Vários companheiros, várias companheiras que a gente não conhecia, fizemos uma família ali dentro. A despedida é muito chata, a gente se comove demais, porque não sabe se vai voltar a ver esses companheiros (M.C.).

Em outra perspectiva, segue o relato de dois entrevistados que se sentiram tranquilos no dia do desligamento do trabalho. A ruptura com o mundo do trabalho forneceu-lhes a oportunidade de viver de outra forma, ficar mais tempo com a família e vivenciar outras realidades. Mas é tão clara e diferenciada a forma como isso se coloca, que o entrevistado (R.B.) tem que frisar que está falando a verdade. Desta forma, o velho deve ser visto como cidadão, com sua inclusão nas oportunidades de integração, nas políticas públicas, no mundo do trabalho e no convívio familiar, comunitário e social.

— Uma gostosura, viu?, uma gostosura. Pensei assim no meu primeiro dia, estou numa licença-prêmio. Licença-prêmio é para funcionário público, e nós, por ser [a Cesp de] economia mista, tínhamos a cada cinco anos o direito de gozar três meses de folga.

Então botei na cabeça: estou vivendo a minha licença-prêmio; nos primeiros três meses, vivi isso; depois criei na minha cabeça que tinha mais ainda, assim só de brincadeira. Mas acho que é válido, mesmo para acompanhar a nova vida, você criar um negócio positivo — quer dizer, estou agora parado, mas posso voltar a trabalhar, se eu quiser; então, por isso, eu estou de férias, estou de licença-prêmio (J.P.P.).

— Da Cesp, nada, nada, nada. Eu cheguei de Campo Grande na sexta-feira, fui dar um curso lá, nisso eu já estava aposentado, estava na prorrogação, nem sei se fiquei pensando: meu Deus do céu, agora tenho todo o tempo do mundo! Não me lembro de ter pensado nisso. Para mim, foi tudo muito normal, como se... Não sei se isso é esquisito, estranho, mas não estou mentindo para você (R.B.).

Um dos meus objetivos era saber se o Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp fornece um conjunto de ações que auxiliem os indivíduos a refletir sobre suas expectativas, seus espaços e seus papéis, sobre alterações em sua rotina, sobre os direitos e benefícios que essa nova fase da vida lhes traria.

— Acho que é uma ferramenta. Para mim, serviu como conscientização, que estava ali, e que aposentadoria significa que você contribuiu para a sociedade, para você, para um monte de coisa, mas também envelheceu. Então, se seu filho está fazendo faculdade, você não tem mais 20 anos. Certo, se você está falando em aposentadoria, você tem que lembrar desse nome também: saúde (B.V.).

— Antes de me aposentar, eu e a minha esposa não vivíamos muito legal, tinha uns probleminhas, eu viajava muito, sempre aquela discussão. Na época, quando eu parei um mês, dois meses, fiquei meio perturbado, dentro de casa não fiquei muito legal. Ela tem um gênio muito forte, e eu sou meio macio: se me apertar muito, eu não agüento. Não era legal (J.B.C.F.).

— Depois, vou contar uma historinha, era o seguinte: eu tinha dado aula, mas era assim, era sistemático, uma semana falava sobre segurança, outra semana me chamavam para falar sobre outro assunto. Pensei: quando me aposentar, não vou mexer mais com isso, o negócio é encostar. Era bom de tomar cerveja — aliás, já está na hora — e continuo. Era assim: saía às 10 horas, encontrava os amigos ali no Pão Gostoso, tomava três, quatro, cinco chopes e ia almoçar; voltava às 14 horas; à tardezinha, lá para 17 horas, ia até 19, 20 horas. Toda vez que saía, a minha esposa começava a esquentar a cabeça. Então, tivemos uma conversa. Ela falou: você gosta de eletrônica, tem essa vaga lá, porque você não tenta? Fui lá e comecei a dar aula e gostei, e acabou essa etapa. Aí comecei a me sentir útil, comecei a mexer com eletrônica, fazer consertos, e ela começou a ajudar na igreja; agora, nós não temos mais tempo. Eu sei que sou dono do meu tempo e que posso parar, mas eu não quero parar e não tenho tempo para pensar em velhice, em quando vou morrer (G.A.C.).

— Foi alterando aos poucos, porque, francamente, quando me aposentei, tinha as terças-feiras à noite para ficar em casa com a minha esposa, quando nesse dia, nessa hora, não tivesse uma reunião extraordinária ou não estivesse na escala para trabalhar na usina. Era a terça à noite só que eu tinha; o restante, de dia estava fora de casa e à noite estava fora de casa. Aí, aos poucos, até por reclamação da minha esposa — que eu me aposentei e continuei não ficando em casa, nem de dia, nem de noite, só que não ia mais na usina trabalhar como operador, mas fiquei com todas as minhas obrigações —, aí ela começou a pegar no meu pé: você se aposentou para quê? Para não ficar em casa do mesmo jeito. Então, fui cortando aos pouquinhos; hoje fico todas as noites com ela, e o relacionamento é muito relativo, porque antes, quando trabalhava, tinha uma idade mais jovem, e a gente via o mundo com um olhar mais jovem também, e depois de aposentado, são 13 anos também, mas às

vezes a gente vê uma coisa, o que é difícil é mais gostoso, o que é muito fácil perde o valor. Então agora a gente está todas as noites junto e parte do dia também. Não brigamos mais do que antes, mas também não nos entendemos mais; aliás, acho que nos desentendemos um pouquinho mais agora, porque a gente fica mais tempo juntos, troca mais idéias, faz mais serviços juntos, discorda mais — enfim, eu e a minha esposa, ela é bastante de discussão; por um lado é bom, então a gente briga mais um pouco, mas tudo bem. Aconteceu agora o que teria acontecido logo que me aposentei, se estivesse em casa toda às noites (J.P.P.).

— Não, um pouquinho, faço o meu horário, faço porque já tinha esse horário quando estava lá na empresa e faço até hoje. Só que naquela época minha mulher levava o café para mim, hoje quem leva sou eu. Às 8 horas, estou aqui na associação, saio às 12 horas para almoçar e às 13:30 eu estou aqui; saio às 17 horas. Tinha dia que trabalhava até meia-noite. Sempre gostei de trabalhar, desde criança; sou uma pessoa inquieta, fico sempre procurando alguma coisa. A pousada nossa, você não conhece, é uma coisa linda; o doutor Valter chegou e perguntou: vamos tocar?, eu falei: vamos! Nós fizemos, e não está nem na metade, mas é a coqueluche da cidade. Por trás de mim tenho pessoas que me dão apoio; enquanto você está tendo apoio, está tudo bem. A rotina mudou, porque transferiu os pontos para outro lugar. Na empresa, tinha os pontos fixos: levanto, pego o ônibus, vou para o escritório, comando a turma de profissionais, ensino eles, atendo o que eles solicitam, vou almoçar, volto para o serviço, saio à tarde e volto para casa, tomo banho, vou assistir televisão. Hoje é diferente, mas existe aquele mesmo compromisso (S.G.F.).

— [Sorri] Não fiquei em casa, assim, porque sei que encho o saco da minha mulher. Muito embora eu esteja na sala, percebo que atrapalho, é lógico. Não é que atrapalho: tem hora que ela quer ficar

sozinha. Tem um amigo meu que lê o jornal dentro da caminhonete: não vou ficar lá enchendo o saco, nem dela, nem da moça que está lá (R.B.).

— Não, não alterou. Até por essas orientações de que a gente não devia atrapalhar a mulher, roubar o espaço dela: continuamos a respeitar o espaço dela, os horários das refeições é respeitado, o horário de chegar em casa, e até hoje faz dez anos nós estamos vivendo dessa maneira (W.F.C.).

— Mudou para melhor, graças a Deus! A gente vem convivendo mais com a família, tem mais tempo, os churrasquinhos nossos aumentaram mais, chamo o pessoal, e vamos lá (M.C.).

As sociedades precisam se adaptar a um número cada vez maior de pessoas idosas, aproveitando as capacidades e potenciais deste grupo populacional e criando estruturas que atendam as necessidades específicas. Quando nos deparamos com a aposentadoria, ficamos chocados ao perder nosso sobrenome empresarial, ao perceber que não somos insubstituíveis, que realmente as coisas acontecem sem a nossa presença. Mitch Albom relata o que lhe aconteceu quando pela primeira vez ficou sem trabalho:

Eu também criei a minha própria cultura — a do trabalho. [...] Durante anos fiz do trabalho o meu companheiro e empurrei tudo o mais para escanteio. [...] Acordei com uma notícia inesperada: os sindicatos do meu jornal tinham declarado greve, a sede estava fechada... De repente, e pela primeira vez na vida, estava sem trabalho, sem o cheque do mês. [...] Senti-me confuso e deprimido. [...] O jornal tinha sido a minha atividade principal, o meu oxigênio, a minha satisfação interior. [...] Eu me acostumara a pensar que os leitores precisavam de minha coluna. Fiquei assombrado de ver que as coisas podiam acontecer sem a minha presença (Albom, 1998, p. 48).

Assim, afastar-se do mundo produtivo e ter que se deparar com o pós-trabalho configura-se como uma passagem, uma mudança e uma nova organização da vida. "Sem dúvida, o momento de aposentar-se é de transição, de mudança e mobiliza apreensão, dúvidas inevitáveis diante do desconhecido, do que está por vir" (Adler, *apud* Veras, 1999, p. 143).

Perguntei aos entrevistados o que diriam para alguém que fosse se aposentar, se pudessem dar uma "dica", com grande sensibilidade, sabedoria e a experiência adquirida em suas trajetórias. Cada um dos entrevistados fez sua contribuição: uns falaram do dinheiro; outros, da família, do retorno ao lar, de outras formas de trabalho e de ocupação do tempo.

A entrevistada (B.V.) inicia, enfatizando que envelhecer não é fácil, mas pode ser bom, depende da forma como se encara esta fase da vida: o melhor é continuar vivendo com a mesma intensidade e colhendo os frutos que se plantou. Diz que a preparação pré-aposentadoria deve ser um processo ao longo da existência. Enfatiza que se faça um planejamento orçamentário, tendo em vista que a renda dos aposentados brasileiros é reduzida, limitando o seu poder de compra e ficando às vezes à margem de muitas atividades, principalmente as de lazer.

— *Prestar atenção, na vida, em tudo o que está perto. Envelhecer não é fácil, mas pode ser bom, cuidar da sua aparência, sim. Você tem que envelhecer bonita, é obrigação sua, para você, não para os outros. Tem que se olhar no espelho e dizer: puxa!, mais uma ruga, mas até que eu fiquei bonitinha com mais essa ruga. Prestar atenção no seu dinheiro, porque ele diminui muito; prestar atenção na saúde, acima de tudo, precisa ter saúde para envelhecer, e tem de continuar, tem que fazer daquilo um prazer para você e para os outros. Se a gente não tirar proveito do envelhecimento, é melhor morrer. Eu gostaria que esse Programa fosse implantado em todas as empresas, porque eu vejo a dificuldade das pessoas. Se você tem consciência da aposentadoria e do que ela significa, não tem tanta dificuldade. Aposentadoria não é só ficar em casa. Se esse trabalho fosse feito ao longo dos anos, seria muito mais fácil (B.V.).*

Sennett, em *A corrosão do caráter*, explica como o capitalismo nos deixa sem rumo, financeiramente, e este é um agravante:

O problema que enfrentamos é como organizar as histórias de nossas vidas agora, num capitalismo que nos deixa à deriva. O dilema de como organizar uma narrativa

de vida é em parte esclarecido sondando-se como, no capitalismo de hoje, as pessoas enfrentam o futuro (Sennett, 2000, p. 140).

Á vida apresenta desafios cada vez maiores, é um eterno recomeçar. Heráclito, em 450 a. C., já dizia: "Nada há de permanente, exceto a mudança." Durante toda a vida, passamos por muitas mudanças — algumas agradáveis, outras não — e, se nos recordarmos, provavelmente enfrentamos a maior parte delas com êxito: ser criança, adolescente, adulto, nascimento, namoro, casamento, demissão, contratação, acidentes, morte, aposentadoria, uma lista interminável que muda nossa vida. Algumas mudanças podem ser mais ameaçadoras do que outras. Envelhecer não significa ser infeliz, incapaz, senil. O que acontece é que, conforme se envelhece, ocorrem mudanças significativas. Mas envelhecimento é a acumulação das experiências e das mudanças de toda vida. Começa com a concepção e termina com a morte,. Todos estamos no processo de envelhecimento. O desafio para superar obstáculos é constante. Na obra de Sennett, a personagem Rose se deprime, por se sentir em risco, o risco não lhe oferece garantias, fica apavorada com o fato de fazer algo desconhecido:

Rose fez uma pausa. — Mas o que me pegou... não foi de fato tão claro. Claro, eu disse, qualquer pessoa na sua idade vai se sentir apreensiva: o lugar parecia caótico e irracional. — Não, nem mesmo isso. Fiquei deprimida apenas pelo simples fato de estar fazendo uma coisa nova (Sennett, 2000, p. 97).

A seguir, depoimentos de dois dos entrevistados que se sentiram de forma idêntica.

— *A pessoa nunca fica parada dentro de casa: ou você tem que encerrar a casa e lavar pratos com a esposa ou, se não, lavar roupas. Eu acho que o homem não é pra isso. Ajudar até ajudo, mas tem que fazer outra coisa. Não fica muito legal. Inclusive aqui, na época, chegou a acontecer: uma porção de colegas nossos falou que a experiência é dois anos; se passar disso... Mas tem uma porção de colegas que se aposentou, ficavam em casa muito trancados: é um*

ano, dois anos, a pessoa vem a falecer. Todo mundo estava com medo de se aposentar (J.B.C.F.).

— Eu diria que a pessoa, para se aposentar, teria que ter bastante detalhes, pedir orientações. Simplesmente se aposentar é um pouco difícil. Acho que tem que ter um preparo bom, porque muda completamente a vida da gente. Tem gente que se aposenta, fica depressivo, muda; tem que encarar a realidade. Acho que tem que se preparar, se não balança um pouco. Conheço pessoas que não se prepararam e tiveram diversos problemas, depressão; e às vezes a empresa oferecia e eles achavam que não devia. O relacionamento antes tem que ser muito bom. Meu conselho é que se faça uma reflexão antes para poder encarar. O salmo da Bíblia que eu gostaria de falar é muito importante na vida da gente. Os irmãos somos todos nós da superfície da terra. Nós nascemos todos irmãos. Outra coisa que as pessoas não valorizam é a associação dos aposentados, ter uma casa para a gente ficar, oferecer lazer; as pessoas renegam e ficam às vezes marginalizadas, com a parte dos vícios. Então, acho que esse salmo aí seria o respeito com os irmãos, irmão com irmão, e a nossa associação é a união que nós temos, [...] Talvez a humanidade esteja precisando de mais preparo espiritual. Você tem que ir se preparando para a realidade e você, fazendo esse preparo espiritual, também se sente bem [...] Eu queria dar parabéns para você, que faz um trabalho desses, interessado em saber como a gente está vivendo. Você está na universidade, esse jeitinho seu deve ser para tentar ajudar as pessoas. Não esperava você vir aqui hoje na Associação. Encontrei você aí interessada em saber dos problemas nossos, saber como os aposentados estão vivendo, de que maneira estão vivendo. Agora, tudo o que falei para você é com realidade: as pessoas também têm que falar aquilo que sente para ajudar você. [...] Isso é muito importante. Você sai por aí perdendo o seu tempo, quer dizer, ganhando... Seria muito bom que outras pessoas tivessem a sua preocupação, eu adoraria também (W.F.C.).

A seguir, o depoimento de dois entrevistados que encontram, na função protetora da família, o apoio necessário para enfrentar a nova fase da vida. Olhando a família no seu movimento, percebemos que cada uma vive num dado contexto. É preciso enxergar na diversidade não apenas os pontos de fragilidade, mas também a riqueza das respostas possíveis encontradas pelos grupos familiares, respeitando os seus aspectos históricos, culturais e afetivos. Estes entrevistados enfatizam a importância da preparação pré-aposentadoria para o retorno ao espaço privado, preparação esta de maior aproximação com a vida em família. Albom, em *A última grande lição: o sentido da vida*, narra uma das aulas em que Morrie Schwartz diz que nada substitui a alegria de saber que existe uma família cuidando sempre da gente.

Era a primeira semana de setembro, a semana da volta às aulas, e, depois de trinta e cinco outonos consecutivos, o meu velho professor não tinha uma classe esperando-o no campus da universidade. [...] E Morrie no escritório de sua casa. Parecia errado, era como aqueles jogadores de futebol que se aposentam e precisam enfrentar o primeiro domingo em casa vendo televisão e pensando eu ainda posso fazer isso. [...] — A verdade é que não existe base, não existe um fundamento sólido no qual as pessoas possam se apoiar hoje em dia, a não ser a família. Depois que adoeci, isso ficou claro para mim. Quem não tem o apoio, o amor, os cuidados de uma família, não têm com quem contar. O amor é supremamente importante. Como disse o nosso grande poeta, Auden, "Amem-se uns aos outros, ou pereçam" [...] sem amor, somos pássaros de asas quebradas. [...] Isso é parte do que significa a família. Não é só amor. É também fazer os outros saberem que tem alguém cuidando deles. Foi disso que senti tanta falta quando minha mãe morreu, falta do que eu chamo de "segurança espiritual", de saber que existe uma família cuidando sempre da gente. Nada substitui isso. Nem dinheiro. Nem fama. — Nesse ponto ele olhou para mim e acrescentou: — Nem trabalho (Albom, 1998, p. 92-93).

— *Eu diria a essa pessoa que aposentadoria é muito boa. Saiba compreender, não tome outra alternativa de vida, porque a gente tem que conviver com ela, como se fosse um trabalho — de um lado diferente, é claro, de um lado do idoso, com os amigos, com a família... Enfim, com tudo que você é. Aproveite esse resto de vida que te sobra, porque*

quando você fala em aposentadoria, parece que está morrendo, e não é nada disso. Então, acho que, como dizem que a vida começa aos 40, a aposentadoria pra gente é aos 40 também; então, a gente tem que agarrar e desfrutar da melhor maneira possível. [...] Gostaria de falar de um grupo de amigos que a gente tem há mais de 15 anos, desde quando a gente fazia um teatro para a Cesp. Esse teatro uniu muito o nosso grupo, foi muito bom; fomos quatro vezes para São Paulo apresentar o espetáculo, no teatro da Ciesp [Centro das Indústrias do Estado de São Paulo] e em outros lugares. Esse teatro foi montado por um teatrólogo de São Paulo, chamado Eladir. Ele quis fazer uma peça de teatro e veio a Bauru, porque tinha várias pessoas que se aposentaram e tinham feito o PPA. Juntou esse grupo para fazer o elenco teatral. A peça chamava-se O amanhã e falava da vida cotidiana desde que nós iniciamos na companhia. A pessoa que iniciou nova depois ficou velha e não queria deixar a companhia. E se ele saísse da companhia não teria uma pessoa à altura para ficar no lugar dele, e aí ele foi vendo que não era nada daquilo, e ele se aposentou, ficou contente, saiu com a esposa dele, saiu para pescar. Tenho a fita gravada, se você não conseguir em São Paulo, lhe envio uma cópia. Não tem como contar para você o teatro, que mais uma vez a emoção toma conta da gente (M.C.).

— Diria o seguinte: que procurasse entrar em sua casa e fazer um teatrinho, já ele como aposentado, pra saber se aquele teatrinho vai deixá-lo alegre, porque, se deixá-lo alegre, vai aposentar bem, se deixá-lo triste, tem que mudar alguma coisa. Mas que tem que fazer alguma coisa para se sentir bem como aposentado, tem, porque é ilusão achar que não vai fazer nada quando se aposentar; só quem tem sangue de barata que vai fazer isso. Então, eu diria: se prepare muito bem, para não sofrer as conseqüências — porque pode ter sérios problemas de saúde, tanto para o cônjuge, como para ele — e não deixar a família irritada, não querer ditar regras. O homem fica muito longe da casa; quando se aposenta, quer impor suas regras, sua vontade. Mas na verdade ninguém pode impor nada, tem que procurar conviver bem,

pacificamente, ter um bom diálogo com a família, procurar se estruturar, porque se não você vai ter uma aposentadoria triste. E outra: a aposentadoria tem que ser compartilhada com a mulher. É ele e ela que têm que desfrutar, porque o casal foi responsável por chegar até ali. Você tem que chamar o cônjuge e conversar: vou me aposentar, o que vamos fazer? Conversar com o cônjuge depois de aposentado, isso é importante, contar piadas, saírem juntos para almoçar — largar mão de querer guardar dinheiro, ser "mão de maritaca", falar assim: não vou tomar um copo de água, vai me faltar; esquece disso, o que você já teve que fazer você já fez, você tem que usufruir o tempo que resta. A família tem que ser sempre unida, um ajudar o outro. Mas não se martirize por querer resolver problemas dos filhos e dos netos. Se você puder resolver, tudo bem; se puder ajudar, tudo bem (S.G.F.).

Na perspectiva dos dois entrevistados a seguir, percebemos que, se um procura encontrar dentro de si mesmo o que lhe traz prazer e alegria, o outro o faz pela escolha de um determinado tipo de trabalho solidário, o que, para eles, consiste de um ato espontâneo relacionado a convicções, características pessoais, preferências e vontade de se doar, de contribuir para um mundo melhor. Os dois encontraram formas de exercer a cidadania, descobrindo em si habilidades e conhecimentos que lhes mostraram novas perspectivas. Sennett enfatiza o compromisso comunitário e fala do ato ético de se voltar para dentro de si; o trecho a seguir é uma reflexão sobre ex-empregados da IBM e seu senso de comunidade,

O único compromisso comunitário que eles mantêm, na verdade buscam com vigor cada vez maior, é a participação na administração de suas igrejas locais. Isso é importante para eles por causa do contato pessoal que têm com outros membros da igreja. Nessa parte da região rural, como em outras, formas fundamentalistas e evangélicas de cristianismo se acham em acentuada ascensão. O mais novo Paul, me disse: — Quando renasci em Cristo, me tornei mais tolerante e esforçado. Se meus vizinhos assumiram responsabilidade pelas histórias de suas vidas, esse ato ético levou sua conduta numa determinada direção: eles se voltaram para dentro (Sennett, 2000, p.155-156).

— Se prepare, indiferentemente de curso de aposentadoria. Na minha época foi o PPA. Acho que a pessoa deve procurar se orientar, procurar ocupações. [...] E o trabalho é bom, o trabalho dignifica a pessoa; acho que é por isso que nós aposentados procuramos trabalhar gratuitamente. [...] Tudo que faço é prazerosamente. Não tenho hora marcada, mas, em compensação, tem domingo que venho aqui na Associação, alguma coisa que ficou atrasado venho colocar em dia. [...] Então, para quem vai se aposentar agora, diria o seguinte: se a aposentadoria está pintando como uma coisa boa, se prepare e se aposente; mas prepare-se mesmo, se não pretende se aposentar, não se aposente, não; fique na ativa até o dia em que a empresa o mandar embora, porque, se não estiver preparado, o baque acontece, por mais dinheiro que tenha, por mais amizades que tenha, quebra-se um vínculo. [...] Eu acho que o trabalho, como já falei que dignifica a pessoa, o trabalho bem feito dignifica mais ainda, o trabalho voltado para a coletividade, voltado para o irmão, voltado para o seu companheiro do dia-a-dia. Trabalhar é bom, ser prestativo é bom, desculpar sempre é bom, não ser grosso é bom. [...] Tem que ter o bom princípio, e o bom princípio tem muitos lugares em que você aprende, na igreja, no clube de serviços... Aliás, tem muitos lugares para você aprender as coisas boas, e a gente está sempre aprendendo (J.P.P.).

— Uma dica para quem vai se aposentar: ei!, minha filha, agarre isso aí como se fosse a melhor coisa do mundo — ah!, não é isso, não, como se fosse uma coisa boa, assim como o trabalho foi bom, a aposentadoria também pode ser boa. Não crie expectativas de querer montar uma loja, uma fábrica, fazer isso, fazer aquilo, porque às vezes não dá certo, e a pessoa pode vir a sofrer aí o impacto. Seja natural. No outro dia de aposentado, faça uma análise, busque dentro de si o que você mais gosta de fazer, procure. Nós sempre temos algo que gostamos de fazer: faça aquilo com a maior descontração, com a maior alegria, e deixe a vida levar — a vida tem me conduzido para onde ela quer. Nunca marquei objetivo, "vou chegar lá"; não sou contra isso,

mas não fico doente quando o objetivo desaparece e fica outro no lugar. Vou fazer aquilo que posso. Não vou ficar doente porque não consegui ser um dentista, um engenheiro; não tem problema, tudo na vida é útil. Com o simples fato de estarmos vivos, já estamos sendo úteis. Com o simples fato de respirar, já estamos contribuindo com o desenvolvimento da própria natureza. A pessoa tem que viver (R.B.).

Neste processo, outro fator importante, ressaltado a seguir pelo entrevistado, é, passado o período de transição, reorganizar-se para esta nova situação e passar a perceber a aposentadoria não como uma morte social, mas, pelo contrário, como um horizonte de possibilidades, existindo assim diversas formas de ser produtivo no mundo do trabalho ou por meio de atividades prazerosas que, em outros tempos, não se conseguia desenvolver, até por falta de tempo. A realização de novos projetos é muito importante, através seja de trabalhos voluntários, seja de atividades comunitárias, seja ainda de crescimento pessoal, espiritual — ou, como diz o entrevistado, "a pessoa tem que fazer o que gosta", de fato tem que fazer algo que lhe proporcione satisfação.

— Diria justamente que a pessoa tem que ter um hobby. A eletrônica para mim é um hobby, eu gosto, tenho oficina. Tem que fazer o que gosta. Tenho um colega que gosta de aeromodelismo e se envolve, esquece que está velho, esquece de ficar doente e não atrapalha a mulher em casa, que tem seus afazeres. Tenho outras atividades: faço desenho; quando tem festa na Terceira Idade, eu que vou fazer os desenhos, os quadros. Então, não tenho tempo de pensar em velhice, pode ter certeza. E para você queria dizer que, se for aplicar em alguma empresa, deveria ser direto. É uma idéia boa, para muitas pessoas aquilo foi o despertar de uma nova vida (G.A.C.).

Entrevistamos membros da diretoria da Associação dos Aposentados da Fundação Cesp (AAFC) e solicitamos que informassem qual a relação que a entidade mantém com os atuais funcionários da Cesp — se, como

Associação dos Aposentados da Fundação Cesp, repassam suas experiências para os futuros aposentados e se realizam análises críticas sobre o que foi o Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp.

O presidente da Associação (D.A.G.), em reunião com representantes de aposentados nos Comitês Gestores da Fundação Cesp, declarou:

— *Um passado saudoso e um futuro sem resposta. Prezados companheiros, a Fundação Cesp registra um universo de aproximadamente 31 mil aposentados e pensionistas, e a Associação dos Aposentados da Fundação Cesp abriga 18.700 sócios inscritos. A diferença de 12.300 (39,7%) representa os não sócios, que merecem o mesmo carinho por parte da Associação, apesar de representarem um valor aproximado — a menos — em sua receita de R\$ 125 mil por mês. O universo registrado está vinculado às antigas provedoras, empresas "mães", que proporcionavam a grande parte dos aposentados uma vida planejada — família, educação dos filhos, vínculo empregatício carregado com orgulho, caminho profissional, garantidas pelos planos de cargos e carreiras —, razão da incorporação, em nossos sobrenomes, dos nomes das empresas ("Bento da Cesp", "Aparecido da CPFL"), agregando valores das empresas "mães". Valeu a pena, e muito! Porém, no momento, a realidade é outra, principalmente quando comparamos a quantidade de ativos filiados à Fundação Cesp (18.700) com o número de aposentados (31.000), lembrando que os ativos estão distribuídos em 14 empresas provedoras e buscam a construção de novos e divergentes valores. O nosso enfoque, doravante, em opinião pessoal, é deveras preocupante. Vejamos: projetando-se para 2030 os mesmos números que existem na faixa etária de 61 a 70 anos (8.116 aposentados) e não considerando os óbitos, teremos o mesmo número, em faixa não abrangida pelos estudos atuariais: de 88 a 97 anos. Como registro, apenas, atualmente existem 556 aposentados com idade entre 71 a 80 anos e 300 aposentados acima de 81 anos (sem óbitos, estes 300 estariam com 108 anos, em 2030). Com essa estimativa e considerando que apenas um pequeno percentual dos atuais ativos se aposentará*

pela FunCesp, com suplementação, teremos um menor número de aposentados e uma AAFC fantasticamente forte e robusta, provavelmente, com a não existência de sócios em locais que hoje registramos com muita representatividade. Preocupante, muito preocupante!!! Preocupante também é contar, na composição do Conselho de Curadores da Fundação Cesp, com apenas dois conselheiros aposentados num total de 18, sendo seis os representantes dos ativos. Preocupante é ter um patrimônio elevadíssimo dos suplementados aposentados e não receber a devida atenção dos Comitês Gestores formados pelas empresas, lembrando que muitos dos dirigentes de hoje serão companheiros aposentados do amanhã. Preocupante é saber que existem 6.517 complementados (aposentados e pensionistas), que não conhecem antecipadamente as novas regras que deverão ser definidas logo pelo governo, numa expectativa terrível, sabendo que os complementados foram os responsáveis pela existência da Fundação Cesp e da Associação. [...] Diante de uma situação econômica, financeira e política preocupante no nível governamental, principalmente com as polêmicas reformas a serem implantadas, esta Associação dos Aposentados da Fundação Cesp não poderia ficar à mercê dos acontecimentos. Assim visto, buscamos, no Seminário Alternativas (em junho de 2003), a obtenção de dados, valores e informações que melhor indiquem o caminho para tratar o nosso futuro, proporcionando frentes de trabalho em assuntos/problemas de grande importância, sempre fortificando os objetivos da AAFC. [...] A velocidade com que os acontecimentos estão surgindo é muito superior à capacidade espontânea dos colaboradores para propor soluções e/ou pelo menos as diretrizes a serem tomadas para as necessárias transformações. [...] A existência de uma Fundação como a nossa, o pioneirismo de nossos antigos companheiros, a memória, os nossos valores, como ficarão? Registramos: é lamentável desprezar os direitos conquistados, de forma legal e determinada pelos governos através dos anos; é lamentável igualmente fechar os olhos e simplesmente oficial,

esquecendo que os complementados construíram o maior parque gerador de eletricidade do país (D.A.G).

O mencionado Seminário Alternativas contou com o trabalho de dez grupos organizados por temas. Mais de 65 associados participaram dos grupos, como debatedores, coordenadores e relatores, que tinham como foco os objetivos e as diretrizes propostos pelo Seminário para seu tema. Aos coordenadores, um por grupo, coube a tarefa de organizar e garantir a eficiência do grupo e incentivar a participação de todos. Por fim, o relator de cada grupo foi responsável por reunir as conclusões do grupo, apresentando-as em plenário.

O mais importante é que a Associação dos Aposentados da Fundação Cesp e a Fundação Cesp estão preocupadas em encontrar alternativas para um futuro próximo, principalmente no desenvolvimento financeiro dos fundos de pensão a que estão vinculados.

Contaram com a participação especial de José Milton Dallari, eletricitário aposentado, que falou sobre o tema "Panorama nacional previdenciário" e em especial sobre os fundos de pensão no mundo, que geram recursos para aposentadorias e incrementam os investimentos em todo mercado mundial.

Dallari esboçou o panorama nacional e suas perspectivas, deixando claro que a AAFC está no caminho certo quando busca alternativas e ou adaptações para com as mudanças futuras. Quanto à previdência no Brasil, lembrou que ainda é preciso buscar metas como

garantir a reposição de renda quando os cidadãos precisarem parar de trabalhar, evitar a pobreza entre os que por contingências biológicas, geográficas ou por acidente, não possam mais participar da riqueza nacional; e portanto, gerar recursos para a previdência oficial e para os fundos complementares (*Jornal do Sênior*, ano 15, nº 143, julho de 2003).

A diretora social da AAFC (B.V.) comenta que começou a trabalhar na Associação como voluntária e criou um grupo de trabalho com os pré-

aposentados, que não chegou a deslanchar: trabalhava com as dificuldades do pré-aposentado e seria um elo entre eles e a Associação.

— *Não deu certo, pois o funcionário ativo é muito egoísta. Aliás, o ser humano é muito egoísta, mas o ativo é mais: quando ele ouvia o que queria, não voltava mais; toda reunião tinha que começar lá do início, então não andava, e só se resolviam aqueles problemas momentâneos — eles ouviam o que queriam, iam embora e não retornavam (B.V.).*

Ela observa que, quando a pessoa sai do mundo produtivo, perde o sobrenome empresarial, fica abalada e ainda enfrenta um novo espaço anteriormente ocupado só pela família.

— *Quando a pessoa sai da empresa, ela perde o referencial, ela deixa de ser ela. Na família, a pessoa passa a incomodar, porque se não houver um trabalho com os dois... Eu acho que seria sábio levar o casal, porque a gente fazia dramatização, se falava do tempo disponível do casal, aquela coisa do marido chegar e começar a levantar a tampa da panela, verificar o que se comprou na feira, conferir um trabalho que a mulher sempre soube fazer sozinha. Ele não está fazendo a título de conferência, mas ela começa se sentir assim. Na verdade, um começa a cobrar do outro coisas que não eram cobradas, porque ninguém tinha muito tempo, e hoje têm muito tempo livre e não sabem o que fazer (B.V.).*

Recorda-se com grande tristeza das palavras ditas pelo presidente da República, anos atrás, e todo o desprezo com que se vê com o aposentado.

— *O social, social mesmo, aqui em São Paulo pouco se faz, por força da pressão que estamos recebendo. De uns anos para cá, o aposentado virou bandido, principalmente nós que somos aposentados pelo Estado: nós viramos marajás, nós viramos bandidos, nós estamos tomando o dinheiro do Estado. [...] Hoje o nosso trabalho esta voltado para*

essa modificação fiscal que o governo quer fazer, para essa mudança na previdência que é preocupante para todo mundo. [...] Essa pressão e a divulgação através da mídia também são muito preocupantes. Quem não acompanha, quem não está envolvido, só acha que vai perder a aposentadoria e viver do quê? Então, o risco na saúde dele é maior, e é isso que a gente tem que deixar claro, porque a mídia solta do jeito que ela entende, do jeito que ela quer e o governo conduz (B.V.).

Tenta prever como será daqui para a frente a dificuldade de encontrar um trabalho, com pouca demanda e muita procura, como as pessoas viveram, sem trabalho, sem aposentadoria e sem preparação.

— Esse Programa, hoje ele é mais necessário do que antigamente. [...] Presumia-se que, quando se aposentava, os filhos já estivessem formados, mas isso nem sempre é verdadeiro, porque tem o segundo casamento, e o filho pode estar pequenininho. Eu acho que para a realidade de hoje, ele é necessário, não sei com que recursos. Acho que, na verdade, a empresa tem que começar mais cedo, porque cinco anos é pouco — embora, pelo que a gente vê, ninguém mais vai se aposentar nas empresas hoje; as que vão se aposentar são as que já estavam, porque as que entraram depois disso não vão se aposentar: há um outro interesse em torno da aposentadoria, os empregados são rotativos, provavelmente eles não vão contribuir para as aposentadorias suplementares. O governo está conduzindo para isso, e tudo conduz para os bancos. O dinheiro é deles, são muito fortes, jogam mais para o governo (B.V.).

Cenário Atual da Previdência

Neste capítulo, abordamos alguns dados do cenário atual da previdência social, em comparação aos da época em que nossos entrevistados se aposentaram. Apresentamos também alguns dados sobre o envelhecimento.

O envelhecimento populacional significa crescimento mais elevado da população idosa em relação aos demais grupos etários, com taxas de crescimento mais altas, dada a alta fecundidade prevalecente no passado, comparativamente à atual, e também redução da mortalidade. Isso se traduz no aumento do número de idosos, na extensão de suas vidas, no envelhecimento de certos segmentos populacionais, como a população economicamente ativa (PEA), no envelhecimento das famílias — ou seja, crescimento do número de famílias nas quais existe pelo menos um idoso —, e na mudança dos arranjos familiares. Esse processo altera a vida do indivíduo, as estruturas familiares e a sociedade. Assim, a "crise da velhice" está traduzida por uma pressão nos sistemas de previdência social, a ponto de pôr em risco não só a segurança econômica dos idosos, mas o próprio crescimento econômico.

As consequências do aumento expressivo na quantidade da população idosa sobre os sistemas de previdência social são evidentes e já são sentidas atualmente. São cada vez mais freqüentes, nos jornais e nos noticiários transmitidos pela televisão, reportagens a respeito de idade mínima, formas de cálculo, tempo de contribuição para solicitar o benefício de aposentadoria. Pode-se mencionar também o acalorado debate nacional sobre o teto máximo das aposentadorias. Dessa forma, políticas públicas podem ter um papel fundamental na redução do impacto sobre o indivíduo e a sociedade.

Estamos falando de um segmento heterogêneo e complexo, composto por pessoas que experimentam trajetórias de vida diferenciadas. Podemos observar que, hoje, as condições de vida do idoso brasileiro diferem das do idoso de um passado recente. Na década de 90, com a

implementação das medidas estabelecidas pela Constituição de 1988, houve mudanças expressivas, mas as alterações mais significativas ocorreram na zona rural: a concessão de benefício da aposentadoria por idade, antes dirigida à unidade familiar, passou a ser encaminhada aos indivíduos.

A previdência social brasileira já passou por várias mudanças conceituais e estruturais, que envolveram o grau de cobertura, o elenco de benefícios oferecidos e a forma de financiamento do sistema. A análise de cada fase histórica da previdência social permite verificar as diversas transformações ao longo de sua existência. Vejamos como se apresentam atualmente a antiga "aposentadoria por tempo de serviço", que hoje é "aposentadoria por tempo de contribuição", e a aposentadoria especial.*

Aposentadoria por tempo de contribuição

Valor do benefício

A aposentadoria integral será 100% do salário de benefício. A aposentadoria proporcional, 70% do salário de benefício, mais 5% por ano completo de contribuição posterior ao tempo mínimo exigido.

O salário de benefício dos trabalhadores inscritos na previdência social até 28 de novembro de 1999 corresponderá à média dos 80% maiores salários de contribuição, corrigidos monetariamente, desde julho de 1994. Para os inscritos a partir de 29 de novembro de 1999, o salário de benefício será a média dos 80% maiores salários de contribuição de todo o período contributivo. Nos dois casos será aplicado o [fator previdenciário](#), calculado segundo a fórmula

$$f = \frac{T_c \times a}{E_s} \times \left[1 + \frac{(I_d + T_c \times a)}{100} \right]$$

* Existe uma página na internet (www.previdenciasocial.gov.br) que trata extensivamente desse assunto e de onde foram retiradas as informações a seguir.

Nessa expressão,

f = fator previdenciário

T_c = tempo de contribuição até o momento da aposentadoria

E_s = expectativa de sobrevida no momento da aposentadoria

I_d = idade no momento da aposentadoria

a = alíquota de contribuição correspondente a 0,31

A aposentadoria especial é benefício concedido ao segurado que tenha trabalhado em condições prejudiciais à saúde ou à integridade física. Para ter direito à aposentadoria especial, o trabalhador deverá comprovar, além do tempo de trabalho, efetiva exposição a agentes físicos, biológicos ou a associação de agentes prejudiciais pelo período exigido para a concessão do benefício (15, 20 ou 25 anos). A comprovação será feita em formulário "Perfil Profissiográfico Previdenciário" (PPP), preenchido pela empresa com base em laudo técnico de condições ambientais de trabalho (LTCAT), expedido por médico do trabalho ou engenheiro de segurança do trabalho.

As cooperativas de produção, com base em informações da empresa contratante, deverão elaborar o PPP de seus associados que trabalham em condições especiais de acordo com a [Instrução Normativa INSS/DC nº 087/03](#). O PPP, instituído pela Instrução Normativa/INSS/DC nº 090/03, incluirá informações dos formulários SB-40, DISES BE-5235, DSS 8030 e DIRBEN 8030, que teve eficácia até 30 de outubro de 2003. A partir de 1º de novembro de 2003, foi dispensada a apresentação do LTCAT, que deverá permanecer na empresa à disposição da previdência social. A empresa é obrigada a fornecer cópia autêntica do PPP ao trabalhador em caso de demissão.

Para ter direito ao benefício, o trabalhador inscrito na previdência social a partir de 25 de julho de 1991 deverá comprovar no mínimo 180 contribuições mensais. Os inscritos na previdência social até aquela data devem seguir a [tabela](#) progressiva, que consta no art. 142 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. A perda da qualidade de segurado não será considerada para concessão de aposentadoria especial, segundo a Lei nº 10.666/03.

O segurado que tiver exercido sucessivamente duas ou mais atividades em condições prejudiciais à saúde ou integridade física, sem completar o prazo mínimo para aposentadoria especial, poderá somar os referidos períodos seguindo a tabela de conversão a seguir.

Tempo a converter	Multiplicadores		
	Para 15	Para 20	Para 25
De 15 anos	-	1,33	1,67
De 20 anos	0,75	-	1,25
De 25 anos	0,60	0,80	-

A conversão de tempo de atividade sob condições especiais em tempo de atividade comum dar-se-á de acordo com a seguinte tabela:

Tempo a converter	Multiplicadores	
	Mulher (para 30)	Homem (para 35)
De 15 anos	2,00	2,33
De 20 anos	1,50	1,75
De 25 anos	1,20	1,40

Nota: Modificada pelo Decreto nº 4.827, de 3 de setembro de 2003.

Observação

A caracterização e a comprovação do tempo de atividade sob condições especiais obedecerá ao disposto na legislação em vigor na época da prestação do serviço. As regras de conversão de tempo de atividade sob condições especiais em tempo de atividade comum constantes na tabela acima aplicam-se ao trabalho prestado em qualquer período (incluído pelo Decreto nº 4.827, de 3 de setembro de 2003).

Aposentadoria especial

Valor do benefício

O valor da aposentadoria especial corresponde a 100% do salário de benefício. O salário de benefício dos trabalhadores inscritos na previdência social até 28 de novembro de 1999 corresponderá à média dos 80% maiores salários de contribuição, corrigidos monetariamente, desde julho de 1994. Para os inscritos na previdência social a partir de 29 de novembro de 1999, o salário de benefício será a média dos 80% maiores salários de contribuição de todo o período contributivo.

Tabelas de contribuição mensal

O recolhimento das complementações das contribuições incidentes sobre as folhas de pagamento de dezembro e do décimo terceiro salário de 2003, decorrentes do novo teto do salário de contribuição estabelecido pela Emenda Constitucional nº 41, daquele ano, poderá ser efetuado juntamente com o pagamento das contribuições referentes à competência janeiro de 2004, mediante simples adição ao valor desta.

Segurados empregados, inclusive domésticos e trabalhadores avulsos

Contribuição dos segurados (empregado, empregado doméstico e trabalhador avulso), para pagamento de remuneração, a partir de janeiro de 2004

Salário-de-contribuição (R\$)	Alíquota para fins de recolhimento ao INSS (%)
Até 720,00	7,65
De 720,01 até 1.200,00	9,00
de 1.200,01 até 2.400,00	11,00

Nota: De acordo com a Portaria nº 12, de 6 de janeiro de 2004

Contribuição dos segurados (empregado, empregado doméstico e trabalhador avulso), para pagamento de remuneração relativa ao período de junho de 2003 a dezembro de 2003

Salário-de-contribuição (R\$)	Alíquota para fins de recolhimento ao INSS (%)
Até 560,81	7,65
De 560,82 até 720,00	8,65
De 720,01 até 934,67	9,00
de 934,68 até 1.869,34	11,00

Nota: De acordo com a Portaria nº 727, de 30 de maio de 2003.

No início do século XX, quando a expectativa de vida era bem menor, a velhice não era questão social relevante. Os idosos são hoje 14,5 milhões de pessoas, 8,6 % da população total do País, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base no Censo 2000. Em uma década, o número de idosos no Brasil havia crescido 17%: em 1991, correspondia a 7,3% da população. O envelhecimento da população brasileira é reflexo do aumento da expectativa de vida. Por essa razão, no cálculo do fator previdenciário, é considerado o item "expectativa de sobrevida no momento da aposentadoria" (E_s).

Com um aumento dessa proporção, a sociedade terá cada vez mais que lutar por um sistema de aposentadoria capaz de garantir aos aposentados dignidade, por sistemas de preparação e de lazer, por leis mais duras contra atos de violência contra eles praticados, às vezes em seus próprios lares.

Foi observado (cf. O idoso brasileiro no mercado de trabalho, *Texto para Discussão nº 830*, Rio de Janeiro, Ipea, 2001) que algumas famílias brasileiras com idosos estão em melhores condições econômicas do que as outras. Por isso, é reconhecida a importância dos benefícios previdenciários, que, em muitos casos, constitui a única fonte de renda dessas famílias, tendo em vista o aumento da exclusão e da limitação das oportunidades — até para os jovens. A aposentadoria desempenha papel importante na renda dos idosos e seu grau de dependência é, em boa parte, determinado pela provisão de rendas proporcionadas pelo Estado. Nessas condições, como uma parcela importante da renda familiar depende da renda do idoso, quando o Estado altera os benefícios previdenciários, não atinge apenas indivíduos, mas uma fração razoável dos rendimentos de famílias inteiras.

É importante observar que o perfil do sistema previdenciário hoje constituído influirá na distribuição futura de renda das famílias. Como reflexão, também cabe salientar que, em 1988, o maior valor de benefício de aposentadoria concedido correspondia a 14,4 salários mínimos. Com as mudanças ocorridas nos benefícios da previdência social, em 1989, os benefícios previdenciários foram desvinculados do valor do salário mínimo e passaram a ser corrigidos por outro índice.

Atualmente, se comparássemos o maior valor do salário de benefício de aposentadoria, que já vinha sendo depreciado, ao utilizar o novo sistema de cálculo e aplicado o fator previdenciário, chega-se a uma renda de aproximadamente 8 a 9 salários mínimos.

O *Boletim Estatístico da Previdência Social (BEPS)*, publicação mensal da Secretaria de Previdência Social do Ministério da Previdência Social (MPS), elaborado pela Coordenação Geral de Estatística e Atuária do MPS, apresenta uma coletânea de dados sobre benefícios e arrecadação da previdência social, o fluxo de caixa do INSS e informações de indicadores econômicos e dados populacionais.

Segundo o *BEPS*, em março de 2004, o valor médio total de benefícios concedidos foi de R\$ 454,89. Em comparação com o salário mínimo de R\$ 240,00, teríamos o valor de 1,9 salários mínimos. Naquele mesmo mês, a arrecadação líquida do INSS foi de R\$ 7.138,2 milhões, e as despesas com benefícios previdenciários alcançaram o patamar de R\$ 8.628,4 milhões, ou seja, estas despesas superaram a arrecadação líquida em 20,88%. Comparando com o mês de fevereiro de 2004, houve ligeiro aumento na arrecadação líquida do INSS, de 0,36%, e uma queda de 5,08% nas despesas com benefícios previdenciários.

A questão econômica da aposentadoria é de especial relevância e não pode ser desconsiderada. A imensa maioria dos aposentados no Brasil tem rendimento em torno de um salário mínimo (cf. O idoso brasileiro no mercado de trabalho, *Texto para Discussão nº 830*, Rio de Janeiro, Ipea, 2001), o que lhes limita as possibilidades de gozar o tempo livre com tranquilidade, bem como obriga muitos idosos a reingressar no mercado de trabalho por estrita questão de sobrevivência.

Há outros agravantes, como o desemprego: uma enorme parcela da população encontra-se desempregada, sem contribuir para a previdência e dificilmente será beneficiada.

Na perspectiva cultural e psicológica, pior que a convivência com o desemprego será a idéia do fim do trabalho. O conceito de trabalho está tão arraigado que as pessoas vivem a repetir frases como "o trabalho enobrece o homem", "só quem trabalha pode enriquecer", "quem não trabalha não presta".

Com a Revolução Industrial e o conseqüente aumento do número de instalações fabris, o conceito de trabalho foi ainda mais ampliado. Só trabalha quem o faz para alguma "organização": daí o "vestir a camisa da empresa"; daí o temor da demissão, da aposentadoria; daí um certo desprestígio social dos que não têm emprego fixo — o que exercem não é trabalho, é "bico". E quem está fora do trabalho sofre ainda as conseqüências sociais e psicológicas decorrentes: preconceito, exclusão, perda da auto-estima, marginalidade, até a depressão.

Basta retroceder um pouco no tempo para constatar que nossos bisavôs deixavam de trabalhar em torno dos 50 anos de idade e logo depois morriam. A vida dos nossos antepassados reduzia-se ao trabalho. O trabalho só é visto como forma de subsistência, nunca como forma de realização pessoal. A aposentadoria, por sua vez, acarreta uma série de perdas, dentre as quais o rompimento de vínculos, principalmente aqueles que conferiam status e prestígio pela identidade organizacional. Com o aumento da expectativa de vida, acredito que o trabalho não terá mais esse mesmo significado totalizante.

Da mesma forma que nossos antepassados se dedicaram ao trabalho, deveríamos nos dedicar ao tempo livre, mas a família e a escola, continuam nos preparando apenas para o trabalho. Estamos sempre nos preparando para o trabalho, fazendo cursos e reciclagens, aprendendo como agir num novo emprego, recebendo treinamentos para mudar de função. Todavia, raramente alguém em algum lugar nos prepara para o tempo livre, para o "lazer". Quando estamos livres, sentimos um vazio, chegamos até a sentir culpa por estarmos desocupados.

Se o trabalho é a mais importante forma de inserção social, por meio da qual se assume a condição de produtor e consumidor, como se inserir no mercado de trabalho, se aumentam cada vez mais as exigências de flexibilização do trabalhador, se ele deve aprender a se adaptar rapidamente às mudanças, ao trabalho em equipe, ao risco, se deve se manter atualizado, se qualificando e requalificando? Para evoluir na carreira escolhida, o funcionário deve estar em sintonia com, pelo menos, o mercado de trabalho

em que atua. E isso deve ocorrer logo no início da carreira, pois as empresas consideram velhos os de 45 anos — o que se dirá então do aposentado?

Ricardo Antunes, em *Adeus ao trabalho?*, que trata dos dilemas e polêmicas em torno de uma vida cheia de sentido a partir do trabalho, ao tentar exprimir o sentimento que a atividade intelectual suscita e gera, conta o que Goethe disse, certa vez:

Se me perguntares como é a gente daqui, responder-te-ei: como em toda parte. A espécie humana é de uma desoladora uniformidade; a sua maioria trabalha durante a maior parte do tempo para ganhar a vida, e, se algumas horas lhe ficam, horas pesadas que busca todos os meios para as ver passar. Triste destino o da humanidade! (Goethe, *apud* Antunes, 1995, p. 11).

Como ultrapassar a barreira da expectativa de vida num país com altas taxas de desemprego e que não prima por tratar adequadamente seus "velhos"? Precisamos criar alternativas para todos os segmentos, mas com um olhar especial para os idosos, para que eles possam ser atores neste cenário econômico.

Depois de anos de discussão, finalmente entrou em vigor, em 1º de janeiro de 2004, a Lei nº 102.741, o Estatuto do Idoso. São 118 artigos que regulamentam direitos e estipulam deveres para melhorar a vida das pessoas que se encontram com idade igual ou superior a 60 anos, no país. Dada a relevância do tema preparação pré-aposentadoria, vejamos o que diz esta lei, sancionada pelo presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em seu Capítulo VI e, em especial, no item II, do Art. 28.

Art. 26. O idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas.

Art. 27. Na admissão do idoso em qualquer trabalho ou emprego, é vedada a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, inclusive para concursos, ressalvados os casos em que a natureza do cargo o exigir.

Parágrafo único. O primeiro critério de desempate em concurso público será a idade, dando-se preferência ao de idade mais elevada.

Art. 28. O Poder Público criará e estimulará programas de:

I – profissionalização especializada para os idosos, aproveitando seus potenciais e habilidades para atividades regulares e remuneradas;

- II – preparação dos trabalhadores para a aposentadoria, com antecedência mínima de 1 (um) ano, por meio de estímulo a novos projetos sociais, conforme seus interesses, e de esclarecimento sobre os direitos sociais e de cidadania;
- III – estímulo às empresas privadas para admissão de idosos ao trabalho.

A aprovação do Estatuto do Idoso demonstra preocupação do Estado e da sociedade brasileira. Estamos vivenciando uma nova realidade etária: não somos mais um país de jovens, mas um país em acelerado envelhecimento.

Vejamos outros pontos importantes do Estatuto. Assegura-se desconto de pelo menos 50% nas atividades culturais, de lazer e esportivas, além da gratuidade nos transportes coletivos públicos para os maiores de 65 anos. Nas aposentadorias, o relator acolheu redação da emenda do governo que determina o reajuste dos benefícios na mesma data do reajuste do salário mínimo, porém com percentual definido em regulamento. Os meios de comunicação também deverão manter espaços ou horários especiais voltados para o público idoso, com finalidade educativa, informativa, artística e cultural sobre envelhecimento. Os currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal deverão prever conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, a fim de contribuir para a eliminação do preconceito. O poder público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos em padrão editorial que facilite a leitura.

Logo após a aprovação do Estatuto do Idoso, o jornal *O Estado de S. Paulo*, em editorial, salientou, com razão, que bom seria que o ordenamento jurídico nem precisasse normatizar aquilo que é interesse indiscutível de todos, parte indissociável da sensibilidade do ser humano, como é o respeito aos mais velhos. "Até parece estranho", sublinha o editorialista Carlos Alberto Di Franco, "ter que punir pessoas, com penas privativas de liberdade, para que a sociedade tome consciência da necessidade de dar um mínimo de proteção aos que logram atingir idade mais avançada e por isso merecem ser premiados pela vida, não castigados" (cf. *O Estado de S. Paulo*, 10 de outubro de 2003).

As conseqüências dessas transformações requerem mudanças de mentalidade e postura, o reconhecimento da primazia de responsabilidade do Estado na condução de políticas públicas que assegurem um envelhecer com segurança, dignidade e cidadania como exercício pleno de direito. Também é importante o envolvimento da sociedade civil organizada, inclusive das entidades representativas do segmento idoso. Todos devemos se envolver em prol da defesa dos direitos dos idosos, divulgando e lutando pela efetivação de todas as medidas na prática.

Considerações Finais

"O trabalho enobrece o homem" é uma frase que todos já ouvimos em algum momento. O trabalho é tão importante na nossa vida que passamos a infância toda respondendo à pergunta "O que você vai ser quando crescer?" Ou seja: a carreira que você escolhe, a profissão que você exerce torna-se sinônimo do que você "é" — professor, motorista, instrutor de treinamento, eletricitista, secretária, analista de sistemas, etc. Nas matérias dos jornais e nas reportagens transmitidas pelas redes de tevê, os personagens "comuns" não são identificados por sua nacionalidade, o time que torcem ou sua classe social, mas por sua profissão: "a arquiteta Maria Claudia fez um projeto...", "o engenheiro mecânico João Luiz comemorou...", e por aí vai.

Trabalhar é o objetivo número um de cada pessoa, seja para se sustentar e financiar seus estudos, seja para a realização de um sonho.

Quando a criança diz o que vai ser quando crescer, costuma expressar seus desejos verdadeiros: se ama os bichos, quer ser veterinária; se gosta de "experiências", quer ser cientista. Mais tarde, o jovem, já sabedor das dificuldades com os estudos e com o mercado de trabalho, acaba por adaptar suas expectativas, a ponto de talvez desejar apenas um "emprego", sem nenhuma conexão com suas afinidades, seus desejos e seus talentos. Na melhor das hipóteses, esse emprego pode lhe trazer alguma satisfação: o orgulho de desempenhar bem uma tarefa, o prazer da convivência com os amigos, a tranquilidade de ter uma fonte de renda assegurada. A pior hipótese é a pessoa odiar o que faz e consumir um terço da sua vida em pura infelicidade.

Nos dias de hoje, depois de muitas transformações, ninguém mais se sente obrigado a continuar casado com a mesma pessoa a vida inteira se o relacionamento lhe causa sofrimento. No entanto, as pessoas ainda têm muita dificuldade em se "divorciar" de empregos de que não gostam, para abandonar uma faculdade que só lhes trouxe decepções. Claro que há implicações econômicas nessa dificuldade.

Ressalto também que o trabalho pode ser uma inesgotável fonte de realizações pessoais, além de dar significado social à existência. Quando o trabalho estimula o crescimento pessoal e profissional, por oferecer possibilidades de reconhecimento e sentimentos de poder, de crescimento e de realização pessoal, a motivação faz com que as pessoas sacrifiquem outros interesses pessoais.

Vejamos a declaração de dois de nossos entrevistados.

— *A verdade é a seguinte: você trabalha numa companhia, pega os melhores momentos, é elogiado. Fazia, trabalhava, saía da minha casa às seis horas e não via o meus filhos crescerem (S.G.F.).*

— *A gente, que só viajava, não tinha uma constante dentro de casa. Nosso convívio era sexta à tarde, sábado e domingo. Na segunda, já viajava novamente. Tanto é que praticamente não vi os meus filhos crescerem (M.C.).*

Mesmo o melhor dos empregos tem problemas, é verdade, mas os entrevistados vêm de uma empresa paternalista com força total. A Cesp oferecia emprego vitalício para a maioria dos funcionários e uma espécie de contrato social entre a administração e mão-de-obra: proporcionava excelentes seguros sociais, educação, benefícios de aposentadoria, apoiava-lhes a vida social com espaços de lazer, clubes recreativos e esportivos, campos de golfe, creches, um centro de conservação da fauna e da flora.

Em relação ao aspecto humano, não há o que se discutir. Os operários que trabalhavam na Cesp podiam se dedicar com tranquilidade a suas atividades, pois tinham consciência de que suas famílias estavam adequadamente assistidas nos aspectos médico, escolar e de lazer.

Tendo em vista que a vida social em Ilha Solteira, no início de sua construção, era ainda bastante limitada e que alguns dos entrevistados viajavam muito e outros faziam muitas horas extras, as igrejas desempenharam um papel importante, oferecendo espaços e oportunidades para os familiares desses entrevistados se reunirem. Sennett, em *A corrosão*

do caráter, a partir de entrevistas realizadas com executivos demitidos da empresa IBM em Nova York, mostra como ocorreu o paulatino processo de conscientização dos ex-funcionários e utiliza trecho de uma entrevista que Michel Foucault concedeu pouco antes de morrer, na qual este perguntou ao entrevistador: "Como nós 'nos governamos'?".

Como nos governamos realizando atos em que somos nós mesmos o objeto de tais atos, os campos em que eles são aplicados, os instrumentos aos quais eles recorrem e o sujeito que age? [...] Os programadores precisavam responder a esta pergunta. [...] Os homens experimentaram três histórias. Todas as três versões giram em torno de um ponto crucial. Na primeira, o ponto ocorre quando a administração existente começa a trair os profissionais, na segunda quando intrusos chegam à cena, e a terceira no momento em que os programadores deixam de sair na hora certa. [...] Suas discussões não foram, claro, três capítulos nítidos, bem-feitos. A conversa descontraída inevitavelmente vagueia e serpeia. Mas, nas duas primeiras versões, verdades chatas atrapalham os fatos definidores. A primeira versão é esvaziada pelo conhecimento factual da condição da IBM, a segunda pela crença deles no progresso, tecnologia e seu senso de qualidade profissional. A terceira versão, porém, liberta a pessoa que fala para assumir o controle da narrativa. Agora a história pode fluir: tem um centro sólido, "eu", e uma trama bem-feita — "o que eu devia ter feito era tomar minha vida em minhas próprias mãos." O momento definidor ocorre quando os programadores passam da condição de vítima passiva para uma condição mais ativa. Agora suas próprias ações contam para a história (Sennett, 2000, p.157-158).

A partir disso, podemos afirmar que algumas pessoas são capazes de pensar o futuro, conseguem estabelecer planos muitas vezes ousados e, com persistência, realizá-los. Em geral, são pessoas positivas, bem-humoradas, espalham alto-astrol pelo ambiente, são desafiadoras e conseguem manter o foco em seus planos. Já uma grande parcela de pessoas vive em permanente estado de descontentamento com suas vidas.

Devemos, então, estar em permanente busca de realização e felicidade. Como diz nossa entrevistada (BV), "precisamos prestar atenção ao nosso dia-a-dia" ou não conseguiremos estabelecer pontes entre os

sonhos e os planos para concretizá-los. Depende de prestar atenção nas pequenas ou grandes coisas que estão a nossa volta.

Realização também depende de conviver de forma aberta com as pessoas, aquelas de quem você gosta, aprecia ou ama, e também aquelas que você não aprecia, que são muito diferentes de você. Antes, e acima de tudo, é fundamental termos consciência de que a ambigüidade entre a segurança e o risco faz parte desta vida desenhada por nós. É evidente que é sempre bom e útil evitarmos na escolha de hoje o arrependimento de amanhã. Por isso, decisões importantes como a da aposentadoria devem ser acompanhadas de uma preparação anterior, de energia e sabedoria compatíveis. Como vários entrevistados observam, a família deve sempre compartilhar de todo o processo. Assim, a postura arrojada e muitas vezes válida — "na vida a gente se arrepende das coisas que não faz; na dúvida, faça" — não pode ser usada nesses momentos cruciais, ou seja, se não estiver preparado, aguarde para tomar uma decisão.

Quanto à família, podemos dizer que, para grande parte de nossos entrevistados, tem importância fundamental. A interação familiar é vital para o bem-estar de todos. Nesse retorno ao lar, o aposentado que, devido a seu ritmo de trabalho, esteve tão ausente tem que aprender a se integrar novamente no sistema familiar, fazendo com que a convivência se torne agradável, cultivando o respeito mútuo, com muita tolerância e muita solidariedade, para que predominem a harmonia e uma atmosfera saudável que possibilitem a individualidade e o crescimento de cada um, com a definição de seus respectivos papéis. Assim, confirma-se nos depoimentos o que foi dito inicialmente: que a família tem mesmo um grande significado para a vida do aposentado. As boas relações familiares são suporte para que o aposentado se "sinta num porto seguro".

Quanto à velhice, podemos observar, no depoimento de uma entrevistada — "Olha: você sabe por que fiquei tão chocada? Porque o ser humano não admite envelhecer. É muito difícil envelhecer. Depois, o físico é muito forte no sentimento da gente" (B.V.) —, que carrega consigo e socialmente um estigma negativo. A pessoa idosa é um ser em desvantagem, que, no meio social, é vista como um sujeito que vive

marginalizado (à margem) das possibilidades do mundo moderno. Temos que aprender a superar o estigma da velhice e trilhar novos caminhos, novos espaços e novas redes de relações. Por isso, "não há uma única forma de ser velho, mas muitas" (Mercadante, 1997, p. 59).

Muitas referências feitas por nossos entrevistados à questão do envelhecimento remetem à categoria de exclusão para apontar a necessidade de se efetuar mais e mais estudos e pesquisas, dando voz e vez aos idosos de nossa sociedade. Por outro lado, os próprios entrevistados mostram que existem maneiras outras de promover e conquistar processos de inclusão social. O entrevistado (S.G.F.) assevera: "Prefiro dar uma riscada na palavra velho, substituir por experiência de vida." Em outras palavras,

as melhores armas para a velhice são o conhecimento e a prática das virtudes. Cultivados em qualquer idade, eles dão frutos soberbos no término de uma existência bem vivida. Eles não somente jamais nos abandonam, [...] como também a simples consciência de ter vivido sabiamente, associada à lembrança de seus próprios benefícios, é uma sensação das mais agradáveis (Cícero, 1999:12).

As pessoas criam sonhos e, ao se aposentar, rompe-se essa visão de futuro. Depende muito da maneira como o entrevistado se relacionou com o trabalho ao longo de sua vida e da relação que estabeleceu com o tempo livre, mediante atividades de lazer e projetos de vida. Quanto maior o envolvimento com a empresa e as pessoas, maior a dor do rompimento, dor associada ao fim de uma relação. Acredita-se que se o único referencial do trabalhador for seu papel profissional, ele enfrentará uma crise de identidade durante este novo período; mas já constatamos que existem várias maneiras de amenizar a dor da separação.

Todas as mudanças provocam uma sensação de perda, pois se perde o referencial, como vimos no relato de nossa entrevistada, mesmo que não seja algo necessariamente negativo. Como pudemos constatar nas falas dos entrevistados, o momento do desligamento e os primeiros dias de aposentadoria chegam acompanhados de grande ansiedade. O novo

assusta e coloca em condição de alerta, haja vista a emoção em todas os testemunhos sobre como se sentiram no dia do desligamento. Quando a pessoa começa a falar, lembra-se de bons e maus momentos naquele ambiente. É o sentimento de deixar uma história para trás, a sua história.

Todas as mudanças também trazem conflitos. Nenhum processo de mudança ocorre naturalmente. Nossos entrevistados afirmam que a preparação pré-aposentadoria é um dos caminhos alternativos para não sofrer demais nesse processo. Todavia, observamos que alguns dos entrevistados estão mais preparados para lidar com esse dilema. Talvez graças a sua formação religiosa e cultural, têm mais habilidades para converter a situação a seu favor.

A vida foi e sempre será muito dinâmica. Mas, com o tempo, parece que todos os movimentos e as forças que neles interagem os fazem mais rápidos. O novo hoje pode ser velho daqui a alguns meses ou, até mesmo, algumas horas. Isso nos obriga a estar mais atentos e, principalmente, mais sensíveis, mais seletivos e cuidadosos.

Também é preciso promover um encontro superior consigo mesmo, pensando estrategicamente em longo prazo. Saber qual das alternativas contribuem mais para o projeto de vida pessoal. E, se necessário, recolher-se e fazer uma profunda meditação, ou seja, um treinamento que pode ser realizado de várias formas e com várias finalidades diferentes. Mas todas, acreditamos, tratam de controlar o que normalmente nos controla: a nossa própria mente. Os mais felizes normalmente são os que conservam a curiosidade pela vida, são aqueles cujas atitudes são flexíveis. A atitude positiva é uma das principais armas para enfrentar as mudanças que chegam com o avançar dos anos. Assim talvez possamos responder a pergunta "Como nós 'nos governamos'?", feita por Foucault.

Vejamos as "dicas" que nossos entrevistados dão para a concentração de esforços dos futuros aposentados.

- Fazer uma profunda reflexão e se preparar de todas as formas possíveis.
- Criar grupos de estudo para criar novas alternativas de viver o pós-trabalho e participar da vida associativa.

- Tomar cuidado com os hábitos indesejáveis e cuidar da aparência.
- Preparar-se espiritualmente e se voltar para dentro de si, buscando o que mais gosta de fazer.

- Ter muitos momentos de diálogo com a família e com os amigos;
- No cotidiano, não ditar regras para conviver bem.
- Desfrutar o tempo livre com os familiares, que ajudaram a se chegar até aqui — sair juntos, passear, almoçar, ir ao cinema, ao teatro e até mesmo ao circo são atividades que aliviam o estresse de quem, muitas vezes, tem de representar vários papéis —, e aproveitar o tempo livre com elegância.

- Exercer a cidadania, criar novos projetos, fazer trabalhos voluntários, participar de atividades comunitária, cuidar do crescimento pessoal e espiritual, de algo que proporcione satisfação.

- Prestar atenção à vida, ao dinheiro e à saúde, e ter um hobby.
- Não guardar dinheiro e deixar os problemas dos filhos e netos para que eles próprios os resolvam.

- Buscar programas de preparação pré-aposentadoria, que mostram como iniciar de uma nova vida.

As pessoas podem se apropriar de informações e se recriarem, tornando-se capazes de fazer o que nunca fizeram antes, adquirir uma nova visão de mundo e sobre sua relação com ele, além de ampliar suas capacidades de criar um futuro melhor de transformação pessoal e social. As mudanças permanentes do mundo atual impõem às pessoas a necessidade de desaprender, de aprender e de reaprender constantemente. A verdadeira aprendizagem implica mudanças na relação das pessoas consigo mesma, com os outros e com a vida e o mundo, mexe com hábitos, valores e emoções.

Como estudiosa da Gerontologia, afirmo que a normatização do respeito aos idosos é, no entanto, uma imperiosa necessidade, tendo em vista a falta de preparo da população em geral para o convívio com a velhice. A aplicação e fiscalização do Estatuto do Idoso merecem apoio de todos os que lutam por uma sociedade justa e humana. Acredito em um esforço coletivo para fazer com que as pessoas tenham a percepção de que vivenciamos um momento sem precedentes na história.

Penso que também é possível refletir sobre formas de preparar para a vida de aposentado, estabelecer reservas físicas e emocionais que permitam manter o vigor necessário para que se desenvolva todo o potencial adquirido durante anos de trabalho e as utilizar ainda como potencial de aprendizado para o lazer e a sociabilidade que o tempo livre pode proporcionar. Esse é mais um desafio para a sociedade brasileira. De qualquer forma, é necessário que haja incentivos para o desfrute de uma velhice feliz. Vejo com otimismo as iniciativas dirigidas ao cidadão idoso. Envelhecer é o exercício de Viver.

A análise de dados permite as algumas conclusões.

O objetivo desta pesquisa — que, acreditamos, está alcançado — foi analisar as transformações ocorridas na vida dos aposentados que passaram pelo Programa de Preparação Pré-Aposentadoria Cesp, levantar qual o rebatimento na vida deles, saber se houve alguma alteração no novo ciclo de vida e se o Programa realmente minimizou o impacto provocado pela passagem do estágio de trabalho para aposentadoria.

Todos os entrevistados afirmaram em seus depoimentos que as metas do Programa foram cumpridas, preparando-os e a suas famílias para o pós-trabalho. Dos oito entrevistados, seis disseram que se alteraram muito os seus ciclo de vida, um afirmou que não houve grande alteração e um não sabe o porquê, mas com ele não houve alteração. Dos oito entrevistados, sete afirmaram que se minimizou o impacto provocado pela passagem do estágio de trabalho para a aposentadoria, e apenas um acredita que esse choque se amenizou apenas em parte, pois o Brasil não estaria social e culturalmente preparado para lidar com seus aposentados (isto significa que, mesmo neste caso, o programa funcionou).

Esse resultado pode ser decorrente do fato de que os integrantes do grupo pesquisado passaram pelo Programa e, além disso, da circunstância de que a Cesp lhes proporciona complementação de aposentadoria, o que garante um pós-trabalho mais tranquilo. Vejo que o sentido de se aposentar talvez se defina como uma variável dependente das condições pessoais do ex-trabalhador, passadas e presentes, associadas aos retornos financeiros, sociais e profissionais que o trabalho ofereceu. Quanto aos rebatimentos na vida dos

entrevistados, acreditamos que foi positivo, pois todos, em seus próprios ritmos, desempenham um papel importante na família e na sociedade.

Os depoimentos nutrem-se da sabedoria dos entrevistados, o que nos permite mostrar um caminho. Não temos a pretensão de dar a receita pronta. Cada pessoa é única e, portanto, encontrará seu próprio caminho. O que estamos a expor são experiências de pessoas que já passaram por esta fase e, por isso, puderam acrescentar e colaborar com o planejamento dos futuros aposentados.

Por serem preocupação muito recente, em termos de realidade brasileira, os programas de preparação pré-aposentadoria requerem ainda muitos estudos, observações, análises e reflexões. Só com o engajamento de diferentes segmentos da sociedade atingidos pela aposentadoria e suas conseqüências e da participação multidisciplinar nas propostas de ação junto aos pré-aposentados é que poderão ser desenvolvidas novas idéias, novas abordagens e novas técnicas. O mais importante, no entanto, é a constatação de que a sensibilização para a idéia já foi desencadeada e que as experiências já realizadas vêm demonstrando o acerto da preocupação com a preparação pré-aposentadoria.

Embora não sejam possíveis conclusões definitivas, as agora levantadas neste grupo podem se constituir em suporte para pesquisas subseqüentes. Estão sendo dados mais alguns passos no sentido da descoberta de explicações, de alternativas para uma questão já antiga na história.

A pesquisa deve servir ao pesquisado e não só a quem pesquisa. No caso presente, as condições de vida dos entrevistados parecem ter melhorado. Mas é urgente o encaminhamento de mais projetos, para preparar o trabalhador para a aposentadoria e prevenir o trabalho como fonte de doença e velhice. E se o ambiente de trabalho é o local em que se processa grande parte do sofrimento e da anulação dos sujeitos, é preciso criar ou aprimorar estratégias de saneamento dos ambientes profissionais. Por outro lado, deve-se ampliar os espaços daqueles trabalhadores que se serviram do trabalho para expressar sua criatividade, sua autodeterminação, seu projeto de vida. Para estes, o trabalho veiculou a abertura para o mundo. A aposentadoria deixa de ser o fim de tudo, e significa liberação

para viver novos papéis e conquistar metas diferentes daquelas concentradas no mundo do trabalho. A sociedade precisa contribuir para o investimento em uma política social que garanta aos aposentados a sua condição de sujeitos e encontrar formas de contornar os prejuízos decorrentes do despreparo da própria sociedade em acolhê-los.

Estas são algumas ilustrações de como pensar a pergunta inicial, tema desta pesquisa — Programa pré-aposentadoria: o recomeço de uma nova vida, crise ou oportunidade?

As crises já se conhecem, e as conquistas de novas oportunidades se podem valer da recriação de espaços, aliados a uma educação continuada para assumir mudanças de papéis e de circunstâncias para corrigir as distorções derivadas de uma corrosão de papéis do aposentado, pelo esvaziamento de seus significados e perspectivas de vida, instaladas já na ativa e exacerbadas na aposentadoria e na velhice. Precisamos quebrar alguns paradigmas. Fica aqui uma nova pergunta. Como formar um ser humano não só para o trabalho ou para o consumo, mas, sobretudo, para que possa em todas as etapas de sua existência desenvolver projetos de vida e resgatar suas potencialidades de ser humano, de forma a encontrar seu próprio caminho para ser feliz e se manifestar nas várias dimensões sociais, culturais e psicológicas da sua vida como ser social?

Bibliografia

- ALBOM, M. *A última grande lição: o sentido da vida*. Trad. José J. Veiga. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- AZPITARTE, E. L. *Idade inútil? Como se preparar para tirar proveito da velhice*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- BEAUVOIR, S. de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERNHOEFT, R. *Valor do executivo e seu despreparo para a aposentadoria*. Campinas: Apostila CPFL, 1983.
- BERQUÓ, E. S. & LEITE, V. da M. Algumas considerações sobre a demografia da população idoso no Brasil. *Ciência & Cultura*. São Paulo, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), v. 40, nº 7, p. 679-688, julho de 1988.
- BIRMAN, J. (1995) Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: VERAS, R. P., org. *Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- BOBBIO, N. (1997) *O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos*. Trad. de Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus.
- BORGES, D. *O que você vai fazer em dezembro?* São Paulo: Dag Edições, 1975.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.
- CAMPOS, J. M. *Os anos não envelhecem*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- CARVALHO, G. J. de. Conheça as propostas para mudar a aposentadoria. *O Estado de S. Paulo*, 16 de novembro de 1988.

- CATTANI, A. D. *Trabalho & autonomia*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CECÍLIO, S. *Aposentadoria como velhice: um subproduto do culto ao trabalho*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990.
- CÍCERO, M. T. *Saber envelhecer*. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- DAL RIO, M. C. *O trabalho voluntário: uma questão contemporânea e um espaço para o aposentado*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- DAL RIO, M. C. *Viver bem a aposentadoria: uma proposta da Fundação CESP*. São Paulo: Companhia Energética de São Paulo (Cesp), 1991.
- DAL RIO, M. C. & SAYAD, N. *Repensando a aposentadoria e grupos de convivência, um estímulo ao crescimento na maturidade e no envelhecimento*. São Paulo: Companhia Energética de São Paulo (Cesp), 1993.
- DAL RIO, M. C. & ZANINOTTI, M. M. M. M. *Análise reflexiva da pesquisa realizada com aposentados e pensionistas da Fundação CESP*. São Paulo: Companhia Energética de São Paulo (Cesp), 1992.
- DOWBOR, L. *A formação do Terceiro Mundo*. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- DOWBOR, L. *O que é capital*. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- EQUIPE DE MEMÓRIA ORAL CESP. *Ilha Solteira: a cidade e a usina*. São Paulo: Departamento de Comunicação CESP, 1989.
- HOBBSBAWM, E. *O operariado e os direitos humanos: mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- JORNAL DO SÊNIOR (Órgão Oficial da Associação dos Aposentados da Fundação CESP). São Paulo, ano 15, nº 143, julho de 2003.
- LESSING, D. *O diário de uma boa vizinha*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- LOPES, R. G. C. *Saúde na velhice*. São Paulo: Educ, 2000.

- LOPES, R. G. C. *Velhos indignos: investigação a respeito do projeto da vida de idosos que se mantêm socialmente ativos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990.
- LUNA, S. V. *Planejamento de pesquisa*. São Paulo: Educ, 2000.
- MAGALHÃES, D. N. *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.
- MANUAL INTERNO da Diretoria de Gestão Empresarial (DGE) e da Gerência de Recursos Humanos (GHIR) da Cesp. Documento xerocopiado.
- MANUAL INTERNO do Setor de Treinamento e Desenvolvimento (PHSD) e da Gerência da Divisão de Políticas e Sistemas de Recursos Humanos (GHIR) da Cesp. Documento xerocopiado.
- MARTINELLI, M. L., org. *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras, 1999.
- MERCADANTE, E. F. *A construção da identidade e da subjetividade do idoso*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.
- MERCADANTE, E. F. Aspectos antropológicos do envelhecimento. In: PAPALEO, N. M., org. *Gerontologia*. São Paulo: Atheneu, 1996.
- MESSY, J. *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo: Aleph, 1993.
- NERI, A. L. *Palavras-chave em gerontologia*. São Paulo: Alínea, 2001.
- NOVAES, C. E. *Capitalismo para principiantes*. 18ª ed. São Paulo: Fernando Paixão, 1989.
- O IDOSO BRASILEIRO NO MERCADO DE TRABALHO. *Texto para Discussão nº 830*. Rio de Janeiro, Ipea, 2001.
- PAIXÃO, F. A. *Previdência social em perguntas e respostas*. 26ª ed. São Paulo: Ed. Síntese, 1993.

POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO. PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. (1998) Ministério da Justiça e Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Brasília.

QUEIROZ, M. I. P., org. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. *Coleção Textos*. São Paulo, Núcleo de Apoio à Pesquisa Centro de Estudos Rurais e Urbanos (Ceru) da Universidade de São Paulo, nº 4, 1983.

QUEIROZ, Z. P. V. Preparação para a aposentadoria: uma nova função da empresa. In: *Gerontologia Social: Caderno nº 2*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1980. Documento xerocopiado.

RODRIGUES, C. L. *O homem de pijama: o imaginário masculino em relação à aposentadoria*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) — Pontifícia Universidade de São Paulo, 2000.

ROSA, C. M. M., BEZERRA, E. M. R. & VIEIRA, M. A. DA C. *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo: Hucitec, 1992.

SALGADO, M. A. *A questão social do idoso no Brasil*. São Paulo: SESC, 1990 (Série Terceira Idade).

SALGADO, M. A. *A velhice, uma nova questão social*. São Paulo: SESC, 1980 (Série Terceira Idade).

SANT'ANNA, D. B. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, J. A. C. F. O processo de envelhecimento como fator de risco. *ARS CVRANDI – CLÍNICA MÉDICA*. Rio de Janeiro, vol. 29, nº 4, p. 5, maio de 1996.

SCHILLER, F. von. *Cartas sobre educação estética da humanidade*. Introdução e notas de Anatol Rosenfeld, São Paulo: EPU, 1991.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SHIBUYA, C. C. *PPA: Preparação para a aposentadoria*. Campinas: Fundação Itaúbanko, 1989.

- SIMÕES, J. A. A previdência social no Brasil: um histórico. In: NERI, A. L. & DEBERT, G. G. *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999.
- UNDERWOOD, J. *The Bridge People: Daily Life in a Camp of Homeless*. Lanham/New York/London: University Press of America, 1993.
- VIRCHES, J. S. & PEREIRA, C. B. *Manual interno do Setor de Relações Trabalhistas e Previdenciárias*. São Paulo: GRHI-CESP, s/d.
- ZANELLI, J. C. & SILVA, N. *Programa de preparação para aposentadoria*. Florianópolis: Insular, 1996.

Anexos

Relação dos entrevistados e datas das entrevistas

Nome do entrevistado	Data da entrevista
Beatriz Volpi (1ª entrevista como participante do programa)	09/05/03
Edson Silveira Evangelista (participante do programa)	26/06/03
José Bezerra Cavalcante Filho (participante do programa)	08/07/03
Ginival Antonio Callegari (participante do programa)	08/07/03
João Pereira dos Passos (participante do programa)	08/07/03
Sérgio Gehre Ferreira (participante do programa)	08/07/03
Raul Barroquelo (participante do programa)	11/07/03
Waldemir Ferreira Costa (participante do programa)	15/07/03
Milton Cantador (participante do programa)	16/07/03
Douglas Aparecido Guzzo (presidente da AAFC)	11/11/03
Beatriz Volpi (2ª entrevista como diretora social da AAFC)	11/11/03

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE

NOME DO INFORMANTE: _____

_____ FONE: _____

RUA: _____

Nº. _____ BAIRRO: _____ CIDADE _____

_____ ESTADO: _____ CEP: _____

FILIAÇÃO: _____

DOCUMENTO: _____ Nº. _____

ORG EXP.: _____ DATA: ____/____/____

DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____

ESTADO CIVIL _____

SEXO: () FEMININO () MASCULINO

NATURALIDADE: _____

NACIONALIDADE: _____

ESCOLARIDADE _____

COR: _____

RELIGIÃO: _____

PROFISSÃO: _____

OCUPAÇÃO ANTERIOR: _____

PERÍODO DE PREPARAÇÃO: _____

LOCAL: _____

DATA APOSENTADORIA: _____/_____/_____

OCUPAÇÃO ATUAL: _____

DIÁRIO DE PESQUISA

CONDIÇÕES DA ENTREVISTA

LOCAL: _____

DATA: / /

PARTICIPANTES DA ENTREVISTA

REACÇÕES DO ENTREVISTADO:

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

[illegible]

AUTORIZAÇÃO

Por esse instrumento de autorização, por mim assinado, dou pleno consentimento à aluna Julia Aparecida Linari, brasileira, viúva, portadora do RG.: nº 6.555.927-7, aluna do curso de Mestrado de Pós Graduação em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica – SP. tendo seu Projeto de Pesquisa, o tema: Programa Pré-Aposentadoria: O recomeço de uma nova vida, crise ou oportunidade? O Caso CESP., a realizar entrevistas utilizando o método de trabalho- Técnica de gravador para o registro das mesmas, o que facilitaria grandemente o seu trabalho.

Tenho pleno conhecimento que não haverá desconforto, danos e/ou riscos à minha pessoa decorrentes da pesquisa. Tenho ainda a liberdade de me recusar a participar ou retirar-me em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade ou prejuízo. Tendo assegurado a garantia de sigilo e privacidade, quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Além de não haver nenhuma forma de indenização ou ressarcimento das despesas decorrentes da participação da mesma.

Concordo plenamente que todos os dados obtidos e quaisquer outras informações concernentes aos mesmos constituam propriedades exclusivas da aluna, à qual dou pleno direito, uso na elaboração da pesquisa, e divulgação pública em geral, como também em Congresso e/ou Revista Científica – Nacional ou Estrangeira, respeitando os códigos de ética.

São Paulo, _____/_____/_____

Nome

Assinatura

RG.: _____ SSP/_____, exp. ____/____/_____.

Entrevista V. (RH)

Como surgiu o Programa ?

O Programa de Preparação para Aposentadoria surgiu porque as pessoas não estavam preparadas para aposentadoria.

Quando não estão preparadas, as pessoas ficavam doentes, apresentavam alcoolismo, doenças psicossomáticas, conflitos familiares, acabando na separação.

Começou com um projeto na Fundação CESP, e houve um trabalho com aposentados na Pousada de Jurumirim. Em 1987, fez-se um diagnóstico e percebeu-se que a população CESPIANA estava envelhecendo. Foram feitos contatos com as empresas: COPEL-PR, CEMIG-MG e outras em São Paulo e pesquisas para elaboração de um projeto da CESP.

Implantado em Abril/88, com períodos de interrupção com o Plano Collor. No início participavam os empregados emergenciais a 1 ano da possibilidade de aposentadoria e os preventivos a 3 ou 2 anos da aposentadoria. A participação era optativa, participavam empregados e cônjuges.

O Programa constava de Seminários e Reciclagens. A duração inicialmente era de 1 semana, entrava no domingo à tarde e saía na 6ª feira às 12:00 horas, depois entrada na 2ª feira a partir das 17:00 horas e saída na 6ª feira após o café da manhã.

Atividades

1) Informativas

- Aspectos Legais da Previdência Social e Privada
- Aspectos da Saúde
- Direito de Família
- Benefícios da Fundação CESP e
- Saúde pelo Movimento - praticar atividades físicas é importante para manutenção da saúde.

2) Vivências

Refletir sobre mudanças de papéis ao longo da vida e na aposentadoria. Aproveitamento do tempo, liberdade, novas formas de realização, participação na sociedade.

3) Integração Sócio Cultural

A pessoa se perceber com possibilidades de outras atividades culturais e sociais, oportunidade de prazer, contato com novos grupos.

4) Avaliação

O sistema de avaliação era de reação, existia um questionário onde se preenchia a cada dia de atividade.

A descontinuidade do trabalho aconteceu com a mudança de diretores, gerentes, por ser uma Empresa parestatal.

Entrevista E.S.E.

- Fale um pouco sobre o Programa.

Atuei na Área de Diplomacia durante cinco anos e fiz o curso de Gerontologia Social nos anos 80, foi uma das turmas cuja coordenadora desse curso foi do Sedes Sapiense, eu não lembro o nome dela, não no momento, e Maria Alice era a que dava o nosso Psicodrama.

Eu coordenei esse Programa, coordenava turmas desse Programa. A empresa na qual eu trabalhava foi uma das precursoras no Setor Elétrico Paulista a implantar um Programa de Preparação para Aposentadoria. O nome desse programa era PPA – Programa de Preparação para Aposentadoria. Então tinha todo um tratamento logístico muito simpático, muito agradável. Tinha uma equipe de criação na empresa, então tudo era assim, pastas, folhetos explicativos, era o envelope onde fosse feito o convite, a nossa abordagem primeira antes de enviar o convite era passar a mão no telefone, fazer um contato coloquial com a pessoa alertando sobre _ olha você está com tantos anos de trabalho e daqui a algum tempo é interessante que você comece a planejar a sua aposentadoria, mas a gente deve lhe informar primeiro que não tem nenhuma obrigação sua se aposentar, isso a gente deixou bem claro e enfatizava muito isso. Nosso contato era para que a pessoa ficasse alerta, fosse dado um start, olha você já está com 25 anos, no caso a mulher, antigamente eu nem me lembro era

25 proporcional e 30 integral para mulher e 30 proporcional e 35 integral para o homem, mas enfim você está adquirindo esse benefício ou por idade ou por tempo de serviço ou por ambos então o que a gente queria é que você ficasse ligado nisso, que você ficasse observando que daqui a um tempo você terá esse benefício adquirido, você adquiriu esse direito e se você vai exercer esse direito ou não, a hora que você quiser, nós não estamos aqui tratando da sua expulsão da empresa não está sendo impingida a você a aposentadoria, mas sim efetivamente que você esteja preparado para quando você escolher o seu momento você saiba identificar esse momento que é muito importante para que você dê um passo definitivo porque uma vez que você sai oficialmente dos quadros da empresa e que você deixa o seu sobrenome empresarial, principalmente dentro do setor elétrico e mais especificamente dentro da CESP, era assim a pessoa vivia em função da empresa, tudo era a empresa, então muitas pessoas, os barrageiros, quando construíram as barragens a casa era montada pela empresa, até o berço dos filhos, tudo dentro da empresa tinha a chapinha CESP, número tal, então muita gente assim, cresceu com o sobrenome CESP, a gente sabe do amor que você tem e começa a fazer o seu balanço de vida durante esse período e puxa já estou atingindo a minha aposentadoria preciso ver qual é a hora, qual é o momento que eu devo sair, mas devo observar que será um passo definitivo. A CESP passará a fazer parte das minhas memórias, do meu passado, então quando chegar o dia que eu me decidir aposentar, como você irá vivenciar este momento, porque todas as pesquisas apontam que uma pessoa sem o preparo ideal para enfrentar uma aposentadoria, dois anos após, se ela não tiver preparo, em média dois anos após a pessoa vem a falecer, ficar doente, a ter doenças graves, isto é comprovado cientificamente, porque muitas pessoas você sabe a gente está neste dia a dia, a gente reclama eu não tenho hora, não sei o que, não sei o que lá mas quando a gente fica de férias 30 dias não é um horror se você não viaja por mais que você mantenha em atividade chega uma hora que você passa tudo, você fica assim opa já está na hora de voltar mas quando você se aposentar, passada a lua de mel, a coisa fica meio complicada, então tudo isso a gente tentava abordar com os colegas

sobre o envelhecer, questões de vida, de morte, de família, da volta para casa, do reencontro com o cônjuge. Isso era uma coisa muito importante porque um outro dado também de uma pesquisa científica era que muitas separações ocorriam já na idade madura em função do marido viver extremamente longe do lar durante trinta anos e de repente volta para casa e começa a ocupar determinados espaços que antigamente eram vagos. Não é verdade eu até me lembro que tinha um caso, um funcionário nosso, um engenheiro, também muito bem posto, ele relatou que começou a fazer uma reciclagem, com duração de cinco anos, e quando chegaram dois anos antes dele de fato já marcar a data da aposentaria, que ele já queria estabelecer uma meta, ele falou que começou a ter que ler o jornal no salão de festas do prédio porque a cinza do cigarro incomodava a cônjuge, porque ele sujava a casa toda para ler o jornal e a mulher falou assim ou você lê o jornal lá em baixo, ou fora daqui, não interessa aonde, ou então nós não vamos conseguir nos acertar aqui dentro de casa.

- *Você levava a esposa, e quanto tempo durava?*

A gente começou a fazer o preparo e alertar sobre isso cinco anos antes, depois quando a gente voltou era regime de imersão, a gente saía daqui no domingo e voltava no sábado, depois os custos foram aumentando muito porque a CESP era o estado inteiro então nós trazíamos e púnhamos no centro de treinamento que ficava em Atibaia, depois a gente usou uma das Pousadas que era a antiga Usinas era a Pousada de Jurumirim. A gente usou Atibaia, Botucatu e Jurumirim. O objetivo era que a esposa e o marido se preparassem juntos e decidissem juntos qual o momento ideal para a aposentadoria, então era uma decisão em conjunto, inclusive deles resgatarem a própria vida deles, a vida conjugal, saber o que poderia ser, dali nós tivemos casais que se separaram, casais que recasaram ali mesmo, foi uma coisa. É uma história muito rica que nós temos. Eu espero que nessa fita que eu estou te emprestando seja a fita completa, foi uma maravilha a gente viu o reencontro dos casais, sabe, sobre todos os aspectos filosóficos, aspectos de ideais de vida, de construção da família, da reconstrução da família, de resgatar a época do namoro, de lembrar como foi o casamento. Se você soubesse como a minha cabeça é povoada de

histórias, você não acredita, porque foi um dos programas, acho que um dos momentos mais ricos que tive na minha vida, de troca com essas pessoas. O curso de gerontologia foi bárbaro, me capacitou para isso, mas certamente o que conta mais é a sensibilidade, o seu exercício da tua sensibilidade, de você poder conversar com essas pessoas, e transmitir a elas à vontade, despertar nelas à vontade de falar, a disponibilidade de se abrir e a disponibilidade dela se auto resgatar e o casal se auto resgatar juntos, isso era um exercício muito mas muito rico. Então eu acho que a Gerontologia te capacita evidentemente mas procure elementos em si mesma que lhe dê a oportunidade de exercer isso com a sensibilidade que é sua, sabe de você exercitar e expor a tua sensibilidade. Eu falo muito através da música, eu acho uma linguagem muito objetiva, mas o pessoal fala que a música é subjetiva, é, mas ela toca você, ela usa de outros canais extra-sensoriais que a gente não sabe, que eu também não sei te dizer, eu tinha desde marcha nupciais até um baião, passava conforme o grau de cultura das pessoas, eu tinha engenheiros, diretores da minha empresa, tinha ascensoristas, porteiros, garçons, nós tínhamos por objetivo não elitizar, era misturar tudo porque a gente estava tratando de ser humano, de coração para coração, mas também com o pé no chão, que era o dia a dia. Vamos saber questões da Previdência Social, vamos saber questões da Previdência Privada, vamos saber questões que eu vou ter que conversar fazer um replanejamento da minha vida porque certamente o meu dinheiro vai diminuir, lamentavelmente no nosso país diminui, então a nossa condição de vida pode sofrer algumas alterações, então vamos planejar este futuro, planejar o futuro material e o futuro espiritual para que a gente possa levar uma vida legal, uma vida de acordo, sem surpresas, porque o imponderável é imponderável, ele vai mesmo e você tenta administrar e se você estiver mais forte você vai conseguir viver melhor e atravessar as vicissitudes da vida na medida em que você esteja fortalecido elas correm de uma maneira mais suave porque se te pega frágil, uma coisinha vira uma montanha.

- *Como era a aceitação deles?*

A aceitação deles era fantástica.

Como eu te falei eu usava muita a música, era um elemento assim pra mim, isso eu descobri por pura intuição, sensibilidade que me deu um estalo e falei vou usar a musica e usava, e normalmente eram músicas conhecidas na época que me dava determinado gancho, às vezes eu pegava novela da TV, quem não assiste novela? É uma porcaria, eu não assisto, mas sabe tal artista que todo mundo da uma bicada numa novela isso não tem por onde. Então a gente até fazia esses comentários da vida diária, então era interessante como as pessoas acabavam se colocando, não sei se você, desculpe, seu nome?_ É Julia.

Julia, existe uma técnica dentre os atores de novela, de diretores principalmente de novela, que é quando às vezes os determinados atores, na fala deles tem um texto muito grande, você já reparou? Porque eles têm este texto muito grande? Eu fui procurar saber. É porque eles interagem com você, sabia disso? Eles fixam como se você, enquanto atriz, estivesse na minha sala de visitas falando pra mim, então todo mundo assim nessas novelas você pega, você pode observar este truque, na novela do Manoel Carlos – Mulheres Apaixonadas – você pode ver isso, eles falam diretamente para você, tem alguns atores com a fala bem grande, exatamente para te dar a sensação de interação com você, que o personagem está dentro da sua casa. Então eu fui procurar saber, enfim fuçar, eu fazia umas analogias com isso para que eles pudessem fazer uma reflexão, então esses debates do dia a dia era uma coisa fantástica, muito rico porque você tem que pegar o cotidiano. Se você deixa isso de lado, fica dentro da coisa teórica, sem se aprofundar, eu acho que fica vago demais. Eu falo assim que fica em situações gasosas, evaporam, viram água e ninguém sabe mais nada e o importante era estabelecer essa relação toda, que eu via de fazer a ponte, vou trabalhar questões de duas formas, eu tinha que experimentar sensações, tinha o laboratório de vivências e tinha uma outra questão que era estabelecer que eu ia experimentar fazer o laboratório das informações que eu iria receber, informações de que tipo? Informações que sejam absolutamente reais que é o meu dia a dia, que é o meu sustento, o meu dinheiro, então eu tinha planejamento econômico familiar, tinha previdência social, tinha por questões toda de tempo de aposentadoria, o

que eu tinha que fazer, que papel, onde eu deveria ir, tinha questões da previdência privada, que nós funcionários do setor elétrico temos da Fundação CESP e todas as questões que envolvessem a minha aposentadoria relacionada à previdência privada. Eu tinha aspectos de saúde, eu levava médicos que eram da nossa empresa, médicos do trabalho que iam fazer a abordagem sobre as doenças da 3ª idade, a mudança dos aspectos sexuais do idoso, todas as mudanças que ocorriam no homem, o climatério, a menopausa, enfim todas essas questões. Nós tínhamos um técnico de Educação Física que juntamente com esse médico falava da importância da atividade física na 3ª idade. 3ª idade é até hoje um termo que eu questiono muito, acho meio, se perdeu. Na fase idosa, não sei, vou trocar essa opinião com você, idoso eu acho que é acima de 70 anos, porque hoje você vê todo mundo quer aumentar mais a idade de trabalho, tá essa confusão toda. O homem já vai aposentar com 60 anos, integral, a mulher com 55 anos. Hoje em dia com os recursos que a medicina nos dá, essa idade está sendo esticada, nossa juventude está sendo levada mais para cima, eu acho que acima de 70 anos você pode chamar de 3ª idade, porque hoje antecipou muito, então hoje a infância é mais curta, a adolescência é antes e você vivencia a sua idade adulta até os 50, 60 anos. Então eu acho que essa idade adulta tem diversas seções.

Eles têm alterado a nomenclatura para melhor idade, maturidade, para 4ª idade.

Não importa, idoso é idoso, e infantil é a idade da infância, idade da adolescência e idade adulta. Pra mim a idade adulta vai dos 18, 20 anos até os 70 anos. Eu acho que tudo que divide. Porque até então você sair da sua infância para sua adolescência, para entrar para a idade adulta, você praticamente conclui todo seu aprendizado para atingir essa idade entrar no mercado de trabalho e se virar para viver. Você só muda isso, quando você deixou de estudar, se formou, ou antes disso, já foi trabalhar por necessidades da vida, você vai até uns 50, 60 anos de agora em diante para se aposentar e enfrentar uma nova fase da vida.

- *Vocês tinham pessoas muito jovens que se aposentam por aposentadoria especial?*

Tinha gente que se aposentou com 43 anos. Essas pessoas que se aposentaram com 43 anos elas praticamente tinham objetivos que se seguiam de montar o seu próprio negócio, de ir embora da cidade de São Paulo, porque muita gente era do interior, enfim, e de outros estados. Pra você ter uma idéia, antigamente para entrar na CESP, no interior eles punham anúncio no rádio, sabia disso? Passava o carro na rua convidando, chamando as pessoas para virem trabalhar, para virem fazer teste de seleção, coisa assim, porque a demanda era muito maior. Não sei se você teve a oportunidade de conhecer alguma Usina da CESP, aquilo era uma monstruosidade, é uma cidade para você construir.

Você já foi em Itaipu? – Não.

É um passeio interessante, quando você for a Foz de Iguaçu, procure conhecer, é uma das maiores usinas da América do Sul, Itaipu Binacional, é um espetáculo. Agora você vê aquele monstro de concreto, aqueles lagos imensos, você fala assim, não é possível quantas milhares de pessoas precisaram para construir aquilo. A nossa energia basicamente vem de usinas hidroelétricas, ela vem da água, existem outras formas de energia elétrica, as termoeletricas, mas essa especificamente a nossa maior parte de energia no Brasil é da hidroelétrica.

Mas eu sei que então essas pessoas já tinham objetivos muito mais claros porque tinha ainda um componente da idade de 43 anos, a maioria era 50 anos, que acho que é uma idade muito interessante para se aposentar e pra se redimensionar, mas era exceções essas pessoas de 40 e poucos anos.

Mas eu sou franco em falar para você a grande maioria de pessoas que passaram por nós, eu nem sei quantas foram, foram muitas, elas estão muito bem. Você conheceu a Bia e a entrevistou, ela era uma mulher, uma executiva da área financeira, super ativa, sempre foi muito bonita e ela falou, eu não vou parar, eu quero divulgar isso, eu quero trabalhar na Associação dos Aposentados, cuja fundadora foi a Tânia Mara de Melo, que eu te falei que foi a 1^a. empregada da CESP, que fez o curso de Gerontologia Social, foi a que deu “start” aqui dentro da empresa pra isso. A Tânia Mara hoje está aposentada, ela é jovem ainda, acho que esta fazendo 50 anos agora, se

aposentou há 2 ou 3 anos. Ela foi a principal figura da criação da Associação dos Aposentados, não é da CESP, era de todas as empresas do setor energético, não me lembro à sigla agora. E nós tínhamos neste laboratório de formação sempre o presidente, na época o Dr. Mazola, que se faziam presentes, o Dr. Vinicius, era um pessoal muito bacana da antiga que trazia os seus depoimentos para as turmas.

_ A Bia deu um depoimento de que quando ela participou pela 1ª vez, foi um choque para ela. Inclusive tinha uma dinâmica que tinha uma linha imaginária, então eles convidavam a pessoa a atravessar aquela linha, e ela disse eu não vou atravessar, eu não quero atravessar essa linha, eu quero ficar do lado de cá. Da 2ª. vez ela aceitou melhor.

Exatamente, porque nós tínhamos, como eu já te disse, quando faltava cinco anos eles faziam o curso, a gente convidada para que eles fossem conosco fazer uma reflexão, para planejar o futuro, para quando eles achassem o momento ideal, se aposentassem. Quando faltava dois anos a gente chamava para uma reciclagem e a linha imaginária era dentro do laboratório de vivência, dentro do meu laboratório de vivência eu estabelecia essa linha imaginária, acho que ela fez comigo, e eu falava cinco e meia, final do expediente, último dia de trabalho e daí? Como é que vai ser? Muita gente não conseguia atravessar. Era difícil, você trava na situação, é uma coisa complicada. Eram momentos muito complicados de você conseguir, porque estávamos todos ali. Esse cinco e meia, final do expediente, era complicado, muito complicado, tinha gente que não conseguia mesmo. Porque qual era o objetivo desse momento e esse era um dos momentos mais importantes do laboratório de vivência, porque a gente tentava trazer para aquele momento um fato que pudesse acontecer ou que pelas leis naturais iria acontecer no dia que ele se decidisse aposentar. Então trazer aquele momento para que o indivíduo fizesse uma reflexão de como ele estaria preparado ou não para enfrentar aquilo.

- *Ele levava aquele choque, e aí?*

E aí que eu posso te falar que era como tudo começava. A gente terminava praticamente ali, mas era ali que tudo começava.

A partir do momento em que ele se permitiu, depois de todo o trabalho que você viesse a fazer, certo, durante o período que eles estivessem ali com você, você teria que fazer com que eles ficassem sensibilizados o suficiente pra que eles dentro de si tivessem condições de se expor na frente dos colegas, das colegas e dos cônjuges desses colegas. Você entendeu? Então era um preparo psico-socio-afetivo-profissional para que ele atingisse o momento e conseguisse se permitir a vivenciar uma coisa que ele iria determinar o dia. Quando ele queria se aposentar mas naquele momento ele tinha que saber qual seria o comportamento dele. Olha era muito rico. Era pesado, muito pesado, mas era absolutamente gratificante. Você voltava absolutamente enriquecido de tantas histórias, de tantas coisas boas, de tanto processo de energia de troca de energia positiva, sabe, de ser uma partícula de colaboração no planejamento que essa pessoa, que esse casal fosse fazer até o momento que eles determinassem entre si que fossem melhor para se aposentar.

- *E as pessoas que não passaram pelo programa, você tem notícias?*

Olha tivemos notícias de algumas pessoas. Essas pessoas elas eu soube de um que logo em seguida que se aposentou, teve diversos problemas de saúde, era cuidado pela esposa, tinha um casal de filhos e tinha um relacionamento difícil com esses filhos, a esposa veio a falecer e ele foi para um asilo. Sabe uma pessoa de difícil trato. Soube de uma que faleceu no dia em que se aposentou, não agüentou, sabe. Teve uma pessoa que foi engraçadíssimo, acho que ele entrou em férias, tinha licença prêmio, que na época tinha, juntou mas passou o mês de férias, entrou o mês de licença, enquanto ele esteve de férias tudo bem, sumiu da empresa, daí na licença prêmio já começava a aparecer. Eu falei poxa você mora do outro lado da cidade, tem banco lá, pede para transferir, fica mais fácil. Ah não, assim eu tenho o que fazer. Ih aquilo já foi o 1º sinal. Daí ele voltou da licença prêmio no final do mês, já estaria para assinar o desligamento, recebeu o ultimo demonstrativo de pagamento e não veio folha de presença, não precisava mais, gente este homem descamba no meio dos colegas, todos lá, pelo amor de Deus me deixa ficar eu não vou conseguir. Foi uma pessoa que não quis participar das vivências, participou de algumas e falava

assim olha eu não preciso mais, isso daí não é para mim, eu não quero participar disso, enfim, porque ninguém é obrigado, a gente convidava se você quer ou se você não quer, é livre, você entra e sai daqui a hora em que você quiser. Eu sei que eles vieram, ele e a esposa e logo foram embora, ele não quis participar, depois no último dia de trabalho dele ele não tinha a menor condição, precisou ser atendido no ambulatório médico, estou vendo a figura dele, mas não lembro do nome dele.

- *Você acha que eles relacionam este Programa com o envelhecimento?*

O objetivo era dizer e tentar sensibiliza-los que com a chegada da velhice, ou com a chegada da aposentadoria, melhor dizendo, viria com a velhice, à infância vem e passa, a adolescência vem e passa, a juventude vem e passa, a idade adulta vem e passa e quando chega à velhice, vem junto com a aposentadoria, e elas vêm e ficam até o dia que você permanecer nesse andar. E isto é a coisa mais sagrada, a infância, a adolescência, a juventude, a idade adulta e a velhice. A velhice é definitiva por mais recursos que se use evidentemente, para que se prorrogue a nossa saúde a nossa qualidade de vida, a nossa juventude, que se tenha, eu confesso para você que o exemplo que a reflexão que a gente fazia era isso. Olha, a aposentadoria chega com a velhice sim e é definitiva. Isso é fato, não se iluda você não é mais jovem, você hoje é um jovem velho, eu falava assim velho júnior, sênior e máster, você ainda é um velho júnior, daí não tem por onde correr, não é mesmo segura a onda. Quando você for máster, aí é melhor ainda, você viu ontem a Derci Gonçalves completando 96 anos na televisão e eu achei o máximo, eu durmo muito pouco e na madrugada estava vendo as reprises dos programas e apareceu um flash do aniversário dela e ela disse assim “eu sinto que minha energia está se esvaindo, esta indo embora é por isso que eu quero estar com as pessoas, porque eu renovo a minha energia”. Então é mais uma coisa o velho se isola. Mesmo a gente, vai chegar num tempo da vida da gente que nós vamos ficar mais seletivo.

O velho só se isola se ele permitir ser isolado. Eu vejo que as pessoas falam assim, ele que tem que chegar até a mim, ela que tem que chegar até a mim, não, se você tem maior disponibilidade de tempo eu acho que você

é que tem de procurar outras pessoas, evidentemente não ficar enchendo, você está aposentado, está com sua vida mansa, não custa dar um telefonema, um dia passar um e-mail, fazer uma visita, mandar um cartão de boas festas não custa então esta parte que você exercita o seu social, que você exercita a sua relação não só com o seu núcleo familiar, mas com os demais, eu acho que isso é importante, isso é fundamental, o trato é necessário, a gentileza e cortesia social é muito importante. Eu nunca consegui mas eu sempre me bati em questões que são importantes numa cidade como São Paulo, num centro urbano como São Paulo, de trazer uma pessoa que falasse sobre vá entre aspas, não é isso tá, é que estas pessoas sabem transmitir isso com mais propriedade. Sobre etiqueta então tem a Claudia Matarazzo, antigamente tinha o Marcelino de Carvalho, hoje tem a Cristini Fon, também, são pessoas que nos colocam a importância de seu marketing pessoal, traduzindo, mas não escala que seja efetivamente é direcionado a sua pessoa, seu marketing empresarial, mas é muito mais que isso, sua marca pessoal, porque na medida que eu te mando um cartão, oi Julia gostei de você ter vindo aqui papear comigo. Sabe eu mando isso para você. Você vai gostar de receber e vai achar legal, mas agora ótimo que isso seja bom.

Um dia, de repente, você fala assim escrevi um livro sobre Gerontologia vou mandar um convite para o Edson para o lançamento do meu livro. Eu vou adorar também, olha que legal a Julia lembrou de mim.

Então esse processo de troca, que é gentileza, cortesia social, você faz, você recebe. Então é uma coisa importante quando você chega na idade madura, na idade da velhice, do velho júnior, que você tenha um grande rol de amigos, um grande rol de pessoas os quais você se relacione, que você seja um pai agradável, um avô generoso, um amigo que dá um ombro, exatamente se você precisar nesse momento, alguém vai te oferecer um ombro, alguém vai lá te oferecer um carinho. Isso é o que a gente espera sem contar com as vicissitudes e o imponderável, por isso mesmo é imponderável, o que vai acontecer com cada um de nós.

- *Você já é aposentado?*

Não, quem dera, ainda falta muito tempo, ainda falta mais de 10 anos, lamentavelmente.

- *Você acha que quando chegar o seu momento, o seu dia, você vai ter algum problema, tendo em vista todo esse trabalho?*

Eu tenho muita informação, eu propicieei juntamente com os meus colegas muito da vivência pessoal de cada um. Eu acho que eu trabalhei esse tempo o meu próprio envelhecer, certo, porque quando você fala para o outro, você está falando antes para si, então eu tenho certeza que isso foi um momento que eu refleti e me preparava para minha velhice, me preparava para o meu próprio envelhecer. Eu acho que só quando você consegue ter isso pra você é que você consegue sensibilizar o outro para que ele faça uma reflexão porque ele já está num estágio mais avançado que você.

- *Você sempre trabalhou na área administrativa?*

Eu fui engenheiro e arquiteto por gostar dessa profissão, depois eu entrei para a carreira diplomática. Fui diplomata durante seis anos ao todo, daí resolvi que também a diplomacia era um pouco pequeno para os meus objetivos maiores. Eu confesso para você, eu vivi em muitos países, aos 25 anos, estava morando em Londres, depois já fui promovido, fui morar no Líbano, mais dois anos eu fui morar no Golfo Pérsico, morei durante dois anos lá, foi um espetáculo, até enfrentar guerra, olha hoje com essa última guerra do Iraque com os Estados Unidos foi uma coisa para mim, foi reviver tudo aquilo, ficar em acampamento deserto, acampamento de refugiado, é uma loucura. Então eu acho que aquilo fez com que eu amadurecesse de uma forma que eu falava assim, olha não é esse o tipo de vida que eu quero, sinto muita a falta da minha família, do meu pai, da minha mãe, a ligação para fazer de lá para cá demorava 48 horas para conseguir, hoje eu viajo o mundo inteiro, você para no orelhão na rua, você liga, você está em Cingapura você liga do orelhão para São Paulo, para casa da minha mãe, para a casa da minha irmã, enfim, eu falo com os meus familiares. E me deu aquele estalo, aquela coisa de guerra, tudo, falei vou embora, voltei para Brasília, detesto Brasília, mas o trabalho sempre me chama lá, resolvi que não queria mais a carreira diplomática, que queria ser dono do meu espaço,

que queria ter autonomia sobre a minha própria vida, e na carreira diplomática você não pode ter, hoje você está aqui, amanhã você está lá, depois de amanhã está do outro lado. O Itamarati pelas próprias funções faz com que você esteja disponível em qualquer lugar do mundo. Então eu era muito transferido por ser jovem, o correio diplomático era uma coisa, hoje existe os e-mails, mas antigamente não, era telex ou era ao vivo. Ou você levava as mensagens cifradas consigo. Era uma outra época, passou. Acho que tudo isso fez com que eu tivesse um amadurecimento e uma visão de mundo muito particular, porque enquanto tinha 11 anos de idade foi a minha primeira vez, fui para os Estados Unidos sozinho, fui para a Disneylândia, aquela coisa fantástica na época, e continua sendo, voltei e o meu pai e minha mãe sempre falava, você tem que ir para fora que além de estudar você tem que formar sua personalidade e firmar o seu caráter, fui estudar em Londres. Então a partir do momento em que a gente é obrigada a pensar por si só, administrar o seu dinheiro, mesmo criança e a gente era muito mais ignorante antigamente porque hoje as crianças com 11 anos de idade são absolutamente ligadas e antenadas em tudo, eu com 11 anos de idade, era uma criança. Tinha saído outras vezes pela América do Sul, mas com os pais, essa foi a minha primeira viagem sozinho e acho que foi importante para a minha formação. A história de vida de cada um é sempre muito interessante. Shakespear já dizia isso: “A história de um homem é sempre admirável”. É uma coisa muito importante, a sua história de vida deve ser bonita, a história de vida da minha secretária que colabora comigo é muito importante. Então cada um tem um processo, o meu foi meio espalhado assim, teve tentáculos em outros continentes, porque aconteceu, a minha família muito desse jeito.

Olha o mundo não é tão grande como você acha, a cidade é grande, mas o mundo é desse tamanho.

Eu entrei na CESP, vou te falar, quando eu voltei para o Brasil, fui trabalhar no Cerimonial do Governo do Estado, como diplomata o governador Montoro nomeou, porque antigamente era voto indireto, o Prefeito Mário Covas em São Paulo tinha voltado do exílio, aquela coisa, foi um período super importante na minha vida e eu fiquei um bom tempo com

eles exercendo a chefia do cerimonial e logo em seguida entrei para o setor energético para criação do departamento de comunicação social da Companhia Paulista de Força e Luz, fiquei lá durante quase um ano e depois deixei a CPFL e entrei na CESP, dentro da CESP comecei fazer um trabalho de RH, baseado na minha história de vida, na minha vivência e no start que tive, porque dois anos após ter vindo embora, tinha escolhido, ficar em São Paulo junto com a minha família, dois anos após papai falece e pensei, preciso cuidar da minha família, quero ter uma vida normal, quero ter horário para entrar no meu trabalho, um horário para almoçar e um horário para sair, para poder ter uma vida normal e colocar a minha família de novo no trilho.

E assim fiz, planejei imediatamente, naquele momento peculiar da minha vida, que fizesse isso. Isso é muito importante e hoje a minha vida tá tudo em ordem, tem a minha 1^a. neta que vai nascer no final dessa semana. Está tudo assim organizado e ainda não me aposentei tem uns dez anos pela frente. Naquela época o período que fiquei fora não era considerado, hoje já é, foi no Governo do Prof^o. Fernando Henrique que essas coisas foram legalizadas, porque a embaixada é território brasileiro e nesta época o tempo já tinha caducado, não cabia mais recurso, mas tudo bem, estou bem, estou com saúde, tenho 50 anos, fiz dia 25/03.

Foi isso tudo que resolvi trabalhar, eu falo, voltar ao meu começo, eu gosto da arquitetura de pessoas. Acho que você ajuda a melhorar a fazer isso ou aquilo mesmo que seja na vida do outro, mas você faz simplesmente pra si mesmo, fazer a arquitetura das pessoas, acho que é trabalhar com a obra da criação, tentar melhorar, tentar fazer com que esse teu parceiro nessa vida melhore sempre. Que seja planejar o seu futuro, que seja planejar a sua vida, dentro dos campos afetivos, intelectual, social, sexual, conjugal, enfim eu acho que essa somatória faz com que você ajude a jornada das pessoas, e ajudando os outros realmente você está melhorando a sua própria vida. E esse programa me enriqueceu nesse período, mas foi um programa que teve um custo alto. A empresa depois foi ficando por administrações complicadas por dinheiro, empresas quebraram, não cabe agora discutir, mas a gente tem que trabalhar com o que restou e a gente adequou esse programa que era feito em caráter de imersão, as pessoas

ficavam fechadas com seus cônjuges num espaço de uma semana, primeiro começou de domingo a sábado, depois de domingo a sexta, depois de segunda a sexta de manhã, foi encurtando, e aí não dava mais pra fazer, ficou dois dias dentro da empresa e hoje estou tentando implantar novamente, estou fazendo um esforço muito grande para que consiga reimplantar esse programa. Tem o meu presidente, hoje que é o Dr. Sidnei Martins, é uma pessoa absolutamente sensível a questões da promoção da figura humana, do empregado e tudo que atinja o bem estar dele. Tive a sorte de trabalhar com pessoas absolutamente fantásticas, pessoas que tinham independente das suas formações, são pessoas que tiveram assim uma importância muito grande no quesito recursos humanos, que não deixaram a coisa degrading, manter qualidade, benefícios para o empregado e para suas famílias. Trabalhei com Danizio Umbenstar, enquanto secretário da Energia, com Andréia Matarazzo, jovens esse dois, super jovens. Trabalhei com Guilherme Ciro de Toledo, presidente da CESP, uma pessoa fantástica e agora Dr. Sidnei, e nós fomos capitaneados pelo Secretário de Energia Dr. Mauro, que vivenciou todo esse processo da CESP. Nós somos fruto das energéticas, o que restou da Eletropaulo antes de ser vendida, o que restou da CESP. Hoje a CESP só tem a geração de energia que está em processo de privatização, a distribuição já foi toda privatizada e hoje nós estamos com a atividade meio, que é a nossa atividade fim, que é transmitir a energia gerada pelas distribuidoras. Hoje a CESP gera, e a Transmissão Paulista que somos nós, transmitimos para distribuidoras que distribuem para a população. Esse é o desenho energético hoje. E essas pessoas não obstante as suas formações tinham uma visão de recursos humanos, muito claras e agradeço muito a elas, foram vitais, eu acho, para a manutenção de muitos benefícios que a gente recebe pela manutenção da qualidade de vida, não só dos que já se aposentaram, que somos mantenedores, ou que são mantenedores da Fundação CESP que garantem todo benefício da Previdência Privada, hoje com essas coisas que você sabe, se for viver da Previdência Social, você tá roubado, mas antes que aquilo acontecesse eles redesenharam a nossa Previdência Privada e hoje nós temos uma Previdência sólida que dá

tranquilidade a grande maioria do setor energético paulista que está aposentado, uma tranquilidade, uma qualidade de vida muito boa, seja através do credenciamento médico, da manutenção das suas aposentadorias. Então isso acho muito importante e foram essas pessoas que pegaram o setor energético de determinada forma, refortaleceram esse setor para que também nós possamos futuramente nos aposentar e ter uma qualidade de vida boa.

- *O programa da Cesp durou quanto tempo?*

Eu acho que durou uns oito anos. Depois ele durou até quatro anos atrás, a bem da verdade, em menor tamanho, mais ou menos 8 anos em regime normal de imersão, olha ele parou há 4 anos atrás já diminuído em seu tamanho, mas tentando manter a sua própria essência. E hoje eu tenho aqui na empresa, até quero te dar um caderno nosso, nós trabalhamos com todos os benefícios que a gente promove, a empresa é inserida no conceito Responsabilidade Social e tem aí um item muito pequeno que é o conviver a aposentadoria que esta em fase de implantação, espero que no ano que vem quando eu te der um volume desse outro, espero que tenha uma informação, não tenho balanço, não gastei nenhum dinheiro com ele ainda.

- *Será que não tem formas alternativas para minimizar esse custo para que o programa possa continuar?*

É isso que nós estamos fazendo. Porque foi feito muita coisa tentando não perder a qualidade. Então até questão de uns quatro anos atrás parou e mudanças, eleições e problemas de administração, e a gente falou tá na hora de recomeçar isso, embora hoje o conceito aposentadoria seja uma coisa muito complicada, esse momento de reformas de previdência muito complicado o que tem atrapalhado assim a gente implantar, você vai fazer o que no laboratório de informação, eu vou falar o que sobre previdência social. Será quando é que eu vou ter assegurado o meu benefício. A gente não tem nada Julia, a gente não sabe o que vai acontecer. Nós vamos ter que esperar. Às vezes eu me empolgo, falo demais.

— *Ótimo, eu só tenho a agradecer. Tenho esse livreto de PPA de 1980, você chegou a ter conhecimento desse programa. Esse foi da tubarão.*

Nossa, super bárbaro. Que beleza, esse programa que foi da Usina Tubarão, do pessoal da CPFL, tinha professor de Educação Física nosso lá, também tinha suplementação, é esse mesmo, basicamente nós que fizemos. A grande maioria fez escola conosco. Veio gente do Brasil inteiro participar.

- Estou mostrando este livreto porque infelizmente a CESP não tem memória desse programa.

A gente não tem mesmo, mesmo porque já mudou muito esse redesenho da previdência privada, redesenho do INSS, os conceitos de saúde.

- Preciso resgatar a história da época da CESP e do programa, para saber em que contexto estava inserido.

Eu não fiquei com nada desse material, depois muda pra cá, muda pra lá, e muita coisa se perdeu. Nós tínhamos aquele monte de troféus, era uma coisa absurda, que os participantes nos davam, por empresas que viam, e era cobrada dessas empresas a participação de seus funcionários para multiplicadores do programa. Veio gente do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso, Bahia, muita gente do setor energético e de muitos bancos, veio gente do Banco Central, do Banrisul, e a gente disputava com a COPEL do Paraná a primazia de termos implantados o PPA. A gente falava que era o primeiro e ela falava também. Mais foi um período de muita qualidade no preparo. Acho que hoje, sem falsa modéstia, a grande maioria que passou pelo programa do PPA da Cesp está muito bem, eu acho, com raras exceções. Você tem um exemplo muito próximo que é a Bia.

_ Ela é maravilhosa, o depoimento dela foi muito rico.

Eu acredito.

_ Eu gosto muito do assunto, eu vou perguntando, e vou tomando o tempo. Eu sei que você é uma pessoa bastante ocupada. Eu queria inclusive agradecer.

Imagina, sabe é um prazer poder falar para você desse período. É uma satisfação muito grande, eu só sinto que quando eu propus para esse novo presidente da empresa Dr. Sidnei Martins a colocação, a reimplantação desse programa, aconteceu tudo isso. O ano passado nós falamos, vamos

implantar, vamos, vai ser assim, a gente já queria implantar agora no 1º semestre. Daí houve a troca de governo, eleição, aquela coisa, reforma da previdência. Nós não podemos fazer nada, porque nem nós sabemos o que vai acontecer.

- *Como vai ser?*

A gente está tentando fazer em regime de imersão, e o cônjuge e eu vou lutar para que os dois fiquem juntos. Porque é uma decisão que deve ser tomada a dois. A gente tem isso como muito importante.

- *E aqui na empresa, vocês não têm profissionais capacitados para a implantação do programa?*

Olha, na realidade eu tenho colegas que tem outras atividades. Com relação à medicina eu tenho médicos do trabalho extremamente impecáveis. Um corpo médico de primeira linha, médico do trabalho com essa sensibilidade para o envelhecimento, por questões do envelhecimento. Mesmo porque nossa empresa que veio de outras empresas, é uma empresa de pessoas acima de 40 anos. Ninguém tem menos de 35, 40 anos nessa empresa hoje. Tem o corpo médico, tem o pessoal da previdência privada na Fundação CESP, absolutamente impecável. Agora o que eu tenho dificuldades hoje seria saber de fato como ficará a previdência social. Qual é o meu direito adquirido, a partir de quantos anos será adquirido, essas coisas que a gente não sabe. Eles falam não é direito adquirido, é direito presumido, então a gente não sabe o que vai acontecer e isso está dificultando a implantação do Programa de Preparação para a Aposentadoria, do conviver a aposentadoria, nesse momento, dentro da transmissão paulista e tenho certeza que a maioria dos programas, se é que alguma dessas empresas ainda mantém, que ele esteja em atividade em função hoje dessa reforma da previdência.

- *Aqui na CETEEP você está a quanto tempo?*

Desde a criação dela que foi no final de 99.

- *Se você pudesse dar uma dica para alguém que vai se aposentar, o que você diria?*

Olha, primeiro eu acho que tem que fazer um exercício fundamental de introspecção, entrar para dentro de si, de que forma você se auto induzirá

para fazer isso, com certeza você vai descobrir alguma chavinha que fará com que você faça uma introspecção para que faça o seu balanço, para saber os prós e contras de uma aposentadoria, os prós e contras do seu sentimento com relação a tudo, dos sentimentos com a relação à vida afetiva, a vida profissional, a vida familiar, a vida social. Eu acho que qual é o grau de sentimentos que você tem por essas coisas. E o que é que você vai ganhar, o que é que você vai perder, mas fundamentalmente eu acho, não minimizando as questões materiais, mas enaltecendo as questões de sentimento, as questões de afetividade.

- *Como é que você sente o envelhecimento?*

Um estado. Porque a gente não se sente velho em momento algum. Você só se dá conta quando você se olha no espelho e diz assim; Opa caiu mais, tá mais branco, estou um pouquinho mais gordo, só assim, porque a cabeça, a mente não envelhece mesmo. Pela menos pra mim. Eu me dou conta que estou mais velho quando eu me olho no espelho, se bobear eu nem me conheço, eu me sinto assim um jovem com muito mais experiência, quando na realidade você está mais velho fisicamente também, mais nada me impede que me mantenha mais jovem também. Que a partir do momento que a minha cabeça está pensando jovem automaticamente vou refletir isso na minha forma de ser, no olhar, na pele, enfim na maneira de falar, de se expressar, de conviver harmoniosamente com outras pessoas. Não que não fique de mau humor, lógico, qualquer um, eu explodo, mas sabe, eu não quero ser um velho isolado, não é característica do ser humano. Viver isso, e se a velhice, dizem que a velhice impõe. Não isso é você que se auto impõe. Você é isolado na medida que você se auto isola, isso é um ponto muito importante. Há tá cheio de velho asilado, mas o que é que ele fez também e é isso que a gente precisa ver. Eu to falando existe questões econômicas muito complicadas que essas pessoas depositam os seus velhos dentro dos asilos que não tem a menor condição de nenhum ser humano habitar, esquecem lá e somem, não sei como funciona isso. Eu estou falando de uma realidade, a minha, a sua, de pessoas que tem um mínimo de condição para viver, porque se você de fato for um velhinho legal, boa companhia, boa praça, você cultivar suas amizades, você cultivar sua família, cultivar bons

sentimentos, preservar sua saúde, cultivar sua saúde também, com certeza sua velhice vai ser sempre legal. Eu tenho na minha família pessoas que são idosas, pessoas que moram hoje sozinhas porque perderam seus cônjuges, não tem filho, são pessoas que mantêm atividade social dentro da família com espetacular viço, com alegria, se fazem sempre presentes, através de telefonemas, são convidadas para tudo, convidam também, mas podem dizer que essas pessoas têm condições financeiras boas, tem condições financeiras um pouco melhor, mas não diferem de muita gente, da nossa classe média, mas são pessoas atuantes, sempre presente, que estão ligadas no que está acontecendo ao redor delas. E pra que não tenha uma solidão, elas também se emprestam para outras pessoas, isso é muito importante, você só recebe na medida que você dá, se você não dá, você não recebe, isso é matemática, não tem como, é a matemática que diz que é uma ciência exata, mas a gente sabe que ela não é, mas nestas questões do coração com certeza não é exato. A única coisa exata é que você recebe na medida em que você dá. Se você for um velho chato, ranzinza, insuportável, mas não tem ninguém, se você não for agradável, mesmo com a idade que a gente tem, se você não for legal você vai se isolando, você só quer pessoas que sintam prazer na sua companhia e que você sinta prazer na companhia delas.

Viajo muito, fiz recentemente um cruzeiro para conhecer o Nordeste inteiro, de vez. Fomos todos, a minha família e eu para o navio, com um grupo relativamente grande e era um navio que tinha praticamente só famílias, e tinha uns 3 ou 4 casais de idosos, assim que a gente teve contato, são muito mais evidentemente, mas que não tinham filhos, tinham dois senhores sozinhos, cada um no seu camarote, porque dentro da intimidade, você com a idade, vai ficando mais individualista, você tem que começar a dormir só, ter seu próprio banheiro, fazer seu ritual noturno, é tudo muito complicado, você já ronca, então essa intimidade você tem que preservar, aí fica mais caro viajar só. Eu sei que tinha um velhinho, mas ele era tão esperto, tão simpático, mas tão agradável, ele dançava a noite inteira e quando terminava o tal baile lá, normal, ele ia para a discoteca dos jovens, gente mas o que aquele velho dançava, você se matava de rir, porque ele

era agradabilíssimo, o que ele contava de piada, olha ele era convidado, não olha hoje o senhor vai almoçar na minha mesa e vai jantar na minha, olha era demais, todo mundo queria, e se ele fosse um velho chato, mas acho que aí ele nem estava fazendo o cruzeiro, ia tá enchendo empregada ou ia estar sozinho dentro de casa. Mas eu acho isso, que você recebe na medida que você dá. Eu acho que quando a gente fica mais velho talvez a gente fique mais carente, então a gente precisa um pouco mais.

Tem um filme que eu assisti e você me lembra muito esse pedaço desse filme, pelo teu cabelo, é um filme da Vanessa Redgray, não sei se você assistiu, da Jane Fonda e chamava-se Julia, a Vanessa Redgray passou no filme de 2 horas, se ela apareceu no máximo uns 5 minutos foi muito e a Jane Fonda trabalhou no filme inteiro. A Vanessa Redgray apareceu uns 5 minutos num filme de 2 horas e ganhou o Oscar de melhor atriz. Procure ver esse filme, chama-se Julia, é fantástico, assista. Você tem o olhar da Vanessa Redgray.

Entrevista B .V.

- Fale um pouco sobre o Programa.

Esse Programa deveria ter em todas empresas, comentei com uma amiga minha que se aposentou e quando ela soube ficou impressionadíssima, porque na empresa dela não tinha. Eu elogiei muito o Programa.

Acho que esse Programa tem que ter mesmo, em todas as empresas, se pudesse. Infelizmente só as governamentais que tem dinheiro para isso.

A CESP fazia durante cinco dias, quatro de trabalho efetivo, saía na segunda-feira, levavam o casal, marido e mulher, porque quando se aposenta, não se aposenta a companhia, os conflitos.

Voltávamos na sexta-feira.

Nós íamos para uma das Pousadas da empresa e o trabalho era todo dirigido e se falava das 240 horas da gente que ia ficar disponível, a parte médica. Então era muito interessante.

- Quando você fez?

Em 1986, o primeiro. Eu trabalhei desde muito cedo e fiquei um ano só sem registro. Eu me aposentei muito cedo, eu podia, tinha tempo para aposentar muito cedo.

Quando eu fiz o primeiro eles fizeram um evento, eu fui na segunda-feira, eles faziam a título de convite. Quem estava a cinco anos da aposentadoria, eles já convidavam para fazer porque era para a pessoa já ir se acostumando com a idéia. Na verdade a idéia deles é que não queriam que as pessoas achassem que eles estavam conduzindo para isso. Na verdade a cada "X" tempo eles queriam espaçar mais. Queriam chegar de cinco a dez anos antes da aposentadoria para pessoa ir se programando, porque nós tínhamos tido alguns casos drásticos dentro da empresa. Eles ficaram com medo.

Eu conheci uma amiga, ela começou trabalhar já com mais idade e ela se aposentou e depois de dois anos morreu, não soube administrar.

Teve um outro caso que eles contaram de uma pessoa que se aposentou e saía todo dia de carro, no mesmo horário para trabalhar, ficava em frente à empresa, chegava à hora do almoço ele ia para casa e depois voltava para a porta da empresa, passava o dia todo no carro, porque não se preparou.

Então a empresa começou a se preocupar com isso e é uma verdade, porque se você não tem uma Entidade que você possa prestar serviço, se você não está apto, se você não está preparado é muito perigoso, eu acho.

Eu, por exemplo, sou uma pessoa que não paro, que não consigo parar. Eu estou na Associação desde antes de me aposentar, vim depois desse Programa, trabalhar e fiquei como voluntária quase dez anos prestando serviço, porque eu queria ser produtora. Então eu acho que essa preocupação, tem que ter mesmo.

Depois do incentivo a aposentadoria é que as coisas acabaram. O Governo tirou o dinheiro destinado a esses Programas, mas eu acho que deveria fazer parte de alguma maneira, nem que o empregado tivesse que contribuir de alguma forma, mas tem que ser feito sim. Acho muito importante nesses casos que teve esses incentivos e eu já estava aposentada e fazendo alguns trabalhos e acompanhei muitos casos de

pessoas que morreram ao longo da aposentadoria nesse período, porque foi abrupto, ficaram doentes, liberações estranhíssimas a respeito do comportamento da pessoa, que a vida virou completamente do avesso.

- O que você fazia antes de se aposentar?

Eu vim de uma família pobre que precisava trabalhar. Eu estudava, e um dia me ofereceram um emprego, e eu fui trabalhar e estudar. De formação eu sou Secretária executiva e trabalhei numa indústria durante um tempo. Até que um dia, naquela época se oferecia emprego por placa nas empresas, e eu vi uma placa que estava oferecendo emprego e eu era uma menina, tinha 13 anos. Vi a placa, fui, fiz o teste, passei, e à noite eu falei lá em casa que ia trabalhar, avisei que ia mudar de emprego, que ia ganhar mais dentro daquilo que eu queria e já comecei a trabalhar na Contabilidade com um Contador, numa Indústria de meias. Ali era serviços gerais e logo fui para a Contabilidade porque eu tenho muita identificação com números. Lá eu fiquei três meses e estava indo super bem.

Mas me ofereceram numa empresa maior, engraçado eu nunca fiquei desempregada na minha vida. Eu saía na sexta-feira e começava na segunda-feira. Eu fui para outra empresa, lá eu fiquei dois anos. Eu entrei no setor de Cardex, como controladora do estoque, era uma loja de ferragens, de material de construção, mas era pouco aquilo e a minha energia era muita, então me colocaram no crédito e cobrança e aí eu comecei a ter relação com o público, nós fazíamos consulta de cadastro, nós fazíamos uma troca, antigamente não tinha Serasa, nós que fazíamos a troca, era sigilosa, mas também era pouco, me levaram para a Contabilidade e aprendi a fazer todos os serviços, depois fui trabalhar na Secretaria Geral da Contadoria e Procuradoria e fiquei com o Departamento Pessoal também, era secretária da Diretoria, sempre trabalhei muito.

Então quando eu vim para a CESP, vim para o setor de ações, atendimento ao público, eles criaram em 1971, eles lançaram as ações no mercado, que era moda, e criaram o atendimento ao público que foi considerado o melhor atendimento do Brasil, menos de um ano depois eu era chefe daquela área, porque minha amiga estava saindo para a Congas e eu já fazia o trabalho junto com ela, nós dividíamos a responsabilidade, só

que ela era a encarregada e aí eu fiquei no lugar dela e me aposentei na CESP.

Quando eu fiz o PPA o pessoal que trabalha com o PPA me sugeriu que eu procurasse a Associação. Lá foi a primeira vez que eu ouvi falar da Associação. Porque sempre ia alguém para falar da Associação dos aposentados e foi o Vice-Presidente. Eu me decepcionei. Eu não o conhecia, mas sabia que ele era uma pessoa maravilhosa, mas eu achei que ele podia ter dado mais ênfase. Ele era uma pessoa calma, ponderada, e a vida de aposentado, se o aposentado não estiver preparado, não é fácil.

A aposentadoria deveria vir como um prêmio, mas às vezes ela vem como um castigo.

Se eu que tenho cinquenta e oito anos e estou aposentada a onze anos e se viver mais vinte, são setenta e oito, com a expectativa de vida aumentando. Essa pressão e a divulgação através da mídia também são muito preocupantes, quem não acompanha, quem não está envolvido, só acha que vai perder a aposentadoria e viver do que, então o risco na saúde dele é maior e é isso que a gente tem que deixar claro, porque a mídia solta do jeito que ela entende, do jeito que ela quer e o Governo conduz.

E quando você aposenta corre o risco com a saúde, diminui o benefício, não adianta dizer que não, as despesas aumentam porque você adoece, você envelhece, e hoje o arrimo da família é o aposentado, não é mais o filho que trabalha fora, porque não tem mais emprego. É essa a realidade, ficou ingrato.

- Em que medida houve alguma transformação no seu ciclo de vida depois que você participou do Programa?

Olha no primeiro evento que eu fui nós tínhamos um rapaz que começou falar de como seria a vida. Eu não me via aposentada, fiz porque fui convidada, mas não fui achando que ia me aposentar e não me aposentei, fui me aposentar depois do segundo, que eu fiz dois anos depois. Eles até brincavam eles estabeleciam uma linha, quem atravessar essa linha, o lado de lá era aposentadoria, quem vai atravessar depois desse Seminário, quem acha que está preparado para atravessar essa linha, eu

não fui, não fui mesmo, fiquei muito abalada quando eles começaram a tocar na realidade, olha como é que vai ser a sua vida.

Eu era envolvida, tinha estatus no sentido de conhecimento, conhecia todo mundo, trabalhei com gente que tinha dinheiro, que investia na empresa, eu tinha uma importância naquilo que fazia, não queria perder aquilo. Apesar de ter passado por um incêndio eu não sabia o que ia acontecer. Fiquei muito abalada, chorei muito quando ele começou a sensibilizar, porque quando ele falou da saúde, eu tenho saúde boa, não me tocou, falou do dinheiro, um dia você tem menos outro você tem mais, preciso ter dinheiro para poder pagar as contas, isso não me diz respeito, mas quando ele começou a falar das pessoas, dos filhos que estão crescendo, chorei muito, tive até que sair da sala, depois voltei, mas não fiquei convencida que ia me aposentar, ainda não, eu já tinha o tempo. Ainda passaram-se dois anos e me chamaram de novo, mas aí já conhecia todo mundo, já tinha feito um trabalho como pré-aposentada de São Paulo então eu já comecei a me envolver com as pessoas, sozinha já comecei a me preparar, nesses dois anos, porque veja só me deu aquele susto, não queria mas vou ter que encarar, fui assimilando, isso foi o que mexeu, não sai preparada não. Você toma um susto, pronto vou parar e vou ver televisão o dia inteiro, e aí, gosto de pintar, bordar, mas vou virar isso, será que é só isso que eu tenho para fazer. Não é que isso é pouco mas será que é só isso. Isso me satisfaz?

A empresa sofreu alterações depois do incêndio e eu comecei a achar ruim e já estava na Associação, o Programa me alertou no primeiro momento. No segundo momento participei ativamente. Eles fizeram um projeto para ir num baile à noite e caiu uma tempestade e ao invés do baile eu transformei num Show e quem estava lá ia participar do Show, perguntei quem sabia fazer alguma coisa diferente e foi muito engraçado. Depois fiz o baile, infelizmente a noite foi curta porque teve um blecaute. Depois o pessoal que fazia esse trabalho falou que eu ia ter que ir lá para a Associação, você é ativa, você mexe com o pessoal, não tem nenhuma mulher no grupo de trabalho. E foi aí que vim para a Associação e comecei a me preparar. Preparei-me dessa forma, vindo trabalhar na Associação,

conhecendo os Programas, mas na primeira reunião do Programa fiquei muito chocada.

- *Você acha que poderia ser diferente esse primeiro contato?*

Olha você sabe porque fiquei tão chocada, porque o ser humano não admite envelhecer, é muito difícil envelhecer, depois o físico é muito forte no sentimento da gente, trabalhei vinte e poucos anos na empresa, via todo mundo passando, conhecia todo mundo, e nós éramos jovens, a empresa era jovem, os diretores eram jovens, tinham trinta e oito, quarenta anos. Os mais velhos se aposentavam antes da gente, então quando fui à primeira reunião que vi os mais velhos, a minha lembrança era de antigamente, de quando eles freqüentavam a minha sala, de quando eles eram mais jovens, mais jovens era a idade que eles estavam naquele momento.

Só que eu não me sentia com aquela idade. Quando vejo eles de cabelos brancos, envelhecidos, tomei um choque. Meu Deus! São todos velhos, fiquei muito desconfortável, eu voltei, aquilo me incomodava muito, não tinha vontade de levantar e ir para a Associação de aposentados.

Sabe se defrontar com essa realidade, eu vou envelhecer, porque quando você esta todo dia com a pessoa você não percebe, ma você para de ver e a pessoa chega e você olha, ela esta de cabelos brancos, tem rugas, esta com o corpo feio, é muito difícil você se defrontar com a velhice. A velhice não é boa, você inventa o amadurecimento, a sabedoria, mas tudo é subterfúgio para conviver com ela. A velhice é uma droga, a gente fica feia, tudo cai, vai dizer que isso é bom, ninguém te respeita.

Acho que também é cultural, hoje até dá, a cirurgia plástica ficou mais barata, tem alguns produtos que retardam um pouquinho, a medicina te estende o tempo de vida, então isso hoje é mais fácil e você tem um meio de comunicação que te joga tanta informação que só fica por fora se quiser. Envelhecer hoje está mais fácil um pouco.

- *Você acha que já era um perfil seu ou todas essas informações contribuirão?*

Eu acho que é um perfil meu, muito forte na minha personalidade, embora veja você eu gosto muito de cozinhar, as vezes no final de semana eu cozinava e trazia para cá, hoje já tenho um pouco de preguiça, já não

tenho mais aquela disposição de ficar criando no fogão, porque saio daqui meio cansada, já não tenho a mesma disposição de ficar criando, embora a gente vive de dieta, tenho aquela vitalidade, uso um salto muito alto, mas é lógico que o corpo fica mais cansado, estou fazendo ginástica porque emagreci deis quilos e quero emagrecer mais, mas nesses dias estou de condução, meu carro esta na oficina e não estou conseguindo fazer, o que é isso, é o corpo envelhecido. Hora, tenho muito claro a minha idade, mas a minha energia não é da minha idade. Agora quando vejo que estou muito cansada, paro, nem que eu veja televisão o dia inteiro, e daí, eu que controlo a televisão, tem um monte de bobagens, se não estou gostando mudo de canal, estou na minha casa. Você administra e deixa entrar o que quiser. Adoro entrevistas de saúde, porque estou preocupada, outro dia o médico me falou, só se a gente fizesse outra de você. Do jeito que você está, está ótima. Eu tenho que agradecer a todo o momento.

- *Você acredita que o Programa minimizou o impacto provocado da passagem do trabalho para a aposentadoria?*

Eu acho. Ele não deve servir para decidir se você está preparado para aposentar, quer dizer de aposentar. Ele deve te preparar mesmo quando você coloca o pé no chão, ele tem que falar de envelhecimento, acho que é a pior parte, com todo cuidado, sabe com todo cuidado, porque é muito difícil envelhecer.

- *Você acha que o Programa é uma ferramenta ?*

Eu acho que é uma ferramenta, para mim serviu como conscientização, que estava ali e que aposentadoria significa que você contribuiu para a sociedade, para você, para um monte de coisa, mas também envelheceu.

Então se seu filho esta fazendo Faculdade você não tem mais 20 anos. Certo, se você esta falando em aposentadoria, você tem que lembrar desse nome também, saúde.

Tudo o que vem junto envolve, acho que ele é muito importante para conscientização. Porque a gente esta na crise do trabalho e não tem tempo de prestar atenção que esta envelhecendo, porque tem vitalidade.

É aquela história, até hoje falo isso, não me sinto com a idade que tenho, porque tenho energia, se não tivesse saúde provavelmente eu sentiria até mais. Vejo amigos da gente. Estive no enterro de um irmão meu, faleceu em março e a minha família é muito grande. A minha mãe teve nove filhos, dois morreram, criou sete. Todos casaram, todos tiveram filhos, tenho um sobrinho com 54 anos. Quando a minha irmã casou eu era pequenininha ainda, então tenho sobrinho aposentado e sobrinho avô e eu não sou avó ainda.

O que me impressionou que estava com toda disposição do mundo conversando, aquela história no velório e um sobrinho meu arrastando uma perna porque tem problema de saúde, a outra minha sobrinha com problema de saúde.

Meus sobrinhos estão com problema de saúde por envelhecimento ou por falta de cuidado, alguma coisa, parecia que eu não pertencia aquele grupo, que embora fosse mais velha tinha menos idade. Porque? Por causa da disposição. Na parte que você fala da preparação, tem que falar da nutrição, importantíssima, não é outra coisa que a alimentação, não pode ser, é o que você ingere, não é. Não é comer, eu tenho exemplo disso na minha casa. É a qualidade, saudável, não é que se elimina totalmente a gordura, doce, nada disso, mas tem que comer direito, decente.

Escolher melhor é tão importante e tem que falar isso. Porque você envelhece as coisas vão ficando pior, a máquina vai enferrujando.

- Você já me falou que foi um choque, mas você tinha uma expectativa antes de ir?

Convidaram-me faltava alguns dias e nem fui atrás para saber o que era isso, porque sempre gostei de aprender tudo, todos os cursos e seminários que me propunham, tentava participar de todos. Se não tivesse nenhum compromisso, ia mesmo, ou porque era convocada ou porque era convidada, então sempre procurei participar e este era mais um. Lógico que com uma certa reserva porque Preparação Pré-Aposentadoria.

Pensava, estes caras estão querendo me encostar, lógico, e mesmo lá estava meio resistente sim. Eles diziam atravessa a linha, atravesso nada, atravesso quando eu quiser, mais ou menos assim, olha aí à empresa,

a gente nem sabia que ia ter um objetivo. Olha aí à empresa, está querendo me passar para o outro lado, mais ou menos assim que a gente vê. Então se você começa antes, você vai implantando essa cultura, sem reserva, porque está faltando tempo. Faltam dois anos para se aposentar, não é isso que a empresa tá querendo de mim, ela realmente está querendo que eu me prepare. Isto que é importante, Nossa empresa começou mais tarde porque tínhamos um número grande de pessoas que estavam prontas, no tempo de aposentar, mas isso causa uma desconfiança porque ninguém quer ser colocado de lado, lógico, então se você começa antes o Programa já vai colocando aquela cultura e as pessoas vão se preparando.

Porque antes preparar para aposentadoria era ter dinheiro no banco, era só isso. Imagina que eu vou me preparar, me preparar para não fazer nada, sem pensar nos agravantes, tem problema com sua saúde, problema de o que fazer com o seu tempo. Imagina que vou incomodar minha mulher. Vai lógico, você está tomando o espaço dela.

- Os seus filhos, uma de vinte e um de trinta e dois anos, como é que eles vêem o seu trabalho? Eles vêem pessoas com a sua idade que não tem essa desenvoltura, essa agilidade. O que eles falam?

Eles acham que exagero um pouco, que não precisava me dedicar tanto. Eu acho. Por exemplo, outro dia estava fazendo um comentário a respeito de alguma coisa, sou muito nacionalista, um pouco forte, pesada, e minha filha falou assim, mãe você acha que todo mundo se interessa por esses assuntos que você está se interessando, em saber o quanto vai sair de aumento ou se a aposentadoria vai mudar, ou se o governo, não todo mundo, bem não é todo mundo realmente que está envolvido, mas deveria, porque é da vida deles que estão cuidando. Coloquei desta maneira, acho que eles acham que exagero um pouco na dosagem, que poderia ser menos.

Entendeu agora, eles também não me vêem com a idade que tenho, por causa da energia. Meus filhos tem um cuidado assim, hoje que estão mais maduros, de empurrar um carrinho, mas até pouco tempo não, mas hoje eles levam até o elevador o carrinho de supermercado, mas se tivermos que discutir, nós discutimos de igual para igual, como se eles tivessem a

minha idade e eu a idade deles. Não tem essa, porque ela é mais velha. Acho que eles lembram, até brinco às vezes, sou uma senhora idosa, tenha paciência, brinco. A mãe para com isso.

Às vezes vou levantar e dá uma travada, porque também é lógico que a gente trava.

- Mas você é muito jovem, cinqüenta e oito anos.

Acho que minha energia é para mais mesmo, mas eu acho que eles acham que deveria diminuir este ritmo, mas é o que gosto e isso os deixa contente porque eu faço um trabalho que me agrada. Nós temos um acordo não firmado em casa, a gente não interfere, pode até se aconselhar, pode até pedir opinião em algumas coisas, mas cada um é independente para fazer o que quiser. Sabe quando eles precisam de alguma coisa, até a chave do carro, na minha casa infelizmente nós temos um carro só, se estiver dentro da minha bolsa, para pegar a chave eles trazem a bolsa, assim como eu, não ponho a mão. A gente respeita essa parte porque senão não dá para conviver, são todos adultos, como é que vai fazer.

- Você acha que se você tivesse neto seria diferente? Seria aquela cultura de avó cuidar dos netos.

Acho que não porque toda a vida, eu trabalhei, se quis trabalhar tive que por eles em algum lugar. Sempre tive empregada, sempre tive escola que ficavam com as crianças. Acho que não, mas eu adoro criança, a mesma coisa que minha filha.

Minha filha faz Jornalismo, está no 3º ano, ela vai terminar e fazer Pedagogia, está dando aulas numa escola para crianças de três anos e está apaixonada por aquilo. Eu com minha visão, como mãe, gostaria que ela fizesse Jornalismo, fosse uma Jornalista brilhante. Se tivesse tido a oportunidade que ela tem queria outra coisa para mim.

Um dia ela falou, mãe vou morar em Quintana. Quintana uma cidade muito pequena perto de Marília, não tem nada lá. Mãe não quero ser Jornalista da Globo, eu quero ser feliz. Entrei em pânico, sabe porque, queria que ela fosse brilhante, é outra realidade que aprendi a respeitar então quando ela falou, mãe descobri que gosto de Pedagogia, então falei termina o Jornalismo, não vai parar na metade, termina o Jornalismo e faz a

sua Pedagogia, tudo bem, eu te ajudo, não tem problema nenhum, faça os dois, você tem duas opções. Ela só tem vinte anos, vai se formar com vinte anos e vai ter o tempo do mundo para fazer, não é verdade.

Uma coisa que eu adoraria é ter comigo uma criança, eu adoro, mas não quero ter o compromisso. Amo criança, aonde entra criança ela é minha, ajoelho no chão, brinco, adoro animal, só que animal finjo que não gosto muito porque não quero na minha casa, mas eu gosto, adoro, adoro criança babando. Mas não gostaria de ter que partir para isso, sabe de ter que cuidar para meu filho trabalhar. Não, a responsabilidade é dele, vai cuidar, ele quis, vai pagar alguém, sua mulher não vai trabalhar, você vai parar, alguém vai ter que cuidar, não eu. Isso é responsabilidade sua, não minha.

Acho que cada um tem que arcar com a sua responsabilidade. Você sabe, te dou uma mão, você quer sair, quer ir numa festa, quer ir viajar, fico, mas no dia a dia é sua responsabilidade. Se não, você não faz nada.

- O que é envelhecimento para você?

Eu ia ter que usar o chavão também, que a Sabedoria é uma coisa que não pode deixar de descartar. Você não precisa aceitar a todo o momento, mas tem que tirar proveito disso. Se não, vai ser um martírio, se não tirar proveito dessa sabedoria e fazer disso bom para você. Eu acho que todos os dias têm que ser feliz, não por obrigação, mas você tem que tirar proveito daquilo que completa mais um dia e esse dia tem que ser bom para você. O café foi bom, o almoço foi bom, olha que gostoso, olha o resultado.

Você tem que tirar desse envelhecimento o que ele te serviu para alguma coisa. Se você passou pela vida e não te serviu para nada, só serviu para lamentar, ficar rabugenta, então o que adiantou, você não aproveitou nada, nem para você, nem para os outros. Não tirou Sabedoria, você tem que envelhecer com dignidade, sim, se possível com um pouco de descrição e ser feliz. Amar muito, que é muito bom, não importa se você amar um homem, uma mulher, um cachorro, tem que amar, ser feliz, do jeito que você conseguir.

- Se você pudesse dar uma dica para quem vai se aposentar hoje, o que você diria?

Prestar atenção, na vida, em tudo o que esta perto. Envelhecer não é fácil, mas pode ser bom, cuidar da sua aparência, sim. Você tem que envelhecer bonita é obrigação sua, para você não para os outros. Tem que se olhar no espelho e dizer, puxa mais uma ruga, mas até que eu fique bonitinha com mais essa ruga. Prestar atenção no seu dinheiro, porque ele diminui muito, prestar atenção na saúde acima de tudo, precisa ter saúde para envelhecer e tem que continuar , tem que fazer daquilo um prazer para você e para os outros.

Se a gente não tirar proveito do envelhecimento é melhor morrer.

Eu gostaria que esse Programa fosse implantado em todas as empresas porque eu vejo a dificuldade das pessoas.

Se você tem consciência da aposentadoria e do que ela significa , não tem tanta dificuldade. Aposentadoria não é só ficar em casa. Se esse trabalho fosse feito ao longo dos anos seria muito mais fácil”.

Entrevista J.B.C.F.

- *Fale um pouco sobre o PPA.*

Olha eu não lembro muitas coisas sobre esse Programa, mas ele chamava de Programa de Preparação para a Aposentadoria, e na época eu não sabia o que era isso, eu fiz, quando o cara aposenta, como ele vai viver o dia a dia da aposentadoria, aí convidaram para ficar uma semana lá no pousada com a esposa. Teve lá uma assistente social para fazer a preparação, para mim foi bom e relaxou uma semana, mesmo morando aqui você tinha que ficar lá na pousada, não podia sair de lá. Tinha café, almoço e jantar, você ficava em apartamento.

Era uma espécie de palestra preparando a pessoa, se ia continuar trabalhando ou se ia ficar parado, se a pessoa ia ficar lá em casa com a família. Faziam umas brincadeiras, uma piadinha e mostrando o que ia acontecer com a pessoa no dia a dia. Foi muito gostoso. Muitas vezes a pessoa tem uma cabeça e quando aposenta é completamente diferente, mas as lembranças são muito boas, deu para aprender bastante.

- *O senhor fez em 92, e o que o senhor fazia na Cesp antes de se aposentar?*

Trabalhava no setor de transporte da Cesp, de motorista, e ficava como controlador de transporte. No meu tempo também era uma situação difícil, foi uma época que teve uma greve, estava fora do setor, tinha um problema com um engenheiro que não ia muito com a minha cara e numa época de uma greve aqui, fui mandado embora da Cesp sem direito a nada, mas daí provei para Cesp que não estava aqui, estava fazendo serviço fora e ele me colocou na listagem. O meu advogado provou para Cesp que eles estavam mandando uma pessoa embora que nem tinha participado da greve. Pra mim isso machucou muito na época. Fiquei um ano afastado, mas quando voltei a CESP pagou aquele atrasado todo.

- *Em que medida o senhor acha que transformou o seu ciclo de vida depois da participação do programa?*

Mudou muito, põe a cabeça da gente no lugar, porque às vezes a gente faz alguma coisa e fala que a mulher não tá certa. Acho que tirou todas aquelas dúvidas que a gente tinha. O homem quer dominar todas as coisas, aí melhorou muito.

- *Você acha que esse programa minimizou o impacto provocado na passagem do trabalho para a aposentadoria?*

Acho que sim, muito.

- *O primeiro contato deveria ser diferente?*

Acho que não, foi muito bom. Na época foi bem feitos, a pessoa que veio fez uma palestra muito boa, inclusive com todos, fazia o relaxamento e deixava a pessoa bem à vontade.

- *O senhor acredita que já tinha o perfil ou o programa contribuiu?*

O programa contribuiu porque minha intenção era montar alguma coisa para mim, eu tinha bazar, tinha serralheria, mas na época vendi tudo, dava muito trabalho e não rendia muito. Recebi o convite do sindicato para trabalhar e estou até hoje. Já tinha trabalhado naquele ano que eu fiquei parado.

- *O senhor já tinha alguma expectativa do programa antes de participar?*

Não. Na época me chamaram, mas eu não sabia nada do programa.

- *O que significa ser velho?*

Velho. Eu não me sinto velho não. Eu tenho o dia a dia tranquilo, faço esportes, jogo futebol até hoje, nós temos o clube aqui da CESP, inclusive eu sou um dos diretores do clube. Por enquanto eu estou tranquilo.

- *Ser velho e ser aposentado significam a mesma coisa?*

É a mesma coisa. Porque a aposentadoria da CESP foi muito boa, vamos supor se eu não fosse aposentado da CESP o que é que eu estaria fazendo hoje, poderia estar em uma outra empresa, trabalhando ainda. Entrar na Cesp foi muito bom, eu entrei em 67 e meu salário na época era 145 cruzeiros por mês, eu falei puxa que salarinho. Vou enriquecer desta vez, mas não enriqueci não, mas foi muito bom.

- *Mesmo com esse programa de preparação, o que o senhor sentiu no dia que se aposentou?*

No dia que eu aposentei, fiquei meio apavorado uma porção de dias, um mês, dois meses, meio apavorado, desde pequeno meu pai tinha fazenda, sempre trabalhei em maquinário, depois trabalha tantos anos na CESP, trabalhei de 67 a 94, 33 anos e de repente você para, você se sente meio apavorado uns dias, tem horas que eu levantava com a calça na mão, estou perdendo a hora, aí minha mulher falava você já está aposentado. Eu estava acostumado com aqueles funcionários da CESP, viajando direto, vai para um canto, vai para outro, de repente parou. A gente tem vontade de voltar outra vez e eu continuo com os funcionários da CESP até hoje, os funcionários da ativa e os aposentados vem todo dia aqui no Sindicato, quando eles não vêm aqui eu to lá no portão da usina entregando folhetim para eles, eu vou entregar para toda categoria. Agora tudo bem, mas antes eu sentia um vazio ruim, quando acordava não sabia o que fazer, ir para rua não dá, ficar dentro de casa não dá, hoje não me sinto tranquilo.

- *Fale sobre a rotina da sua casa.*

Antes de aposentar eu e a minha esposa não vivia muito legal, tinha uns probleminhas, viajava muito, sempre aquela discussão. Na época quando eu parei um mês, dois meses, fiquei meio perturbado, dentro de casa não fiquei muito legal. Ela tem um gênio muito forte e eu sou meio macio, se me apertar muito eu não agüento, não era legal.

- *Se o senhor fosse dar uma dica para quem vai se aposentar o que diria?*

A pessoa nunca ficar parado dentro de casa, ou você tem que encerrar a casa e lavar pratos com a esposa ou senão lavar roupas, eu acho que o homem não é pra isso. Ajudar até ajudo, mas tem que fazer outra coisa. Não fica muito legal. Inclusive aqui na época, chegou a acontecer, uma porção de colegas nosso que até falou que a experiência é 2 anos, se passar disso, mas tem uma porção de colegas que aposentou, ficava em casa muito trancado é 1 ano, 2 anos a pessoa vem a falecer. Todo mundo estava com medo de aposentar.

Entrevista G.A.C.

- *Fale um pouco sobre o Programa*

O programa de preparação no meu entender, lógico, eu não fui lá, de todo despreparado, por razões até de religião, a gente fazia encontros de casais e tinha uma certa preparação desse tipo. Eu achei válido porque lá dava o curso pois os colegas eram ligados muito a CESP, tinham até apelido, Chicozinho, porque só ficava lá e quando se aposentava separava o casal porque em casa ele era um estorvo, brigava com as filhas, com a esposa. A idéia social da Cesp era essa, preparava o pessoal para entender que era uma nova vida, ele tem que renovar, era uma nova vida, parecia que não, mas era. Então a idéia lá era dar valor a si próprio, tinha trabalhos lá que era criar amor próprio para você, é você mesmo se cuidar, aprender em casa que não era mais jovem, não era mais igual quando se namorava, era essa a idéia superficial e de um modo geral eles passavam isso, tinha aqueles trabalhos de grupo, os exercícios comuns preparava assim como no dia a dia, no envelhecimento vai acabando tudo, seria isso. Achei que foi válido. Inclusive algumas oficinas que eu me sentia meio malandro porque o final eu já sabia, que tinha feito nos encontros de casais, é lógico que a gente segurava, ficava quieto, as outras pessoas não sabiam, fui meio cúmplice nas coisas.

- *Em que medida o Senhor acha que este Programa transformou o seu ciclo de vida?*

Eu achei o Programa válido, algumas coisas foram bem colocadas, a idéia que se você não está mais trabalhando você fica mais tempo em casa,

aquele dia a dia, a mulher está acostumada fazer aquilo, acho que a preparação valeu porque você toma mais cuidado, você não fica lá atrapalhando. Você estava acostumado, chegava, almoçava e ia embora, a noite, não ficava em casa e chega e aposenta, não é que atrapalha, nesse ponto era bem colocado.

Eu fiz uma semana e na época a CESP tinha 2 planos de aposentadoria e havia dúvidas se iria manter o Governo, ou a Fundação, então dois dias foram em cima disso aí, porque o pessoal não estava aposentando porque tinha medo. Se sair e ficar só com o INSS, o padrão de vida ia para a cucuia, aliás, eu já estava preparado, porque tinha os filhos todos na faculdade e eu não queria perder isso. Então eu tinha antecipado um pouco. Mas não sei se já falaram para você do plano que a Cesp tinha de complementação, era igual dos funcionários públicos, dos policiais, tinha dois que entrou até 73, que mudou a lei, quem entrou depois não tinha isso.

Trabalhei 25 anos, aposentei como especial, tinha 45 anos.

- *O senhor acha que o primeiro contato deveria ser diferente?*

O contato era o seguinte, dava impressão, se você for analisar, mesmo que ao ir no PPA você já estava descartado mesmo e tinha aquele pessoal resistente, porque você nunca aceita que vai aposentar. Quem é que aceita, dá uma impressão que depois de aposentar só o cemitério. A idéia que muitos tinham era essa, então nem queriam fazer o PPA, eu não quero aposentar, pra que fazer. No meu caso eu tinha três filhos para entrar na faculdade, aliás, eles se formaram, só falta um que vai se formar esse mês.

- *O Senhor acha que era um perfil seu ou o Programa contribuiu?*

Já estava me preparando porque justamente não é que eu tenha uma vida religiosa intensa, mas eu e minha esposa procuramos sempre ser realistas, calculava que em 91 ia aposentar e que em 92 ia ser o primeiro vestibular do meu filho, que eu casei em 74, fiz uma poupança justamente em cima disso, não estava tão preparado é lógico, lá no PPA tinha muita coisa para se aprender, mas não foi tanta surpresa, mas teve um pessoal lá que saiu maravilhado, que o sistema de escolha foi muito bom, porque quem

nunca viu, mas é lógico que eu aproveitei muito, o próprio convívio durante a semana foi ótimo.

Eu dava aula e lá na escola tinha essas preparações também sobre eliminar o estresse, desligar, nós éramos em três, morreu um de acidente e ficamos dois amigos. Os únicos dos 33 professores que desligava, acabava a aula nós íamos espairar o espírito, não se falava mais em aula e se conversava sobre diferentes assuntos. Hoje nas grandes empresas eles querem que o pessoal se desligue nos finais de semana, para na segunda-feira começar com nova bateria.

A tônica do PPA também era essa pra você se preparar que ia mudar. Você fica 25, 35 anos dentro da empresa, você tem que se preparar para mudar.

- *Você acha que esse programa minimizou o impacto provocado na passagem do trabalho para a aposentadoria?*

O Programa contribui, porque é uma mudança, aquele que só pensa no trabalho é um problema.

- *O que significa ser velho?*

Quando eu era jovem o meu avô que era italiano falava assim: que eu tinha que aproveitar morrer enquanto era novo, porque você tem essa opção, depois quando ficar velho você vai morrer mesmo, você não vai ter mais opção. Eu pensava, quando vou chegar na idade dele, e já cheguei. Se você faz o que tem para fazer, e faço, não me sinto.

- *Ser velho e ser aposentado é a mesma coisa?*

Aí é que tá. Tenho que preencher um formulário que pergunta a profissão, nem penso já coloco aposentado e ainda sou professor. O duro é que ainda jogo uma bolinha. E a primeira vez foi duro, você está se achando ainda jovem, lá pelos seus 45 anos, peguei a bola e os caras falaram olha lá o velhinho joga bem, que situação não foi o joga bem, foi o velhinho (sorriu). Começa com tio e depois com velho, daqui a pouco é com vô, você não tem que esquentar a cabeça com isso aí.

Meu avô preparou bem, não esquentar a cabeça não, pra tudo tem seu tempo.

- *O que o Senhor sentiu no dia em que se aposentou?*

Ali é o seguinte, a verdade é se você pensar quando você entrou era aquela alegria de entrar, eu passei no concurso em 68, foi uma alegria grande que eu estava desempregado e já estava com 20 para 21 anos e a hora que se aposenta você sente o inverso, acabou, você sonha que perdeu o emprego e agora vai fazer o que? Daí como tinha outras atividades, passou, é meio traumatizante, por isso tem que preparar.

- *Como o senhor se sentiu depois que se aposentou, fale mais sobre isso.*

Depois, vou contar uma historinha, era o seguinte eu tinha dado aula mas era assim, era sistemático, uma semana falava sobre segurança, outra semana me chamavam para falar sobre outro assunto e pensei quando aposentar não vou mexer mais com isso, o negócio é encostar, era bom de tomar cerveja, aliás já esta na hora, e continuo, era assim, saía 10 horas encontrava os amigos ali no Pão Gostoso, tomava 3,4,5 chopes e ia almoçar, voltava 14 horas de novo, a tardezinha lá para 17 horas ia até 19, 20 horas que dizer. Toda vez que saía a minha esposa começava a esquentar a cabeça, então tivemos uma conversa, ela me falou, você gosta de eletrônica, tem essa vaga lá, porque você não tenta. Fui lá e comecei a dar aula e gostei, e acabou essa etapa. Aí comecei me sentir útil, comecei a mexer com eletrônica, fazer consertos e ela começou a ajudar na igreja, agora nós não temos mais tempo, eu sei que eu sou dono do meu tempo e que posso parar mas eu não quero parar e não tenho tempo para pensar em velhice, em quando vou morrer.

- *Se o senhor pudesse dar uma dica para quem vai se aposentar, o que o senhor diria?*

Diria justamente que a pessoa tem que ter um hobby, a eletrônica para mim é um hobby, eu gosto, tenho oficina. Tem que fazer o que gosta. Tenho um colega que gosta de aeromodelismo e se envolve, esquece que está velho, esquece de ficar doente e não atrapalha a mulher em casa que tem seus afazeres.

Tenho outras atividades, faço desenho, quando tem festa na 3ª. idade eu que vou fazer os desenhos, os quadros.

Então não tenho tempo de pensar em velhice, pode ter certeza.

E pra você queria dizer que se for aplicar em alguma empresa, deveria ser direto. É uma idéia boa, para muitas pessoas aquilo foi o despertar de uma nova vida.

Entrevista J.P.P.

- *Fale sobre o Programa.*

O programa teve duração de 1 semana e aconteceu na Pousada de Jurumirim, foi muito interessante para quem ia se aposentar, muito embora as pessoas que já estavam ocupando o seu tempo, enquanto trabalho pago na empresa, que lhe dá o pão de cada dia, e tendo ocupações extras para lhe preencher todo o tempo, o programa de preparação para aposentadoria talvez não seja necessário, como foi o meu caso que eu não tinha tempo pra ficar em casa, nem de dia, nem de noite, hora trabalhando na Usina, hora cumprindo as minhas obrigações do trabalho que eu escolhi na comunidade, na igreja, partido político, sindicato. Enfim, o PPA pra quem vive somente na sua casa e no trabalho que lhe dá o pão de cada dia, é necessário, porque realmente a aposentadoria mexe muito com a cabeça da pessoa, mesmo que essa pessoa esteja dizendo, a partir do dia tal, começa a minha aposentadoria, a partir das 6 horas da manhã desse dia eu estarei sentado no banquinho já pescando na beira do rio ou no campo de futebol às 6 horas da tarde, isso é mentira, isso não acontece, vai acontecer muito poucas vezes, não vai se criar rotina e a acomodação da pessoa, ela não vai fazer o que se pretende e aí o que vai acontecer ou ela vai ficar o dia todo de pé esticado, discutindo com a mulher, brigando, porque homem dentro de casa tem que ter algo de útil para fazer e não ficar no ócio.

Se for fora de casa, se ele não cria um hábito sadio, ficar sentado no banco vendo o ônibus passar de manhã, de tarde e a noite, ou se ele fica no bar tomando uma biritinha, também não vai virar, porque não são hábitos saudáveis.

- *Quando você fez o PPA?*

O PPA foi feito no final de outubro, começo de novembro de 89.

- *O que o Senhor fazia antes de se aposentar?*

Além do meu horário de trabalho que eu fazia turno na Usina e não tinha horário para trabalhar, cada dois dias eu mudava de horário normal e tinha as horas extras, que hora cobrindo o companheiro que faltou, no período anterior ao meu ou no período posterior ao meu. Fora desse trabalho da Usina eu me ocupava com o trabalho da cidade, com diversas atividades seja no campo religioso, ou na igreja católica, fiz diversos trabalhos, no sindicato fiz parte da diretoria, ocupei todos os cargos de partido político, exceto o de presidente. No clube de serviço Rotary, Lions, embora sem pertencer ao grupo deles, participava das campanhas do agasalho, donativos para creche, para APAE, no campo assistencial.

- *Há quanto tempo você está aposentado?*

Estou aposentado a 13 anos.

- *Em que medida você acha que houve uma transformação no seu ciclo de vida depois da participação no PPA?*

Para mim não houve muita alteração, porque já tinha o meu tempo todo ocupado, aliás, me faltava tempo, assim como hoje ainda me falta tempo. Tenho obrigação como o meu sogro que tem 96 anos, cuido dele. Sou eu e a minha esposa que cuida dele, nós até fazemos turno em casa, não saímos os dois juntos. Mas a pessoa que não tem ocupação do seu tempo quando vai se aposentar ele realmente precisa de um curso e esse curso creio eu, não deve ser de um dia só ou uma semana só, deve ser uma reciclagem e não só para aquele que vai aposentar mas para aquele que aposentou e que está vivendo uma vida de ociosidade, uma vida destrutiva no lar, destrutiva na sociedade, uma vida de marginalidade, de vícios, de jogos.

- *Você acha que o primeiro contato deveria ser diferente?*

Acho que o programa em si não poderia ser feito de uma só vez, no mínimo duas vezes, uns três meses antes de se aposentar e uns três meses depois que se aposentou, porque, para sentir o que aconteceu com tudo aquilo que ouvi antes de aposentar, com todas instruções que recebi do programa e o que me serviu, pode ser que não serviu, sou suspeito em dizer que ele atingiu plenamente aquilo que se esperava porque pra mim não fez diferença à aposentadoria, hoje não me sinto aposentado, me sinto uma

pessoa útil. Não tenho tempo pra ta jogando baralho lá na esquina, pra ta saindo toda noite para passear.

Uma coisa é você se aposentar, parar de trabalhar e não fazer mais nada e viver a ociosidade, viver só pra você. Se você consegue viver só para você e viver bem já ta bom. Outra coisa e você se aposentar e ter um monte de trabalho para fazer para a comunidade e saber que esse trabalho é gratuito, é espontâneo, ele não tem hora marcada e você faz sempre e se sente feliz com isso.

- *Você acha que já era um perfil seu ou todas as informações contribuíram?*

Acho que as duas coisas. Embora posso dizer que eu tenha aproveitado sim, o programa não foi totalmente inútil pra mim. Gostei demais ficar uma semana junto com o pessoal, trocar idéias, mas eu acho que serviu pra mim porque me alertou, porque se eu fosse pensar uma besteira depois de aposentado, já não pensei mais, porque fui alertado. Fui alertado por uma pessoa que falou sobre economia, outra que falou sobre direitos, outra que falou sobre exercícios físicos, outra que falou sobre a participação na sociedade, outro que falou sobre o dia seguinte da aposentadoria, é aquela velha história, amanhã estou aposentado, é o meu primeiro dia de aposentadoria, estou às 6 horas da manhã na beira do rio e não quero nem saber do resto. Isso é besteira, isso não acontece com ninguém, se alguém que já esteja trabalhando faz isso de vez em quando, ele deve continuar fazendo de vez em quando, da mesma forma, talvez até pare de fazer. Não porque aumentou o tempo, mas porque lhe faltou a amizade que ele tinha enquanto trabalhava, o convívio daquela turma, porque aquela turma que vai pescar comigo enquanto estou trabalhando, quando aposentar não vai mais, vou ter que arrumar nova turma para pescar, aqueles que jogavam futebol comigo enquanto estou trabalhando, eles não vão mais, quem vai, vai ser uma nova turma, então vou mudar, vou mudar as minhas amizades, vou mudar o meu ambiente, vou mudar o horário de fazer as coisas, então não vira, querer dizer que a partir do meu primeiro dia de aposentadoria o meu tempo vai ser pescar, jogar futebol, vai ser só passear, primeiro porque o dinheiro acaba. Passear come o dinheiro todinho.

Mas o dia seguinte dele realmente é bravo, é muito psicológico, não senti mas conheço a experiência de muita gente que aposentou com tantos planos por fazer, mas é aquela velha história, só vivia para o seu trabalho, para sua casa, para o seu ganha pão, o dia que assumiu o ganha pão, aposentou, ficou só em casa, ficou três meses e morreu. E não é por que tinha doença não, foi o baque que sentiu, naquela mudança, então realmente, aposentadoria é uma mudança de vida. Mexe muito com o psicológico da gente.

- *Você acha que esse programa minimizou o impacto provocado na passagem do trabalho para a aposentadoria?*

Acho que minimizou.

- *Você acha que essa preparação tem que vir da base?*

Acho que as informações, que a pessoa esteja faltando cinco anos para se aposentar, tem que começar a se interessar pela sua aposentadoria, começar criar um vínculo com a sociedade para que possa preencher o tempo depois que parar de trabalhar, porque aí não vai nem perceber quando aposentar, como é o meu caso. Hoje não sei se estou aposentado ou se não estou, porque não paro em casa, e quando paro é porque sou obrigado.

Então se há uns cinco anos antes de aposentar, um pensamento dirigido para a aposentadoria, acho que vai ser muito menos traumático, porque a gente se prepara e aí tem muito tempo para se preparar, a gente vai se inserindo aos poucos na sociedade, seja no grupo de serviços, seja na igreja, seja de que forma for, participe, até mesmo cursar uma faculdade, fazer um curso técnico que não tem nada haver com o serviço que faz, mas que goste, para quando se aposentar possa se dedicar também à atividade desse curso. Eu acho muito bom. E o curso em si, como já disse, tem que existir pelos menos duas vezes, antes e depois de se aposentar, para servir de avaliação.

- *Você tinha alguma expectativa antes de participar do PPA?*

Tinha. Tinha uma expectativa e ela foi realmente satisfeita, aquilo que esperava no PPA, ela realmente trouxe, se não serviu para mim 100%, mas

para aqueles que iam de casa para o trabalho, para o seu ganha pão, serviu os 100%.

- *O que significa ser velho?*

Ser velho (sorriu) é pensar negativo, é olhar o mundo com olhos negativos. Acho que a gente tem que rir todos os dias, trabalhar todos os dias, e quem faz isso jamais vai ser velho. Vai ser velho o dia que não prestar mais para nada e principalmente a cabeça, daí que eu falo pensar positivo. Nós temos aí amigos nossos que você não conversa com eles dez coisas sem que nove não sejam negativas. Tem gente que é assim, aí eu me sinto mal, me sinto mal mesmo, com essas pessoas procuro sair bem rápido do papo, ou eu converso a realidade, e a realidade ela é positiva e negativa ao mesmo tempo, você vai em cima do problema e procura solução para eles, porque conversar negativo é muito fácil, meter o pau no governo, na inflação, nos baixos salários, mas o que fazer para reverter essa situação, isso é importante e a pessoa que não faz isso, só vive no negativo, e viver só no negativo é um pé na cova. Daí é ser velho.

- *Ser velho e ser aposentado significa a mesma coisa?*

Pelo amor de Deus (sorriu) aí é o fim da picada, ser velho é o que eu disse para você e ainda por cima ser aposentado vai para o cemitério logo. Acho que não existe velhice para quem aproveita bem o seu tempo, não existe.

- *Mesmo com a preparação eu queria saber o que você sentiu no dia em que se aposentou?*

Uma gostosura viu, uma gostosura. Pensei assim no meu primeiro dia, daí eu criei psicologicamente pra mim, estou numa licença prêmio. Licença prêmio é para funcionário público e nós por ser economia mista também entramos, nós tínhamos a cada cinco anos o direito de gozar três meses, ter uma folga de três meses, então botei na cabeça, estou vivendo a minha licença prêmio, nos primeiros três meses vivi isso, depois criei na minha cabeça que tinha mais ainda, assim só de brincadeira, mas acho que é válido, mesmo para você acompanhar a nova vida, você criar um negócio positivo, quer dizer estou agora parado, mas posso voltar a trabalhar, se eu quiser, então por isso eu estou de férias, estou de licença prêmio.

- *Alterou a rotina no seu lar?*

Foi alterando aos poucos, porque francamente, quando aposentei tinha as terças-feiras à noite para ficar em casa com a minha esposa, quando nesse dia, nessa hora, não tivesse uma reunião extraordinária ou que não estivesse na escala pra trabalhar na Usina. Era 3^a. feira a noite só que eu tinha, o restante, de dia estava fora de casa e a noite estava fora de casa, aí então aos poucos até por reclamação da minha esposa, que eu aposentei e continuei não ficando em casa, nem de dia, nem de noite, com exceção que não ia mais na Usina trabalhar como operador, mas fiquei com todas as minhas obrigações, aí ela começou a pegar no meu pé, você aposentou para que, para não ficar em casa do mesmo jeito, então fui cortando aos pouquinhos, hoje fico todas as noites com ela, e o relacionamento é muito relativo, porque antes quando trabalhava tinha uma idade mais jovem e a gente via o mundo com um olhar mais jovem também, e depois de aposentado, são 13 anos também, mas às vezes a gente vê uma coisa o que é difícil é mais gostoso, o que é muito fácil perde o valor, então agora a gente está todas as noites juntos e parte do dia também, não brigamos mais do que antes, mas também não nos entendemos mais, aliás acho que desentendemos um pouquinho mais agora, porque a gente fica mais tempo juntos, troca mais idéias, faz mais serviços juntos, discorda mais, enfim, eu e a minha esposa, ela é bastante de discussão, por um lado é bom, então a gente briga mais um pouco, mais tudo bem. Aconteceu agora o que teria acontecido logo que aposentei se estivesse em casa todas às noites.

- *O que você diria para alguém que vai se aposentar?*

Se prepare, indiferentemente de curso de aposentadoria, na minha época foi o PPA, acho que a pessoa deve procurar se orientar, procurar ocupações, e francamente se a pessoa estiver numa boa com o trabalho, com a chefia, estiver prazerosamente trabalhando, até diria que não se aposentasse, sabe porque, a mudança vem e ela mexe mesmo com a gente, quando falo gente é de um modo geral, mexe mesmo com a gente, se preparando quando chegar o dia da aposentadoria que seja bom, para melhor, se achar que não deve se aposentar, não se aposente não, porque

aí sim, aí é que vai pesar. E o trabalho é bom, o trabalho dignifica a pessoa, acho que é por isso que nós aposentados procuramos trabalhar gratuitamente, pago para trabalhar, venho com o meu carro aqui, vou com o meu carro para a igreja, então estou gastando combustível e não estou cobrando de ninguém e antes não, antes não dava pra mim fazer isso que tinha condução para ir ao trabalho, para voltar, e antes não, antes não pagava para trabalhar, agora pago, só que tudo que faço é prazerosamente, tudo aquilo que faço é de bom gosto, faço bem feito, não tenho hora marcada mas em compensação tem domingo que venho aqui na associação, alguma coisa que ficou atrasado venho colocar em dia. Tem dia que levo serviço daqui para trabalhar em casa a noite, enquanto a mulher vê televisão eu termino. Então para quem vai aposentar agora diria o seguinte, se a aposentadoria esta pintando como uma coisa boa, se prepare e se aposente, mas prepare mesmo, se não pretende aposentar, não aposente não, fique na ativa até o dia que a empresa mandar embora, porque se não tiver preparado o baque acontece, por mais dinheiro que tem, por mais amizades que tenha, quebra-se um vínculo, porque nós trabalhávamos na Usina, tinha 250 funcionários, eram 250 amizades que praticamente você via todos os dias, andava de cá pra lá e você cumprimentava, oi, como é que vai? Tratava da pescaria, do futebol, falava vamos naquele baile, de repente você corta e não adianta dizer assim eu vou aposentar e vou vir aqui de vez em quando para ver vocês, não vai, porque eu não fui e falei que ia. Não vai. Eu venho aqui matar a saudade. Não vai coisa nenhuma, não vai. Eu vou no primeiro mês, depois passa para 2, 3 meses e depois a gente se enrosca e não vai coisa nenhuma. Eu acho que o trabalho, como eu já falei que dignifica a pessoa, o trabalho bem feito dignifica mais ainda, o trabalho voltado para a coletividade, voltado para o irmão, voltado para o seu companheiro do dia a dia. Trabalhar é bom, ser prestativo é bom, desculpar sempre é bom, não ser grosso é bom. Se tiver que dar um murro na parede pense dez vezes, vai dar menos, se tiver que dar uma cabeçada, pense primeiro antes de dar, eu acho que não vale a pena partir para a ignorância, pressa é bom, mas a pressa acompanhada da responsabilidade, do trabalho bem feito, não adianta ter pressa, macetar aqui, queimar a boca adiante,

comer cru acolá, eu acho que a pressa tem que ser combinada com responsabilidade, com dignidade, fazendo as coisas certas, tem que ter o bom princípio, e o bom princípio têm muitos lugares que você aprende, na igreja, no clube de serviços, aliás tem muitos lugares para você aprender as coisas boas, e a gente está sempre aprendendo.

Entrevista S.G.F.

- *Fale um pouco sobre o PPA.*

O PPA na realidade procurou antecipar e orientar ao mesmo tempo o que uma pessoa depois de aposentado poderia fazer, tanto em casa, como nas comunidades, sempre participando efetivamente na cidade na qual está localizado.

O PPA foi muito bom, só que faltou muita coisa ainda para se explicar no PPA para a turma se preparar melhor ainda. Exatamente, o problema familiar, de família para família ele tem uma mudança, tem famílias que vem mal estruturada e isso causa um problema muito grande na aposentadoria, mas aquela que é bem estruturada todo mundo se entende, aquela que é mal estruturada um pingão já é um trovão, qual palavra dirigida de forma inadequada causa um problema muito sério dentro da família. A família bem estruturada é muito mais fácil o diálogo, e é muito importante o diálogo depois de aposentado, não é a pessoa na sua casa ficar num canto sem conversar com ninguém só procurando ver aquilo que ele gosta, televisão por exemplo, sem conversar com os familiares, quando a família é bem estruturada até a televisão é colocada em segundo plano, o barzinho é colocado em segundo plano, àquelas coisas freqüentes que acontecem na vida do aposentado, que é um encontro no bar, um encontro com o amigo, ela se torna em segundo plano, quando ele vive em função da mulher, do filho, e na família mal estruturada não acontece nada disso, há briga, há desavenças entre pais e filhos, entre marido e mulher, isso causa uma consequência muito grande no relacionamento dentro de casa. Então eu acho que tem coisas que vão acontecendo no dia a dia que vão se

ajustando, porque se não acontecem, não se ajustam. O diálogo é a coisa mais importante que acontece dentro da família.

- *Quando o senhor fez o PPA?*

Parece-me que foi em 1990.

- *O que o senhor fazia na CESP antes de se aposentar?*

Era assistente técnico, trabalhava na área de desenho, de relatórios e documentação técnica. Estou aposentado a 11 anos.

- *Em que medida o senhor acha que houve uma transformação no seu ciclo de vida depois da participação do programa?*

O que aconteceu foi o seguinte, você teve uma visão melhor daquilo que poderia acontecer, só que você só tem esse acontecimento, essa visão quando você aposenta.

- *O Senhor acha que esse primeiro contato poderia ser diferente?*

Ah poderia, faltaram muitos subsídios para que se completasse, foi ótimo, mas faltou. O grande problema é a família e a família não é só o aposentado se preparar, a esposa se preparar, os familiares tem que se preparar, de alguma forma, uma palestra, porque veja bem, tem muita gente que, eles não falaram sobre doença, a doença é uma coisa muita séria para o aposentado, as precauções que a mulher, o homem tem que ter, isso não foi falado, de um modo efetivo. Eu acho que a saúde ela tem que ser preservada, os exames preventivos, que nem a nossa associação hoje está fazendo, por isso na época fazia-se os exames preventivos na Cia., mas veja bem não adianta a Cia. te dar tudo aquilo enquanto você estava trabalhando e quando você aposentar você não faz, você tem que continuar o que faz bem para você, você tem que caminhar; você tem que ter uma disciplina em todos os sentidos. O relaxamento da vida do aposentado causa vários problemas para a saúde, porque hoje você está aposentado, tem gente que procura não fazer nada e muito mais em relação à saúde. Tem que ter a visão de fazer as coisas preventivas que vai me custar mais barato, em vez de deixar a ferida se inflamar, vou cuidar antes que ela se inflame.

A maioria dos aposentados não faz, tem uns que levam isso à risca, mas são poucos. Tem gente que bebe, vamos diminuir isso, vamos parar de

fumar, isso aí deveria ser feito lá no PPA, alertar para esses problemas gente de 2ª. a 6ª. você maneira, no sábado e domingo você sai um pouquinho. Na 2ª. você volta a manear. Isso não foi alertado. O que foi alertado lá foi à boa convivência com as pessoas, um bailinho, um passeio, isso tudo faz bem, mas isso aí é uma coisa isolada, quer dizer você vai fazer uma viagem, mais ou menos quatro vezes por ano, e o que machuca é o dia a dia. Eu acho que faltou é que a pessoa quando aposenta não é culpa dela não, é culpa da Cia. A Cia. esquece ela, aposentou morreu para ela, então eu acho que tinha que ter um trabalho primeiro na Cia. Gente, o aposentado é a pessoa mais importante que a Cia. tem, porque tudo aquilo que foi construído, foi construído por essas pessoas, então isso aí são coisas que tinha que preparar a Cia. para o aposentado continuar sendo o aposentado e continuar sendo o membro da Cia. Aposentou não pode nem entrar no portão da Cia., quem é você, sou aposentado, mas aposentado não pode entrar aqui, então isso acho uma falha do PPA, tinha que levar os Presidentes da Cia. e falar olha nós temos que preparar a Cia. para receber os aposentados também, hoje o aposentado é uma pessoa estranha, a pessoa que construiu Ilha Solteira não pode entrar lá e as outras pessoas que estão lá, vieram depois que tudo estava feito, então acho que a Cia. não foi preparada, queriam preparar o aposentado, foi uma idéia excelente, só que faltou muitas coisas, do primeiro PPA pra o último mudaram muitas coisas, houve uma evolução, por causa dos questionamentos que houve lá, coloco isso como uma das coisas que faltaram no PPA.

- *O Senhor acha que já era um perfil seu ou todas as informações contribuíram?*

Sou uma pessoa que a única empresa que trabalhei foi a CESP, entrei com 22 anos, como tinha SENAI, tinha escola profissionalizante da rede ferroviária, contaram isso como tempo de serviço, aposentei com 36 anos, 10 meses e 26 dias. Entrei dia 06/09/61 estava com 22 anos e só trabalhei na CESP.

- *O senhor acha que o PPA minimizou o impacto provocado da passagem do trabalho para a aposentadoria?*

Em parte sim, não total. O grande problema nosso, vou mais longe do que isso, o Brasil não está preparado para mexer com aposentado. Aposentado é um diamante que o país tem, e eles desconhecem o aposentado. Eu acho que é o aposentado que pode resolver muitos problemas que o país tem. O aposentado tem uma experiência grande. Tem grandes pessoas no convívio da sociedade que podem dar grandes contribuições a esse país.

- *O senhor tinha alguma expectativa antes de fazer o PPA?*

Tinha curiosidade, o que seria esse programa, alguma coisa já sabia, mas queria saber se tinha alguma coisa a mais que realmente ficasse assim entusiasmado. Alguma coisa sim, que a pessoa tem que ser sempre alegre, tem que se dar com as pessoas, e pra ser isso aí tenho que me educar, porque se não me educar, não faço, como é que você vai levar uma pessoa para um baile se ela nunca participou, você tem que preparar para isso aí também.

- *O que significa ser velho?*

Ser velho, não digo, é palavra, é uma coisa assim, causa um impacto muito grande. O velho é a experiência que os novos teriam que ter, porque se os novos tivessem a experiência desses velhos, o país seria outro.

- *E ser velho e ser aposentado significa a mesma coisa?*

Não. Pode ser velho e aposentado e continuar fazendo coisas que o jovem faz, às vezes até com maior desempenho. Então acho que velho, velho não gosto dessa palavra, porque pra muita gente velho é aquela pessoa que não contribui com nada, no meu modo de pensar é diferente, ele contribui com muita coisa, então prefiro dar uma riscada na palavra velho, substituir por experiência de vida.

Aposentado é aquele que cumpriu com um tempo da sua vida em prol do trabalho e pensava que ia usufruir desse tempo parado, a ilusão que ia aposentar e não fazer mais nada, então acho que o aposentado deixa o serviço e entra no outro serviço, se ele for uma pessoa estruturada, porque já conversei com aposentados que encontrei na rua e falei, escuta você vai para sua casa ajudar a sua mulher lá e ele me disse eu não faço isso. Agora na minha se precisar passar um pano no chão, eu passo, se precisar lavar

uma louça, eu lavo, se precisar lavar uma roupa, eu lavo e todo dia de manhã eu levo o café para minha esposa na cama, isso é uma coisa que ela levava enquanto eu trabalhava, ela levantava primeiro e levava, porque eu não posso fazer isso aí agora, porque sou aposentado, porque sou homem, porque sou considerado o sexo forte, não existe isso, talvez a mulher seja mais forte do que o homem.

- *Mesmo com essa preparação o que o senhor sentiu no dia em que se aposentou?*

Ah! (se emociona). A verdade é a seguinte, você trabalha numa Cia., levantava 6 horas e ia trabalhar, então você vivia, peguei os melhores momentos da Cia., então você é elogiado, fazia, trabalhava, saia da minha casa 6 horas e não vi os meus filhos crescerem, quem tomava conta deles era a minha mulher, ela que dava banho nos meninos, que levava na escola, então eu vivi intensamente esses 32 anos a Cia. Quando você sai é uma paulada, porque hoje você esta trabalhando, amanhã você não está mais, então tem uma série de amigos seus que você encontrava todos os dias e essas pessoas você passa a encontrá-los esporadicamente no final de semana, não tem aquele bate-papo do corredor, não tem aquele convívio com profissionais que você é e isso aí machuca na hora que você sai. Mas é ilusão a pessoa falar assim chega o meu dia eu vou aposentar, isso aí é ilusão, não pensa que a pessoa que fala vou aposentar para pescar, passear, vou aposentar para fazer isso, aquilo, não existe, isso aí você faz de qualquer jeito, tanto aposentado, como na ativa você vai fazer isso. A Cia. devia preservar os profissionais experientes que ela tinha, só que ela não preservou e com isso você interrompeu um ciclo (se emocionou). Você vai aposentar e vai falar vou acordar todo dia 8 horas, não vai, até hoje eu acordo às 6 horas da manhã. A primeira coisa que faço é colocar água para ferver, então não adianta falar que você vai mudar de vida. Agora o ruim é quando você não tem nada para fazer.

Depois coloquei na minha cabeça, estou aposentado e tenho que fazer alguma coisa. Juntei uns amigos que tinham umas ações do FGTS e perguntei se eles queriam que eu preparasse pra eles, então preparei, isso daí foi em outubro, aposentei em maio e isso aí foi em outubro de 92. Em

93, andava de lá pra cá, ia dar uma pescada e comecei fazer a reforma na minha casa, eu acompanhava. O presidente da Camargo e Correa ligou na minha casa, através de um amigo meu, perguntando se poderia montar uma fazenda para ele, então esse período foi muito pequeno sem fazer nada, porque senão o impacto seria muito maior.

Fiquei 2 anos montando a fazenda, 54 km aqui da Ilha, ia todo dia, entreguei a fazenda pesando boi, com energia, boi, água, com tudo o que tinha direito, e até hoje ele é meu amigo, por causa disso, mexia com dinheiro, com fiscalização, tudo. Quando foi em 95 me convidaram para participar do projeto desse prédio da Associação, fiz o projeto desse prédio aqui. Quando foi inaugurado, eu sempre participando daqui, dali, depois que comecei trabalhar nunca mais parei. Convidaram-me para trabalhar aqui como secretário, na outra eleição me indicaram para ser representante, fui um dos mais votados aqui com 90% dos votos. Toda essa estrutura que você está vendo aqui, basicamente 80% fui eu que montei. Porque via as necessidades que o aposentado tinha. O nosso lema é o seguinte o aposentado tem que ser tratado bem, você tem que dar um tapinha nas costas dele, tem que levantar um assunto do interesse dele, tem que dar um carinho pra ele, que ele seja bem vindo aqui, é isso que eu gostaria que os grandes políticos de lá reconhecesse e começasse tratar bem os aposentados, porque eles estão lá em Brasília, num prédio bonito, quem que fez isso, não foi quem está aposentado hoje, então acho que a classe dos aposentados tem que ser valorizada, tem que se aproveitar o aposentado e não tenho medo nenhum de falar que o aposentado ainda vai ser procurado para desenvolver grandes projetos no país.

- *Alterou a rotina do seu lar depois que se aposentou?*

Não, um pouquinho, faço o meu horário, faço porque já tinha esse horário quando estava lá na empresa e faço até hoje, só que naquela época minha mulher levava o café pra mim, hoje quem leva sou eu. Às 8 horas estou aqui na associação, saio 12 horas para almoçar e as 13:30 horas eu estou aqui, saio às 17h. Tinha dia que trabalhava até meia noite, sempre gostei de trabalhar, desde criança, sou uma pessoa inquieta, fico sempre procurando alguma coisa, a pousada nossa você não conhece, é uma coisa

linda, o Dr. Valter chegou e perguntou, vamos tocar, eu falei vamos. Nós fizemos e não tá nem na metade, mas é o coqueluche da cidade, por trás de mim tenho pessoas que me dão apoio, enquanto você está tendo apoio está tudo bem.

A rotina ela mudou porque transferiu os pontos para outro lugar. Na empresa tinha os pontos fixos, levanto, pego o ônibus, vou para o escritório, comando a turma de profissionais, ensino eles, atendo o que eles solicitam, vou almoçar, volto para o serviço, saio a tarde e volto para casa, tomo banho, vou assistir televisão, hoje é diferente, mas existe aquele mesmo compromisso.

- Se o senhor pudesse dar uma dica para quem vai se aposentar o que o senhor diria?

Diria o seguinte: que procurasse entrar em sua casa e fazer um teatrinho, já ele como aposentado pra saber se aquele teatrinho vai deixá-lo alegre, porque se deixa-lo alegre, vai aposentar bem, se deixa-lo triste, tem que mudar alguma coisa. Mas que tem que fazer alguma coisa para se sentir bem como aposentado, tem, porque é ilusão achar que não vai fazer nada quando aposentar, só quem tem sangue de barata que vai fazer isso. Então eu diria se prepare muito bem para não sofrer as conseqüências, porque pode ter sérios problemas de saúde tanto para o cônjuge tanto para ele, e não deixar a família irritada, não querer ditar regras, o homem fica muito longe da casa, quando aposenta quer impor suas regras, sua vontade, mas na verdade ninguém pode impor nada, tem que procurar conviver bem, pacificamente, ter um bom diálogo com a família, procurar se estruturar porque senão você vai ter uma aposentadoria triste. E outra, a aposentadoria tem que ser compartilhada com a mulher. É ele e ela que tem que desfrutar, porque o casal foi responsável para chegar até ali. Você tem que chamar o cônjuge e conversar, vou aposentar o que vamos fazer, conversar com o cônjuge depois de aposentado, isso é importante, contar piadas, sair juntos para almoçar, largar mão de querer guardar dinheiro, ser mão de maritaca, falar assim não vou tomar um copo de água vai me faltar, esquece disso, o que você já teve que fazer você já fez, você tem que usufruir o tempo que resta.

A família tem que ser sempre unida, um ajudar o outro, mas não se martirize por querer resolver problemas dos filhos e dos netos. Se você puder resolver tudo bem, se puder ajudar tudo bem.

A nossa associação foi criada, alguém teve esse pensamento divino de criá-la, é uma associação, vou ser sincero, fico satisfeito de atender essa turma aí e tenho isso aqui como patrimônio da gente, e nós estamos dando uma contribuição muito maior do que a Cia., muito mais que a própria Fundação CESP, porque nós estamos aqui para resolver os probleminhas deles. Foi uma dádiva entrar na Associação, porque chego aqui, discuto, se na época que saí tivesse entrado aqui, porque aqui o trabalho é voluntário, estaria muito melhor e se toda pessoa que aposentar vir ajudar na associação ela não vai nem sentir. A associação aqui é uma das 17 regionais, nós trabalhamos com as mesmas campanhas que São Paulo. Em maio nós tivemos as Olimpíadas dos Aposentados foi em Ibitinga, todo ano tem, mas a nossa Associação é diferente das outras, porque nossos eventos aqui são disputadíssimos, porque nós temos uma equipe excelente, nosso trabalho é reconhecido em todas as regionais, inclusive em São Paulo. Nós temos 1010 entre aposentados e pensionistas. A região tem 23 mil habitantes, tem 70 a 75 aposentados da CESP que não fazem parte da Associação, porque julgam que o dinheiro é mais importante, ele pode ajudar mais não é o mais importante, o convívio sadio entre pessoas é mais importante. E nós temos uns 100 aposentados da Camargo Correia, do INSS, aposentado rural.

Entrevista R.B.

O programa teve como objetivo preparar, dar uma visão futura e ao mesmo tempo auxiliar alguns e até mesmo todos a se desligarem da empresa e enfrentar fora de lá, uma nova vida. Os promotores da minha época levavam muito em consideração porque a CESP tornou-se mãe desses filhos que éramos nós, então necessário era preparar esses pintainhos para sair pelo mundo, viver uma nova vida. Então acredito que o objetivo seria bem esse.

Nós tivemos palestras, o agente do próprio INSS, esteve lá explicando a situação financeira, nós tivemos ali muita integração, percebemos também ali a necessidade de outras amizades, deixando aquelas que certamente ficariam “para trás” porque amizade não se deixa para trás, mas a idéia era a criação de novas amizades. Então durante essa preparação tivemos aula de dança, expressões artísticas. Percebi que uma das dirigentes tinha a tendência de transportar a gente a um campo emocional que foi que me chocou, achei que não deveria ter acontecido, que criasse um pieguismo, tipo CESP é a mãe, nós estamos saindo como é que vocês vão fazer lá fora, a ponto de pessoas que choravam ali durante a sua manifestação, que após essa programação toda de expressões corporais, artísticas, música, para integração entre as palestras, o que ia acontecer com o salário, quem tem vontade de fazer o que, um vai montar uma farmácia, o outro uma loja de material elétrico, enfim cada um tinha suas idéias.

E a gente observava que existia uma certa tendência, dispensável até, de fazer essa amarração com a empresa como se ela fosse a última coisa da vida. Nossa vai sair da CESP e agora o que vai acontecer.

Eu me lembro de senhoras que tinham ali, que choravam, faz 30 anos que eu levanto às 7h e faço o café do meu marido, ai meu Deus, acho que não tinha necessidade disso, aliás, acho que o objetivo nem era esse, levar para o campo piegas de lamentação. Foi um ponto que me chamou atenção. Ao contrário deveria ser uma festa, preparar realmente para virarmos as folhas, nós estamos lendo um livro é necessário à gente aprender senão gera uma expectativa doentia, mas desenvolver na gente um desejo de querer saber o que tem na folha seguinte, mas não num processo doentio, onde as pessoas choram, sem necessidade, acho que deveria ser focalizado esse aspecto, fortalecendo mais essa parte para nos prepararmos para uma nova vida. Aquele livro ou aquela folha foi lida, as experiências ficaram, vamos ler outra página, é nova experiência, temos que aprender a tirar da vida a essência para que quando for ler a próxima página, tenha algo a acrescentar, nunca ficar nesta dependência, o que será, o que vai acontecer, 30 anos fazendo café e agora, há tanta coisa para se fazer.

Acho que durante o desenvolvimento do PPA foi muito bom, muito agradável, gostoso, foi uma vivência assim, com um grupo de pessoas que estavam heterogêneas, com as mesmas expectativas, então foi uma coisa gostosa. Achei muito bom, pena que não houve continuidade porque os tempos são outros. Nós tivemos ali todas essas coisas, até achei que não ia lembrar, mas acabei lembrando.

- Quando o Sr. fez o PPA e o que o Sr. fazia na CESP

Fiz o PPA em 93, eu treinava o pessoal, preparava-os para o trabalho. Nós recebíamos os funcionários crus, de preferência sem nenhuma experiência e passávamos para eles nossa experiência baseada numa programação que era estabelecida e analisada pelos órgãos de treinamento. Então nos aliávamos nossa experiência, juntávamos em apostilas e outras formas e passávamos para o pessoal. Nós tínhamos níveis de aprendizado, era feita avaliação do que sabiam e no final fazíamos avaliação para ver o aproveitamento. Nós tínhamos uma média que era 80% a ser alcançado, sempre na filosofia da direção, que se o treinando não aprendeu é porque o instrutor não ensinou, não conseguiu. Então dentro dessa filosofia tinha que fazer o possível para que a moçada aprendesse a trabalhar, isso nós fazíamos na sala de aula. Nós apresentávamos o esboço, chamávamos de tarefas, fazíamos uma preliminar na sala de aula, uma auditoria e depois íamos para o campo realizar. Todos tinham que realizar a mesma tarefa. Além disso, fazíamos os programas de cursos, a gente que estabelecia o grupo de tarefas adequado para cada função, um eletricista para uma determinada área, a gente fazia o programa que era dentro de um corpo de tarefas 300, 400 tarefas, escolhia algumas para compor o programa de curso.

No final da carreira, graças a Deus, a gente nunca teve oportunidade de se ver assim frente à sobra. No final, finalzinho mesmo eu percebi que a moçada estava chegando, chefias novas, com novas idéias e eu me lembro que meu chefe falou pra mim assim: - "Raul eu sei que você está

sobrecarregado, eu vou lhe oferecer uma nova função”, ele estava querendo me encostar, quer oferecer nova função que é mais cômodo.

A gente coordenava uma área com 17 instrutores e eu era o coordenador e quando ele me ofereceu essa nova função eu falei ta bom, já entendi, eu já estava para me aposentar, eles reservaram um cantinho para mim, já fui para lá, isso sem preparação, foi mesmo um escanteio e graças a Deus, porque ali sozinho desligado de 17 pessoas, 17 marmanjos. Nós passamos a refletir o que fazíamos, aí lembra daquelas 300 tarefas, nós passamos a descrevê-las passo a passo e se tem alguma coisa que me deixa feliz é lembrar disso porque a gente teve oportunidade de não ver sobrar tempo, aí começamos escrever as tarefas, eu já estava aposentado e tive que ficar mais tempo lá porque foi assim uma aceitação muito grande e aquelas tarefas viraram normas, foram normatizadas e no finalzinho nós tivemos que treinar 50 instrutores para multiplicar para CESP todinha, e da CESP passou para outras empresas e foi para o Mercosul. Então você vê de um escanteio, foi engraçado que eu estava na mão deles, depois passaram para outros, entregamos e implantamos os manuais e no último dia eu saí numa boa, sou esquisito, é engraçado eu não sou sentimentalista, embora seja ao extremo, mas é interessante que eu aqui fora parece que nunca estive lá dentro e quando eu voltava para dar cursos parece que eu nunca tinha saído.

Eu não consigo entender isso, então não houve uma quebra, saí da CESP numa boa, cumpri as minhas funções, graças a Deus, to cá fora, aqui também não me sobra tempo. Pra não ficar muito preguiçoso compramos uma chacinha e plantamos lá todas as frutas aqui da região, vou carpir, quando eu não agüento pago para alguém fazer o mais grosso, isso até a hora do almoço, estudo música, toco violino, a música me ocupa todo o tempo, só que eu não ponho todo tempo nela porque se não, não dá.

Então eu dedico um momento para parte teórica e para a parte prática. Sempre gostei de música e quando era garoto, era muito pobre e minha mãe e meu pai brigavam muito e se separaram, tive que cair na vida cedo, não tive como estudar, comecei estudar e parei para trabalhar. Comecei trabalhar em Jaú como eletricista na CPFL depois passei para Rio

Preto como supervisor de segurança, viajava muito então não tinha como estudar, aí depois de aposentado você vai procurar alguma coisa para fazer porque não pode sobrar tempo, então entrei num coral da 3ª idade, fiquei ali uns três anos, aí achei que devia fazer algo mais. Entrei no conservatório e fui fazer violino e continuo no coral da UNESP e o horário nosso está todo tomado. Não tenho espaço para estudar o Kardecismo que eu gosto tanto.

- Em que medida que o Sr., acha que houve uma transformação no seu ciclo de vida depois que o Sr. participou do PPA.

Acho que houve uma seqüência no meu caso. Poderia até dizer que conheço pessoas que foram impactadas com isso. No meu caso não, não sei porque razão.

- O primeiro contato o Sr. acha que poderia ser diferente

O primeiro contato foi pessoal. Todo ano, mês, sei lá, eles colocam no quadro, eu fui espontaneamente, o convite não foi feito só para mim, foi feito para todos os funcionários. Acho que assim estava bom. Julia eu sou meio avesso a esses impactos, tanto é que falei para você que não achei muito interessante criar um ambiente de emoção. Acho que da maneira que foi feito foi bom, colocaram no quadro o convite do PPA, chegou espontâneo, as pessoas que não quiseram ir não foram. Eu fui porque quis, ninguém me obrigou, falou se eu não for vai acontecer isso ou aquilo. Nós perguntamos o que levar e eles responderam lá vocês vão ver. Criaram uma expectativa até que positiva e você é lógico que cria dentro de si, dependendo dos seus hábitos, mais ou menos, ou fica pensando o dia inteiro o que será que vai acontecer lá, ou pensa dez minutos. Eu acho que da maneira que foi feito foi ótimo.

- O Senhor acha que já era um perfil seu ou as informações contribuíram.

As informações, as questões financeiras foram de suma importância porque lá durante a apresentação do agente do INSS, nos informou coisas que aqui no posto nós não tínhamos essas informações, não por maldade

deles, por inexperiência da gente em não saber perguntar também, por muitas pessoas perguntando a mesma coisa, elas ficavam de saco cheio. Lá não, ele sentou com a gente, fez os cálculos, esclareceu bastante, não re sta a menor dúvida. Em relação ao relacionamento humano e a abertura que foi dada para gerar em nós a idéia que devemos manter sempre ocupados, sempre ativos, sempre buscando alguma coisa para ocupar o tempo. Tudo isso foi bom.

- O Sr. acredita que o programa minimizou o impacto provocado dessa passagem do trabalho para aposentadoria.

Eu vou dizer que sim, ta, embora para mim não tenha causado um impacto. Eu não notei esse impacto. Eu observei em algumas pessoas que houve, em mim particularmente não houve, foi assim, bem natural. Pode até ser, volto a repetir, esse Programa me levou a estender essa ponte que ao invés de ser uma depressão, um túnel, foi tudo muito natural, digamos que o PPA me ajudou nisso.

Eu saí com naturalidade sem que nada ficasse me doendo na consciência, o que é que eu vou fazer meu Deus do Céu. Comigo não aconteceu graças a Deus, então vamos colocar por conta do PPA, porque não.

Lembro-me de um dos companheiros, encontrei com ele aqui, ele parou e me perguntou: _ Raul o que você faz para passar o dia. Olha só a situação dele, falei não estou entendendo o que você está falando. _ Raul o que você faz para passar os dias, passar as horas. Não sei, depois que percebi a tonalidade da conversação. Eu parei e falei. Meu amigo você vai morrer. Porque ele me disse que levantava às 4 horas da manhã, ficava pelo menos duas horas rolando na cama, pensando, imaginando o que iria fazer durante o dia. Já tinha aposentado, disse que dava 2, 3 voltas nessa perimetral e de manhã, mais 2, 3 voltas à tarde, mas não fazia isto para manter o físico em ordem e sim para distrair. Você sai dessa idiotice sua, você está aposentado, ou vai morrer, você cumpriu a sua função, algumas pessoas continuaram trabalhando, mas não são todas, não espere que

alguém vai te chamar, vai procurar alguma coisa para fazer, não fique esperando que a CESP vai chamar, ela chama alguns com funções específicas que ela precisa esporadicamente. Vai fazer outra coisa, vai se virar, o mundo é tão grande, vai conhecer algum lugar , então cada um tem uma maneira de encarar as coisas.

- *O Senhor acha que essa preparação tem que vir da base?*

Eu acho que essa preparação tem que ser dia a dia para que não haja assim um rompimento brutal, traumático, que deixa a pessoa doente, mesmo durante o trabalho, durante as atividades, desde que se entra na empresa é possível se dirigir ao trabalhador para que ele enxergue a aposentadoria como um prêmio, não como um castigo, como uma pessoa será anulada, o Raul da CESP, pô é o Raul. A CESP me trouxe até aqui, mas ela não vai me empurrar para frente eu que tenho que ir. Então isso eu não sei, talvez, levar para as pessoas naturalmente. Aposentadoria é oportunidade, viver novas coisas, tem tanta coisa para fazer, se eu tivesse mais tempo, meu Deus do Céu. Mas eu fazia uma coisa que eu gostava, minha filha, eu gostava muito mesmo do que fazia, Eu dava aula, dar aula é chique, é interessante, você se diverte, você cresce, você aprende, você não trabalha só a parte técnica, você trabalha a estrutura social da pessoa, você trabalha a estrutura, você tem condições de educar, depende do objetivo de conduta, da minha, da sua. Nossa adorava aquilo ali. E não é porque eu adorava, gostava, que fiquei preso. Certo.

Se eles me chamarem para dar aula, eu vou, agora se não me chamarem não tem problema porque tenho outras coisas para fazer.

- *O que significa ser velho.*

Velho, não sei se sou velho, às vezes observo o meu cabelo branco, mas o restante não, não consigo me enxergar como velho. Se alguém consegue me enxergar como velho, problema dele, isso não me toca, estou falando com cautela, a única coisa que observo em mim são os cabelos brancos, só a atividade física para mim continua sendo a mesma coisa, se

quiser correr, eu corro, se quiser carpir, vou carpir, procuro sempre fazer alguma coisa que tenha utilidade, caminho sim na perimetral, essa eu considero a utilidade dela a manutenção física, embora não tenha utilidade nenhuma, andar, andar...

Mas sempre que posso, coloco uma enxada nas costas e vou carpir, porque além da atividade física estou fazendo alguma coisa que considero útil, estou construindo. Andar não adianta nada, a não ser que você pense assim, estou caminhando para meu fluxo sanguíneo, o meu corpo se manter em ordem, então com esse objetivo, mas sempre que posso, faço uma atividade física construtiva.

- *Ser velho e ser aposentado é a mesma coisa?*

Ser velho e aposentado, não sei porque não sou velho e nem aposentado. Sei lá.

- *O que o Senhor sentiu no dia em que se aposentou?*

Da CESP nada, nada, nada. Eu cheguei de Campo Grande na sexta-feira, fui dar um curso lá, nisso eu já estava aposentado, estava na prorrogação, nem sei se fiquei pensando meu Deus do Céu agora tenho todo o tempo do mundo. Não me lembro de ter pensado nisso, para mim foi tudo muito normal, como se, não sei se isso é esquisito, estranho, mas não estou mentindo para você.

- *Alterou a rotina?*

(Sorriu). Não fiquei em casa, assim, porque sei que encho o saco da minha mulher, muito embora eu esteja na sala, percebo que atrapalho, é lógico, não é que atrapalha, tem hora que ela quer ficar sozinha. Tem um amigo meu que lê o jornal dentro da caminhonete, não vou ficar lá enchendo o saco, nem dela, nem da moça que está lá

- *Se o Sr. pudesse dar uma dica, qual seria.*

Uma dica para quem vai se aposentar, hei minha filha, agarre isso aí como se fosse a melhor coisa do mundo, ah não é isso não, como se fosse uma coisa boa, assim como o trabalho foi bom, a aposentadoria também pode ser boa, não crie expectativas de querer montar uma loja, uma fábrica, fazer isso, fazer aquilo, porque às vezes não dá certo e a pessoa pode vir a

sofrer aí o impacto. Seja natural. No outro dia de aposentado faça uma análise, busque dentro de si o que você mais gosta de fazer, procure, nós sempre temos algo que gostamos de fazer, faça aquilo com a maior descontração, com a maior alegria e deixe a vida levar, a vida tem me conduzido para onde ela quer. Nunca marquei objetivo, vou chegar lá, não sou contra isso, mas não fico doente quando o objetivo desaparece e fica outro no lugar.

Vou fazer aquilo que posso. Não vou ficar doente porque não consegui ser um dentista, um engenheiro, não tem problema, tudo na vida é útil. O simples fato de estar vivo já estamos sendo útil. O simples fato de respirar já estamos contribuindo com o desenvolvimento da própria natureza. A pessoa tem que viver.

Entrevista W.F.C.

- Fale sobre o PPA.

O PPA no começo foi desconhecido, não sabia o que vinha pela frente, mas o PPA é próprio para orientar desses vários anos que a gente trabalhou na empresa, só viveu para a empresa, vestiu a camisa da empresa e lá eles dão todas as orientações desde monetária, conviver socialmente. Acho que isto aí deu uma posição para entreter bastante depois da aposentadoria, foi 3, 4 etapas e eu fiz uns cinco anos antes, mas deu uma preparação boa pra gente e para família. Como tratar a família, como depois da aposentadoria vestir o pijama e ficar dentro de casa. Foi uma orientação muito boa que nós tivemos e a maioria acho que aplicou isso aí. Foi bem orientado como fazer as aplicações financeiras, ensinou todos os macetes, os mais esclarecidos até sabiam como aplicar. Valeu muito. A empresa usou o lado humano, preocupado com as pessoas que se dedicaram tanto tempo. A empresa está de parabéns porque depois de tantos anos a pessoa sair dali sem saber o que fazer, com o PPA não aconteceu isso.

- Quando o Sr. Fez.

Fiz em 1989.

- Antes de aposentar qual era a sua função?

Eu trabalhei em vários setores, como eletricitista, como coordenador e por último trabalhei como gerente seccional, com relacionamento com o público. O início da carreira foi em 1963. A gente entrou praticamente fazendo algo diferente que a gente fazia lá fora, a empresa queria o empregado e deu toda estrutura, todo treinamento. Antigamente a empresa preparava o funcionário com o perfil dela, para não trazer os vícios e foi à empresa que me constituí, a minha família. A gente vestia a camisa da empresa pela valorização que ela dava para o empregado. E nesses longos anos eu que entrei como eletricitista e aposentei como gerente, me doava porque ela também reconhecia o meu trabalho. A gente era bem remunerado, tinha os incentivos, tivemos sucesso por isso.

Eu iniciei na CPFL, em 1969, depois me formei no 2º grau, tinha vaga em Lins, fui para lá, quando fiz o teste tinha duas cidades para trabalhar, Araçatuba e Bauru. Por sorte escolhi Bauru, uma cidade hospitaleira, maravilhosa. Minha esposa ficou chorando, porque nasceu lá, mas hoje ela não troca. Eles valorizaram a chegada da gente, a estada da gente.

- Há quanto tempo o Senhor está aposentado?

Há dez anos

- Em que medida que o Senhor acha que houve uma transformação no seu ciclo de vida depois da participar no PPA?

A mudança à gente começou despertar porque antes a gente vivia a empresa. Saí de lá, vinha para casa, voltava para a empresa e nunca tínhamos pensado como iria ser a aposentadoria e o PPA valorizou muito para essas mudanças, foi muito importante porque comecei a adaptar e encarar a realidade que amanhã seria um aposentado e com essas orientações foram importantíssimas e encaminha a gente para isso.

- Sr. acha que o 1º contato poderia ser diferente.

Acho que eles fazem uma convocação, não sei se é por análise de tempo, acho que não é todo mundo que participa, por etapas, acho que eles vão chamando aqueles que estão mais próximos.

Quando me chamaram fizeram uma carta de convocação me explicando e perguntando se a gente gostaria de participar, porque o pessoal lá era muito democrático.

- *O Sr. acha que já era um perfil do Sr. ou as informações contribuíram.*

A gente também na vida tem que estar preparado para tudo, não pode ficar naquele mundinho só da gente, nós temos que nos preparar para viver socialmente, então a gente já tinha um relacionamento maior mas o PPA contribuiu dando as informações técnicas de como fazer.

- *O Sr. acha que o programa minimizou o impacto provocado da passagem do trabalho para aposentadoria.*

Sim, contribuiu muito, minimizou bastante, nos norteou, acho que foi bastante proveitoso, com as técnicas deles em relações humanas, nós éramos mais profissionais do que relações humanas, então nessa parte de relações humanas foi muito importante, respeitar os direitos dos outros, até quando a gente vai.

Eu lembro de uma dinâmica de respeito mútuo, de como se chegar, até onde devemos ir, observar e depois falar, quando a gente chega num lugar, mas pode ser dono, primeiro precisa analisar, para ter respeito mútuo.

- *O Sr. acha que essas informações teriam que vir da base.*

Não, acho que não, quando entrei não tinha, a empresa ainda era americana, naquele tempo, mas eles sentiram essa necessidade porque outros que aposentaram ficaram na berlinda, na sarjeta, e depois de uns anos eles começaram a orientar. Acho até que deveria ser quando entra na empresa no primeiro emprego, mas na realidade de hoje acho muito difícil, tudo mais privatizado, a parte humana fica mais esquecida, acho que estou sentindo que nós fomos valorizados, mas hoje não tem mais isso.

Depois que privatizou, no meu ponto de vista, visa só o cifrão, a produtividade, sem visar o ser humano e tratá-lo como ele dever ser tratado, acho que piora um pouco as nossas empresas, não sei as que não foram privatizadas como está, mas a maioria hoje é metas, metas e metas e esquece do ser humano.

- *O Sr. tinha alguma expectativa antes de ir.*

Não, ficava até curioso, mas não tinha expectativa, porque antes a gente só vivia a empresa, não tinha tempo nem de viver os filhos, quase não

tinha tempo para eles, pouco lazer. Não tinha expectativa, nem pensava que ia aposentar.

- Alterou a rotina do seu lar.

Não, não alterou, inclusive por essas orientações que a gente não devia atrapalhar a mulher, roubar o espaço dela, continuamos a respeitar o espaço dela, os horários das refeições era respeitado, o horário de chegar em casa e até hoje faz dez anos nós estamos vivendo dessa maneira.

- O que significa ser velho.

Não, eu não sou velho. Velho para mim, essa palavra é pesada, velho para mim é uma palavra muito feia, é inútil, para mim não serve. Faz dez anos que eu estou aposentado e posso dizer para você com toda certeza que estou mais ocupado agora do que quando estava na empresa, hoje encarei novos desafios, relacionamento muito maior, ampliei as minhas amizades, trabalhei com um amigo meu que tem Imobiliária, o desafio de ser corretor, hoje já não faço mais porque meus filhos já estão todos encaminhados, graças a Deus e hoje tenho condições de viver mais filantropicamente. Graças a Deus posso dizer que não tenho nada a pedir, só a agradecer, então vou contribuir com os outros, participo da Diretoria, ajudo nas creches, faço parte de uma entidade, ajudo bastante, faz 10 anos que eu aposentei e parece que foi ontem.

Então não me considero velho, tenho disposição ainda como um novo, é como se ainda tivesse 40 anos.

- Ser velho e ser aposentado é a mesma coisa.

Ser velho e ser aposentado, não, aposentado também considero uma palavra muito feia, aposentado não existe, sempre bati que aposentado é um mérito que tive, aposentado é quando para, não faz mais nada, não me considero aposentado.

- O que o Senhor sentiu no dia que aposentou.

É a gente sente, é uma convivência muito grande, 30 anos de empresa, é um relacionamento com os amigos, sadio, salutar, é muito emocionante, a gente sente, até uns 10, 12 dias para adaptar, mas é o seguinte, apego também, tem tempo, tem momento, você não pode ficar

sempre apegado às coisas que é passageira, o trabalho, a aposentadoria, eu passei, agora tenho que vivenciar outras realidades.

- Se o Senhor tivesse que dar uma dica qual seria.

Eu diria, a pessoa para aposentar teria que ter bastante detalhes, pedir orientações, simplesmente aposentar é um pouco difícil, acho que tem que ter um preparo bom, porque muda completamente a vida da gente, tem gente que aposenta, fica depressivo, muda, ele tem que encarar a realidade.

Acho que tem que se preparar, senão balança um pouco.

Conheço pessoas que não se prepararam e tiveram diversos problemas, depressão e às vezes a empresa oferecia e eles achavam que não devia. O relacionamento antes tem que ser muito bom. Meu conselho é que faça uma reflexão antes para poder encarar.

O Salmo da Bíblia que eu gostaria de falar é muito importante na vida da gente.

Os irmãos somos todos nós da superfície da terra. Nós nascemos todos irmãos. Outra coisa que as pessoas não valorizam é a associação dos aposentados, tem uma casa para gente ficar, oferece lazer, as pessoas renegam e ficam às vezes marginalizadas com a parte dos vícios, então acho que esse salmo aí seria o respeito com os irmãos, irmão com irmão e a nossa associação é a união que nós temos, agora dia dos pais nós vamos ter um almoço, confraternização é muito importante você sair da rotina e encontrar amigos de muitos tempos. Aqui valoriza muito o social, faz essas confraternizações e às vezes você encontra pessoas que não vê a 20 anos. Isso é muito importante, você se sente até emocionado.

Sou Maçom, é uma filosofia de vida, sou membro da maçonaria, não é religião, é uma filosofia de vida filantrópica de ajudar os outros, porque na maçonaria é o seguinte você não poder ir lá com interesse de querer alguma coisa, você vai lá para doar alguma coisa, aquele potencial que você tem que ajudar as pessoas. Na maçonaria uma coisa muito importante é a união com a família e ajudar o próximo. Talvez a humanidade esteja precisando de mais preparo espiritual.

Você tem que ir se preparando para a realidade e você fazendo esse preparo espiritual você também se sente bem, é uma entidade filantrópica,

além da gente ajudar no lar ajuda na creche, não monetariamente, mas doando um pouco do que a gente sabe fazer, fazendo eventos, isso ajuda muito, a gente na caminhada, nossa, porque graças a Deus a gente tem aquilo que nós quando entramos na empresa, formar uma vida, nós conseguimos tudo, hoje nós fazemos em agradecimentos. Depois que aposentei tive tempo para tudo isso, antes vivia socialmente nas festas da empresa, hoje tenho tempo e faço com afinco, com amor, com carinho, isso é muito gratificante.

Faz 20 anos que estou na maçonaria. É uma ordem Universal , só os homens participam das reuniões, mas as famílias participam de todos os eventos que nós fazemos, os almoços, jantares beneficentes.

Eu queria dizer parabéns para você que faz um trabalho desse, interessado em saber como a gente está vivendo, você está na Universidade esse jeitinho seu deve ser para tentar ajudar as pessoas, não esperava você vir aqui hoje na Associação, encontrei você aí interessada em saber dos problemas nossos, saber como os aposentados estão vivendo, que maneira estão vivendo, agora tudo o que falei para você é com realidade, as pessoas também tem que falar aquilo que sente para ajudar você.

Estou contente que a Associação está preocupada com esses assuntos e você está aí também preocupada em ajudar as pessoas, isso é muito importante, você sai por aí perdendo o seu tempo, quer dizer ganhando, seria muito bom que outras pessoas tivessem a sua preocupação, eu adoraria também.

Entrevista M.C.

- Fale sobre o PPA.

O PPA foi muito bom, foi excelente, no qual nos ensinou como a gente se prepararia para a aposentadoria. A aposentadoria a gente pensa uma coisa mas na realidade seria outra. Então a gente ficou muito satisfeita com a nossa preparação lá em Jurumirin.

Na semana nós tivemos debate de vários assuntos, tivemos brincadeiras, enfim várias coisas alternadas, aliás, até a piscina estava aberta se alguém quisesse. Fiz em outubro ou novembro de 1987, fiquei trabalhando mais um ano e depois fui me aposentar.

- O que o Sr. fazia antes de se aposentar.

Era motorista especializado em manutenção de helicóptero. Então trabalhávamos com um caminhão que era uma oficina mecânica, nós dávamos toda assistência dentro e fora do Estado. Em janeiro de 2003, fez 14 anos que me aposentei.

- Em que medida houve alguma transformação no seu ciclo de vida depois que participou do Programa?

Mudou bastante, este programa fala da convivência da família e família é uma coisa muito boa, a gente que só viajava, não tinha uma constante dentro de casa, nosso convívio era sexta à tarde, sábado e domingo, na segunda já viajava novamente, tanto é que praticamente não vi os meus filhos crescerem, vim depois de aposentado a conviver com meus filhos. Eles nos ensinam muito como a gente deve direcionar para dentro de casa, porque a gente está acostumada com determinada coisa e em casa é outra então, por exemplo, a gente vê um pozinho em cima dos móveis e já quer criar atrito com a esposa, aquilo não está certo naquele local e não é por aí. Ele nos ensinou muito como proceder dentro de casa.

- Senhor acha que o primeiro contato poderia ser diferente.

Depende. Ela fazia um tipo de sorteio para convidar, enfim não foram todos que tiveram essa oportunidade. Fui convidado a participar desse programa no qual eu me sinto muito feliz.

- O Senhor acha que todas as informações contribuíram ou já era um perfil seu.

A gente também tem que ter nosso perfil próprio, mas não tenha dúvida que o programa valeu muito. Muitas coisas aprendemos, não só a gente como a mulher também aprendeu. Por exemplo, a gente fica mais à vontade, tem mais conversa, mais particularidade com a esposa, nós ficamos mais aberto, livre um com o outro e ter liberdade com as pessoas.

- *O Senhor acha que o PPA minimizou o impacto provocado da passagem do trabalho para aposentadoria?*

Ele ajudou bastante, porque a vida é o seguinte, não é só para aposentadoria, a gente tem que se preparar para tudo e a aposentadoria é uma coisa muito boa e hoje em dia está ficando muito difícil de se aposentar, com tudo o que está acontecendo no nosso país, e ela valeu muito para gente, a gente fica contente de estar no lugar que estamos hoje.

- *O Senhor acha que a preparação tem que vir da base?*

Acho que tudo tem de ter seu devido tempo. Hoje nos estamos ensinando na escola educação sexual. No nosso tempo seria um absurdo, hoje não, hoje tem que ser. A aposentadoria, acredito o seguinte, não no início que uma pessoa de 18 anos não vai querer saber disso, mas quando a gente está mais madura, depois dos 40, que a gente vai criando mais responsabilidade, acho que qualquer coisa que vier a ser feito para a preparação da aposentadoria vai ser boa.

- *Antes de ir, tinha alguma expectativa.*

Nenhuma, jamais saberia como seria o início, nem o fim.

- *O que significa ser velho.*

Essa é uma palavra que eu gosto de chamar de velho as pessoas por brincadeira e também se me chamarem de velho, não faço questão, porque temos que entender que a velhice chega, mas eu não me considero velho, me considero uma pessoa jovem, principalmente o espírito jovem. Tenho força para trabalhar ainda, não trabalho porque agora quero viver um pouquinho mais com a minha esposa passeando.

- *Ser velho e aposentado significa a mesma coisa.*

Acredito que não, para tudo tem uma consistente na vida, tem aquele aposentado que é velho, ou aquele velho que é aposentado, aquele que fica no banco do jardim jogando seus carteados, aquele que vai para pescaria, aquele que não faz nada, esse é o tipo do velho. Eu também me enquadrado aí, tenho minha parte, também gosto de pescaria, gosto de nadar, por outro lado tem aquele velho que não sai de casa, esse sim acredito que é o problema, ele é mais velho do que a própria velhice.

- *O que o Senhor sentiu no dia em que se aposentou.*

É o último dia, é uma experiência agradável até demais, mas despedir não é não. Você já está percebendo que estou me sentindo como se estivesse no dia e a emoção é grande (se emocionou).

Vários companheiros, várias companheiras que a gente não conhecia, então fizemos uma família ali dentro, então a despedida é muito chata, então a gente se comove demais, porque não sabe se vai voltar a ver esses companheiros de novo.

- Como é que o Senhor se sentiu depois de aposentado?.

Me aposentei por exemplo hoje, daí 30 dias já tinha comprado um comércio, então praticamente vim fazer a aposentadoria minha trabalhando, só que de uma maneira diferente, tinha o estabelecimento então fui me divertindo com o trabalho, com contato com outras pessoas, com outras experiências de vida, foi se criando mais amizades e me senti muito bem, tanto é que não parei, vendi aquele, comprei outro, outro, agora que estou mais estaguinado.

- A rotina em sua casa mudou.

Mudou para melhor graças a Deus, a gente vem convivendo mais com a família, tem mais tempo, os churrasquinhos nossos aumentaram mais, chamo o pessoal e vamos lá.

- Se o Senhor tivesse que dar uma dica. Qual seria.

Eu diria a essa pessoa que aposentadoria é muito boa, saiba compreender, não fazer uma outra alternativa de vida porque a gente tem que conviver com ela como se fosse um trabalho de um lado diferente é claro, de um lado do idoso, com os amigos, com a família, enfim com tudo que você é aproveitar esse resto de vida que te sobra, porque quando você fala em aposentadoria parece que está morrendo e não é nada disso. Então acho que como dizem que a vida começa aos 40, aposentadoria pra gente é aos 40 também, então a gente tem que agarrar e desfrutar da melhor maneira possível.

Nós temos uma equipe de companheiros que fazemos duas viagens por ano, pelo menos todo mês de março, a gente freta um ônibus e vai para o Guarujá, é sagrado, é a colônia de férias do ex-Banco Bandeirantes, isso é um gozo que nós temos que é muito importante para a família e no final do

ano a gente também viaja. No ano passado nós fomos para as Águas Quentes. Este ano pretendemos ir para as Serras Gaúchas.

Gostaria de falar de um grupo de amigos que a gente tem a mais de 15 anos, desde quando a gente fazia um teatro para CESP. Esse teatro uniu muito o nosso grupo, foi muito bom, fomos quatro vezes para São Paulo apresentar o espetáculo, no teatro, na CIESP e em outros lugares.

Esse teatro foi montado por uma teatróloga de São Paulo, chamada Eladir. Ela quis fazer um teatro e veio a Bauru porque tinha várias pessoas que se aposentaram e que tinham feito o PPA. Ela juntou esse grupo para fazer o elenco teatral. A peça chamava-se “O amanhã” e falava da vida cotidiana desde que nós iniciamos na Cia. A pessoa que iniciou novo depois ficou velho, e não queria deixar a Cia. E se ele saísse da Cia. não teria uma pessoa à altura para ficar no lugar dele, e aí ele foi vendo que não era nada daquilo e ele se aposentou, ficou contente, saiu com a esposa dele, saiu para pescar. Tenho a fita gravada, se você não conseguir em São Paulo, lhe envio uma cópia. Não tem como contar para você o teatro que mais uma vez a emoção toma conta da gente.

Entrevista D. A . G.

“ Um passado saudosos e um futuro sem resposta. Prezados companheiros, a Fundação CESP registra um universo de aproximadamente 31.000 aposentados e pensionistas e a Associação dos Aposentados da Fundação CESP abriga 18.700 sócios inscritos. A diferença de 12.300 (39,7%) representa os não sócios, que merecem o mesmo carinho por parte da Associação, apesar de representarem um valor aproximado – a menos – em sua receita de R\$ 125.000,00/mês.

O universo registrado está vinculado às antigas provedoras, empresas “mães”, que proporcionavam a grande parte dos aposentados, uma vida planejada – família, educação dos filhos, vínculo empregatício carregado com orgulho, caminho profissional, garantidas pelos planos de cargos e carreiras – razão da incorporação, em nossos sobrenomes, dos nomes das empresas (Bento da CESP, Aparecido da CPFL), agregando valores das empresas “mães”.

Valeu a pena e muito!

Porém, no momento a realidade é outra, principalmente quando comparamos a quantidade de ativos filiados à Fundação CESP (18.700), com o número de aposentados (31.000), lembrando que: os ativos estão distribuídos em catorze empresas provedoras e buscam a construção de novos e divergentes valores.

O nosso enfoque doravante, em opinião pessoal, é deveras preocupante, vejamos: Projetando-se para 2030 os mesmos números que existem na faixa etária de 61 a 70 anos (8.116 aposentados) e não considerando os óbitos, teremos o mesmo número, em faixa não abrangida pelos estudos atuários: de 88 a 97 anos.

Como registro, apenas, atualmente existem 556 aposentados com idade entre 71 a 80 anos e 300 aposentados acima de 81 anos (sem óbitos, estes 300 estariam com 108 anos, em 2030).

Com essa estimativa e considerando que apenas um pequeno percentual dos atuais ativos se aposentará pela FUNCESP, com suplementação, teremos um menor número de aposentados e uma AAFC fantasticamente forte e robusta, provavelmente, com a não existência de sócios em locais que hoje registramos com muita representatividade.

Preocupante, muito preocupante!!!

Preocupante também é contar na composição do Conselho de Curadores da Fundação CESP, com apenas dois Conselheiros aposentados num total de dezoito, sendo seis os representantes dos ativos.

Preocupante é ter um patrimônio elevadíssimo dos suplementados aposentados e não receber a devida atenção dos Comitês Gestores formados pelas empresas, lembrando que muitos dos dirigentes de hoje, serão companheiros aposentados do amanhã.

Preocupante é saber que existem 6.517 complementados (aposentados e pensionistas), que não conhecem antecipadamente as novas regras que deverão ser definidas logo pelo governo, numa expectativa terrível, sabendo que os complementados foram os responsáveis pela existência da Fundação CESP e da Associação. (...) Diante de uma situação econômica, financeira e política preocupante no nível governamental,

principalmente com as polêmicas reformas a serem implantadas, esta Associação dos Aposentados da Fundação CESP não poderia ficar à mercê dos acontecimentos. Assim visto buscamos, no Seminário Alternativas (junho/2003), a obtenção de dados, valores e informações que melhor indiquem o caminho para tratar o nosso futuro, proporcionando frentes de trabalho em assuntos/problemas de grande importância, sempre fortificando os objetivos da AAFC. (...) A velocidade com que os acontecimentos estão surgindo é muito superior à capacidade espontânea dos colaboradores para propor soluções e/ou, pelo menos as diretrizes a serem tomadas para as necessárias transformações. (...) A existência de uma Fundação como a nossa, o pioneirismo de nossos antigos companheiros, a memória, os nossos valores, como ficarão? Registramos: É lamentável desprezar os direitos conquistados, de forma legal e determinada pelos governos através dos anos, e lamentável igualmente fechar os olhos e simplesmente oficial, esquecendo que os complementados construíram o maior Parque Gerador de Eletricidade do País.” (D. A . G)

Entrevista (B. V.)

Um pouquinho antes de trabalhar na Associação tinha uma pessoa que tinha feito o PPA e que estava trabalhando na Associação, ele insistiu para que eu viesse para a Associação e a gente criou, mas não chegou a deslanchar, um grupo de trabalho dos pré-aposentados, que trabalharia as dificuldades do pré-aposentado, seria um elo entre eles e a Associação. Essa era nossa pretensão, mas o ativo é muito egoísta, alias o ser humano é muito egoísta, mas o ativo é mais, quando ele ouvia o que queria, não voltava mais, toda reunião você tinha que começar lá do início, então não andava e só se resolvia àqueles problemas momentâneos, eles ouviam o que queriam, iam embora e não retornavam. Nós resolvemos não fazer mais. Não deu certo.

Fui trabalhar na Associação como Diretora, mas não podia assinar, só depois que me aposentei, eu já estava na segunda gestão, era Vice do Takatika - Diretor Secretário e depois fiquei quatro anos na Diretoria Social.

A Associação começou com uns aposentados que tinham dificuldade, eles não tinham Plano de Saúde, não podiam usar as pousadas. Por conta dessa falta de acompanhamento, foi criado um grupo da CESP que começou a acompanhar esse pessoal, passado algum tempo a CESP doou umas ações para administrar esses aposentados.

As empresas estatais em determinação do Governo estimulavam as Associações, tinha Associação dos Advogados, Associação dos Engenheiros, e tinha Associação dos aposentados que congrega todos os profissionais juntos, por isso somos esse número, as outras são específicas, nós não, nós temos eletricitas, advogados, assistentes sociais, podemos pegar todas e com o incentivo do Governo para aposentadoria, nós crescemos muito. Hoje qual é o nosso papel. O estatuto determina que seja defensora junto às empresas patrocinadoras, a Fundação e as Entidades Estaduais, Federais, esse é o nosso papel, fazer um trabalho social. O social, social mesmo aqui em São Paulo pouco se faz, por força da pressão que estamos recebendo. De uns anos para cá o aposentado virou bandido, principalmente nós que somos aposentados pelo Estado, nós viramos marajás, nós viramos bandido, nós estamos tomando o dinheiro do Estado.

Quando eu entrei na empresa nem sabia que tinha uma complementação de aposentadoria, e era tão bom que se criou para o suplementado, com parte de contribuição dele e duas partes da empresa. Por bandidos somos todos bandidos. Hoje existe essa pressão externa. Hoje principalmente o que estamos cuidando são das ações que já foram, que estão sendo julgadas a deis anos, que o Governo segurou tudo de propósito, essa do FGTS eu tenho ação desde 1992, onze anos e ele segura. Todas as ações têm de oito a dez anos, nenhuma ação é julgada em um ano.

Hoje o nosso trabalho esta voltado para essa modificação fiscal que o Governo quer fazer, para essa mudança na Previdência que é preocupante para todo mundo. Você trabalhou com um tipo de contrato, claro que a gente tem que doar um pouco da gente, mas não dividir, dividir não, eu paguei, porque é que eu vou pagar de novo, porque alguém roubou, então, percebe é uma tratativa ingrata com o aposentado, temos que administrar isso, não

adianta ficar só reclamando. Nós temos essa preocupação por termos quase dezenove mil associados.

Presumia-se que quando se aposentava, os filhos já estivessem formados, mas isso nem sempre é verdadeiro, porque tem o segundo casamento e o filho pode estar pequenininho.

Eu acho que para realidade de hoje ele é necessário, não sei com que recurso. Acho que na verdade a empresa tem que começar mais cedo, porque cinco anos é pouco, embora pelo que a gente vê ninguém mais vai se aposentar nas empresas hoje, as que vão se aposentar era as que já estavam, porque as que entraram depois disso não vão se aposentar, porque a um outro interesse em torno da aposentadoria, os empregados são rotativos, provavelmente eles não vão contribuir para as aposentadorias suplementares. O Governo esta conduzindo para isso e tudo conduz para os bancos. O dinheiro são deles, são muito fortes, jogam mais para o Governo.

Os Programas vão servir como apoio, porque como projeto eu acho difícil as pessoas decidirem ali. Eu acho difícil as empresas tirarem cinquenta pessoas ou vinte casais, quarenta pessoas, é um projeto caro, você vai comer, dormir e pagar profissionais, é um projeto caro, acho difícil alguém investir dinheiro nisso. Se não partir das empresas eu acho difícil.

A gente chama os aposentados para vir, eles não vem, às vezes até para uma festa. As mulheres, não vem, não estão interessadas com o que vai acontecer. Você tem que seduzir, principalmente as mulheres, elas estão interessadas no tempo, fazem tratamento, não dão bola.

Não é só isso, isso não é tudo. A saúde é importante, o que vai acontecer com a minha higiene. É tudo. A vida é tudo.

Fico muito tempo na associação, vivo a associação, adoro a associação, mas não é só isso, falta tudo.

E as pessoas você percebe que você chama para algumas coisas, mas elas não vêm. Movimentam-se, demora a cair à ficha, sabia. Nós estamos em plena Campanha da Vacinação contra Gripe. Estou trabalhando nela agora e ainda vai até o final do mês em alguns lugares. Saiu a co-participação de cada pessoa e é de R\$ 0,78 à R\$ 3,10. Nossa vacina saiu para o plano R\$ 15,40 e ela custa R\$ 40,00 reais lá fora. O pessoal não se

movimenta. A gente fez a Campanha de prevenção de doenças da Próstata, esse ano é que deu “bum”.

Não posso fazer, não tenho esse dinheiro. Esse dinheiro é do plano de saúde. Disponibilizo espaço, coordeno um negócio lindo, mas olha foi duro quebrar o tabu.

Não tem importância, não deu resultado a gente faz de novo. É assim que a gente trabalha. Em Batatais eu não tive uma vacina, olha o camarada se disponibilizou, arrumou espaço e não apareceu ninguém para tomar a vacina contra gripe. O pessoal não está atento. Precisa acordar. O que é isso. Não sabe, não percebe. Olha minha consciência. Outro dia encontrei uma amiga, você vê o plano de saúde é auto-sustentável. Quem são os fiscais? Nós. Encontrei uma amiga que não via há muito tempo, uma amiga querida. Eu tinha visto a menininha dela quando tinha 02 anos. Ela nem conhecia minha filha que já tem 20 anos. Então veja a quanto tempo a gente não se vê. Eu e minha filha fizemos uns 25 exames. Percebe, esse médico manda, eu vou naquele médico, naquele, naquele. Para com isso, vai ocupar o seu tempo com outra coisa.

Esse Programa seria importante para levantar essas coisas, conscientizar. Você não vai morrer porque se aposentou, você pode fazer isso é só querer, é você que vai conduzir sua vida, como quer, fazer o que quer, só viajar, você tem dinheiro para isso. Vai, se te agrada, qual é o problema. Mas não esqueça que está viajando e o dinheiro tem que cair no banco, e como ele vai cair?

Porque você tem que reivindicar, ou porque você tem que controlar, ou você tem que acompanhar a nova legislação, senão você se aposenta do mundo. Você só se aposenta do trabalho, mas você pode fazer outro.

Nossa filosofia é diferente de outras que respeitam o idoso, porque realmente ele é mais sábio, não adianta dizer, no mínimo tem mais experiências, pode te ajudar em algumas coisas. Então ele tem que ser respeitado, assim como a criança tem que ser respeitada. Claro, é complicado, é difícil porque eu acho assim, hoje tem esses remédios para depressão, aliviou muito, mas se você lembrar um pouco para trás a gente via muitos idosos tristes, eram deprimidos mesmo. Porque claro eles eram

deixados de lado, tive exemplo de pessoas conhecidas que ficava sentada na cadeira , o dia inteiro sozinhas, ninguém ligava para elas. Na hora da refeição trocavam meia dúzia de palavras, mas ninguém ia lá conversar, deixar ela contar histórias. Porque o idoso, ele repete mesmo. Eu já trabalhei na Diretoria com aposentados, hoje eles vêm nos visitar, e aquela história que ele está contando eu já ouvi no mínimo umas trinta vezes. Mas deixa-o contar, o que é que tem? Não tem importância, ele pensa que não contou ainda, e para ele aquilo é importante, é a história de vida dele. Então é isso, a gente tem que falar e manter isso em casa também, é o respeito.

Quando a pessoa sai da empresa, perde o referencial, deixa de ser ela. Na família a pessoa passa a incomodar porque se não houver um trabalho com os dois, eu acho que era sábio levar o casal porque a gente fazia dramatização, se falava do tempo disponível do casal, aquela coisa do marido chegar e começar levantar a tampa da panela, verificar o que se comprou na feira. Conferir um trabalho que a mulher sempre soube fazer sozinha. Ele não está fazendo a título de conferência, mas ela começa se sentir assim. Na verdade um começa a cobrar do outro, coisas que não eram cobradas, porque ninguém tinha muito tempo e hoje tem muito tempo livre e não sabe o que fazer.

Acho difícil o Programa levar em consideração a história de vida de cada pessoa, são funcionários de diversas funções com histórias diferentes, ainda mais numa empresa desse porte. No nosso caso ele agregava pessoas de todos os lugares, por exemplo: conheci um rapaz que a gente chamava de miudinho, ele tinha quase dois metros, tanto de altura como largura e a esposa dele também. Eu o conheci nesse Programa e fui reencontrá-lo dentro da Associação, eu como Diretora e ele como Representante regional de Três Lagoas, quer dizer a vida dele completamente diferente, os objetivos iguais, as histórias de vida dentro da empresa iguais, porque ela muda o local, ela conserva a característica local, mas o objetivo é um só.

Então os Programas são bem parecidos. A gente vê nossa regional, elas são todas parecidas, mas você faz isso e considera a característica local para poder administrar, como é essa gente que frequenta a

Associação. Ainda brinco, você conhece o seu eleitorado, como é que vou tratar, faço uma regra e eles têm que adaptar. Nem tudo o que é implantado em São Paulo, quadradinho, dá certo lá, porque eles têm uma vida mais pessoal.

Eu acho que você tem que considerar algumas coisas básicas, por exemplo, se for tratar um casal, o casamento é parecido, então as esposas provavelmente vão ter as mesmas preocupações, os mesmos aborrecimentos, os maridos as mesmas reclamações, no que é parecido, agora individualizar é muito difícil porque é uma questão de personalidade. Aquele que é muito tímido não se coloca em público, a gente vê num grupo as pessoas que se sobressaem de alguma forma e outras que fazem trabalho de formiguinha porque não gostam de aparecer. Um pouco de característica da personalidade e a gente tem que respeitar.

Acho que quase que individualizar não, mas deveria não sei se antes ou depois responder um questionário para você dependendo do objetivo, se tiver à oportunidade de chamar mais uma segunda vez, aí você já fez uma leitura daquilo. Se for um trabalho único, no nosso caso não era, fazer uma proposta para você conhecer superficialmente como é a pessoa, como ela se coloca. Fica difícil por mais habilidade que o monitor tenha ali no local, ele vai ter dificuldade. Nós fazíamos um relaxamento, tinha gente que roncava, dormia, quer dizer ou porque não estava ligado, ou porque realmente aproveitou demais, como você analisa uma sensação dessa. Claro ele aproveitou para tirar um cochilo, não está nem aí, ou puxa eu consegui relaxar tanto que eu até dormi. Quer dizer, é difícil.

Você tendo um Projeto de duas participações, você pode tirar proveito no resultado do primeiro e melhorar no segundo, senão fica difícil trabalhar. O RH sempre tem um prontuário que fala mais ou menos das pessoas, porque acho difícil você fazer um trabalho em cima das pessoas se nunca fez nada com elas, porque é muito pessoal. Assim uma empresa que nunca deu um curso, nunca sensibilizou para alguma coisa, nunca deu uma palestra, não teve contato nenhum, você vem de fora com um Programa e a empresa aceitou, você solicita o prontuário e só tem uma ficha de admissão ,

não tem dados nenhum, tem que começar de alguma maneira, talvez teria que ser um processo.

